



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

BRAGA

A representação do papel das mulheres
nas princesas da Disney

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Comunicação
Digital.**

Teresa Catarina Pereira da Silva

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

NOVEMBRO 2024



CATÓLICA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

BRAGA

A representação do papel das mulheres
nas princesas da Disney

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Comunicação
Digital.**

Teresa Catarina Pereira da Silva

Sob a Orientação do Prof. Doutor **Simone Petrella**

Resumo

O estudo explora a estratégia adotada pela Walt Disney Studios para compreender a representação do papel mulheres nas princesas da Disney, através da criação de diversas narrativas. Desta forma, procura-se analisar a recepção e a percepção da audiência em relação a esses filmes, de modo a entender como estas narrativas podem influenciar os estereótipos de gênero. O estudo fornece uma análise da influência cultural e social exercida pelos filmes de princesas da Disney, sobre os estereótipos e padrões de beleza existentes, particularmente no contexto do desenvolvimento do movimento feminista.

A investigação adota uma abordagem qualitativa, utilizando a análise de conteúdo e entrevistas semiestruturadas. Na presente dissertação, foram analisados cinco filmes de princesas da Disney, desde 1937 até 2021. O objetivo é compreender como a empresa Walt Disney redefiniu a imagem e o significado da princesa enquanto figura feminina através das suas narrativas, ao longo do tempo. As entrevistas semiestruturadas permitem avaliar a recepção e a percepção da audiência em relação aos filmes de princesas da Disney, visando compreender como essas narrativas são interpretadas. Os filmes selecionados para análise incluem "Branca de Neve" (1937), "Pocahontas" (1995), "Brave- Indomável" (2012), "Frozen" (2013) e "Raya e o Último Dragão" (2021).

Os resultados do estudo permitiram concluir que houve uma evolução na representação dos papéis das mulheres nas princesas da Disney. Através de narrativas cada vez mais igualitárias, a Walt Disney tem evoluído na representação das suas princesas, oferecendo-lhes mais oportunidades e autonomia. Esta mudança acompanha o progresso das ideologias feministas e as profundas transformações sociais e culturais ocorridas desde o final do século XX. Estas princesas contemporâneas revelam-se fortes e independentes, ao contrário do que acontecia com as princesas clássicas. No entanto, apesar de existir maior diversidade, inclusão, e igualdade, os ideais de beleza, ainda persistentes nestas personagens, como a magreza e a simetria facial, revelam fortalecer os padrões de beleza e os estereótipos de gênero na sociedade.

Abstract

This study explores the strategy adopted by Walt Disney Studios to understand the representation of women in Disney princesses through the creation of diverse narratives. In this way, it seeks to analyze how these narratives and the audience's perception of them influence gender stereotypes. The study provides an analysis of the cultural and social influence exerted by Disney princess films on existing beauty standards and stereotypes, particularly in the context of the development of the feminist movement.

A qualitative approach was adopted, using content analysis and semi-structured interviews. In the present dissertation, five Disney princess films were analyzed, from 1937 to 2021. The objective is to understand how Walt Disney redefined the image and meaning of the princess as a female figure through its narratives over time. Semi-structured interviews allow assessing the audience's reception and perception of Disney princess films, aiming to understand how these narratives are interpreted. The selected films for analysis include "Snow White" (1937), "Pocahontas" (1995), "Brave" (2012), "Frozen" (2013), and "Raya and the Last Dragon" (2021).

The results of the study allowed us to conclude that there has been an evolution in the representation of women's roles in Disney princesses. Through increasingly egalitarian narratives, Walt Disney has evolved in the representation of its princesses, offering them more opportunities and autonomy. This change accompanies the progress of feminist ideologies and the profound social and cultural transformations that have occurred since the end of the 20th century. These contemporary princesses reveal themselves to be strong and independent, contrary to what happened with the classic princesses. However, despite greater diversity, inclusion, and equality, the ideals of beauty, still persistent in these characters, such as thinness and facial symmetry, reveal a reinforcement of beauty standards and gender stereotypes in society.

Dedicatória

À minha mãe pela esperança,
Ao meu pai por acreditar sempre em mim,
Ao meu companheiro de vida pelo apoio,
Às minhas sobrinhas Bárbara, Kyara e Thelma:
por me mostrarem que a felicidade é sobre pequenas coisas.

Por fim, a todas as mulheres que lutam pela sua sobrevivência,
em países que não as permitem ser mulheres.
Também a todas as mulheres que sofrem
violentas atrocidades e abusos no canto
mais habitado pela humanidade,
mas ignoradas pela justiça.
Eu vejo-vos e luto por nós.

Agradecimentos

Este é um início de um grande sonho meu. Aqueles que acompanham o meu percurso, mais de perto, sabem o quanto esta dissertação significa para mim. O tema em si diz-me bastante. Foi através deste trabalho que curei muitas feridas do abuso contra a mulher, algo que acontece frequentemente, mais do que aquilo que eu desejava, inclusive a mim, e a outras mulheres que conheci ao longo da minha vida. O abuso é uma ferida que destrói a mulher, mas também a sociedade. É com a mulher que começa a vida, nascemos de uma mulher, a nossa mãe, que nos permite nutrir e desenvolver enquanto seres humanos. No entanto, os abusos existentes face ao sexo feminino são verdadeiras atrocidades que violam a vida em si. Um paradoxo incompreensível, portanto. Sei que grande parte da minha missão de vida será dedicar-me às causas sociais. Mas sobretudo, contribuir com investigação que permita fornecer respostas, e que permita a cura da sociedade de grandes enfermidades que aprisionam as pessoas de viver no ódio, em guerras, na violência, com racismo ou qualquer outra forma de intolerância.

Assim, sendo, gostaria de agradecer, primeiramente, ao meu orientador, Professor Doutor Simone Petrella, pela ajuda que me prestou ao longo desta dissertação. Pela sua paciência e amizade em momentos mais difíceis. Acredito vivamente que a sua humanidade me ajudou bastante a percorrer o caminho académico de forma mais leve e feliz. Aos meus pais por todo o carinho e força. Se existem pessoas com um coração maior que o seu próprio ser, são eles. Obrigada à minha mãe que sempre sonhou comigo e é sempre o melhor abraço deste mundo. Grata por ter um pai que acredita sempre que posso voar mais alto do que aquilo que eu penso. É mesmo o meu super-herói. São pessoas extraordinárias para o seu tempo, e que aceitaram o desafio de criar uma filha com uma ambição desmedida. São pais, e um casal, que se deliciam com as pequenas vitórias da vida, e ensinaram-me a fazer o mesmo. Vivo pelos seus conselhos e por saber que sou o bem mais precioso na vida deles. Ao meu companheiro que sempre me apoiou em tudo. Fez os possíveis e impossíveis por mim, amou-me incondicionalmente e ajudou-me a superar momentos duros, próprios da vida. Nunca conseguirei agradecer a sua amabilidade e generosidade para comigo. É um homem maravilhoso e a sua presença permite-me viver um amor que nunca pensei que existisse.

À minha sobrinha mais velha, Bárbara, agradeço pela luz e sensibilidade que me trouxe com a sua presença. Aprendi muito com ela sobre crianças, mas sobretudo sobre os adultos.

Obrigada aos meus grandes professores, ao longo dos últimos cinco anos, pela partilha de conhecimento e aprendizagens que ficarão, certamente, para a vida. Um agradecimento especial ao Professor Doutor Manuel Cunha e Simone Petrella que me ajudaram sempre com palavras amigas e compreensão em momentos de fragilidade na minha saúde. À professora Doutora Clarisse Pessôa, uma mulher brilhante e inteligente, por ter sido uma grande mentora que me marcou positivamente no percurso académico. À Professora Doutora Sónia Silva, obrigada pelo acompanhamento, e pelas suas palavras esperançosas, durante os seminários que decorreram no último ano letivo.

Gostaria, ainda, de agradecer a todas as mulheres que viveram abusos físicos, sexuais e/ou psicológicos, pela sua coragem e força em resistir aos dias de tormento, próprios do trauma. Vocês foram a grande força motora desta dissertação. Todas vocês são, sem sombras de dúvidas, verdadeiras guerreiras. E, portanto, mesmo que, às vezes, os dias vos pesem, digo-vos:

Nunca desistam da vida, nem dos vossos sonhos!

“Change is incremental. It takes building blocks to create the world that we want to live in. And yes, even though you can be completely right, it doesn't mean that the world is ready for that. The front line of change, of pushing that progress, is deterred by each of us continually pressing forward in a way that brings people to the table.”

Amanda Nguyen, Forbes.

ÍNDICE

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1. A TRAJETÓRIA DO MOVIMENTO FEMINISTA E A CONQUISTA DA EMANCIPAÇÃO	3
1.1. O Movimento Feminista	3
1.2. Emancipação Feminina.....	7
1.3. Ondas Feministas.....	9
2. O MUNDO DE WALT DISNEY	11
2.1. O Sucesso na Expansão da Disney	11
2.2. A Disney como uma Indústria Cultural	13
3. A REPRESENTAÇÃO FEMININA PELAS PRINCESAS DA DISNEY	15
3.1. A Influência dos Filmes da Disney para a Educação Feminista.....	15
3.2. As Princesas Clássicas da Disney: Imaginário Coletivo e Contribuição para a Criação de Estereótipos Sociais	16
3.3. Ideais de feminilidade adquiridos a partir dos filmes das Princesas da Disney	20
3.4. Princesas Feministas: Um Novo Modelo das Princesas da Disney	26
3.5. A Representação Masculina nos Filmes das Princesas da Disney	29
4. METODOLOGIA.....	33
4.1. Metodologia Qualitativa	33
4.2. Análise de Conteúdo.....	34
4.3. Entrevistas semiestruturadas.....	40
4.3.1. Caracterização da amostra	42
5. ANÁLISE DAS NARRATIVAS DAS PRINCESAS DA DISNEY	44
5.1. Princesas Clássicas (Branca de Neve, 1937).....	44
5.1.1. Evolução, Diversidade e Inclusão	44
5.1.2. Amor Romântico	45

5.1.3.	Representação feminina.....	45
5.1.4.	Dependência vs. Independência	47
5.1.5.	Ativismo e Liderança.....	47
5.2.	Princesas Rebeldes (Pocahontas 1995).....	48
5.2.1.	Evolução, Diversidade e Inclusão	48
5.2.2.	Amor Romântico	49
5.2.3.	Representação feminina.....	49
5.2.4.	Dependência vs. Independência	50
5.2.5.	Ativismo e Liderança.....	50
5.3.	Princesas Contemporâneas	51
5.3.1.	Brave- Indomável (2012).....	51
5.3.1.1.	Evolução, Diversidade e Inclusão	51
5.3.1.2.	Amor Romântico	52
5.3.1.3.	Representação feminina.....	52
5.3.1.4.	Dependência vs. Independência	53
5.3.1.5.	Ativismo e Liderança.....	53
5.3.2.	Frozen- O Reino do Gelo.....	54
5.3.2.1.	Evolução, Diversidade e Inclusão	54
5.3.2.2.	Amor Romântico	55
5.3.2.3.	Representação feminina.....	56
5.3.2.4.	Dependência vs. Independência	57
5.3.2.5.	Ativismo e Liderança.....	58
5.3.3.	Raya e o Último Dragão	58
5.3.3.1.	Evolução, Diversidade e Inclusão	58
5.3.3.2.	Amor Romântico	59
5.3.3.3.	Representação feminina.....	59
5.3.3.4.	Dependência vs. Independência	61
5.3.3.5.	Ativismo e Liderança.....	61

6.	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	62
6.1.	Imagem e significado de princesa enquanto mulher	62
6.1.1.	Padrões de Beleza nas Princesas da Disney	64
6.1.2.	Percepção sobre a representação física das princesas	66
6.1.3.	Modificações nas narrativas	67
6.2.	Evolução da representação das princesas ao longo do tempo	71
6.3.	Desafios aos estereótipos nas novas narrativas	74
6.4.	Influência dos filmes das princesas na infância e na vida adulta	76
7.	DISCUSSÃO E SÍNTESE CRÍTICA DOS RESULTADOS.....	79
7.1.	Recriação da imagem da princesa pela Disney	79
7.2.	Percepção da audiência sobre as narrativas das princesas da Disney.....	83
7.3.	Influência das princesas da Disney nos estereótipos e padrões de beleza...	86
8.	CONCLUSÃO.....	90
	Referências Bibliográficas	92
	Referências Cinematográficas	110
	Anexos	111
	Guião da entrevista	111

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 Apresentação das princesas.....	27
Tabela 2 Significação das Princesas	36
Tabela 3 Características das princesas.....	38
Tabela 4 Eixos e Dimensões de Análise.....	42

Introdução

Os filmes das princesas da *Disney* têm acompanhado a cultura desde o século XX, influenciando aspetos da vida quotidiana (Krasniewicz, 2010). É, neste contexto, que se torna essencial analisar o modo como estas narrativas cinematográficas influenciam a sociedade, tendo em consideração o potencial de criação e contribuição para o aumento de padrões de beleza e estereótipos no século XXI. Assim, perceber de que forma a Walt Disney Studios tem procurado recriar a imagem e o significado de princesa enquanto mulher através das suas narrativas, é o principal ponto de partida desta dissertação. É importante compreender que estes filmes podem retratar as personagens do sexo feminino de maneira estereotipada, encaixando-os em papéis responsáveis por atitudes e comportamentos que poderão remeter à fragilidade ou à força, à passividade feminina ou ao guerreirismo masculino, podendo perpetuar ideias como a dependência de uma mulher por um príncipe salvador. As suas narrativas poderão promover padrões de beleza inatingíveis, principalmente no sexo feminino, estabelecendo uma conexão entre o valor de uma mulher e a sua beleza, e levando, portanto, o público a sentir falta de inclusão e pertencimento nos filmes das princesas da Disney (Rahiman, 2016). Apesar de existir uma mudança significativa no modo como são produzidas as narrativas de princesas, persistem algumas lacunas significativas, especialmente no que se refere à representação da imagem das personagens, que raramente se diferencia dos padrões de beleza criados pela sociedade. Grande parte desta representação alinha-se aos convencionalismos de beleza estabelecidos pela sociedade (Chan, 2022). Para além disso, os filmes da Disney frequentemente exploram a dicotomia social através das suas personagens. Isto poderá alimentar preconceitos e desigualdades no modo como percebemos as pessoas de diferentes classes sociais, podendo reforçar a ideia de que a felicidade está intrinsecamente ligada à quantidade de dinheiro que uma pessoa possui.

Em suma, com esta investigação é desejado compreender como a Walt Disney tem procurado recriar a imagem e o significado de princesa enquanto mulher através de histórias com diferentes narrativas; analisar a receção e perceção da audiência em relação aos filmes de princesas da Disney, visando entender como essas narrativas são interpretadas; e por fim, compreender se e de que forma os filmes das princesas da Disney

podem influenciar e de que modo criaram potenciais estereótipos e padrões de beleza na sociedade do século XXI.

Questão de Partida

-De que forma a Walt Disney Studios tem procurado recriar a imagem e o significado de princesa enquanto mulher através das suas narrativas?

Objetivos

- Compreender de que modo a Walt Disney tem reformulado a imagem e o papel da princesa enquanto representação da mulher, através da introdução de narrativas diversificadas nas suas histórias;

- Analisar a receção e perceção da audiência em relação aos filmes de princesas da Disney, visando compreender como essas narrativas são interpretadas;

- Compreender se e de que forma as narrativas de princesas da Disney podem influenciar e de que modo criaram potenciais estereótipos e padrões de beleza na sociedade do século XXI.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. A TRAJETÓRIA DO MOVIMENTO FEMINISTA E A CONQUISTA DA EMANCIPAÇÃO

O movimento feminista emerge no panorama sociocultural como uma força importante pela conquista da igualdade de gênero, deixando um legado dos movimentos das décadas de 1960, 1970 e 1980, com a criação de programas de estudos para as mulheres, estabelecimentos e centros de abrigos para as vítimas de abusos sexuais e de violência doméstica, organizações políticas, marcando assim o desenvolvimento do feminismo e promovendo a independência da mulher na sociedade até atualmente (Nicholson, 2010).

Este capítulo explora a procura por igualdade de gênero, que levou à emancipação feminina em diversas áreas da vida de uma mulher, desempenhando um papel crucial na análise das representações das mulheres nas princesas da Disney e estabelecendo um sólido contexto histórico e ideológico. O capítulo está organizado por três subcapítulos, o primeiro aborda a origem e desenvolvimento do movimento feminista, o segundo apresenta como as mulheres ganharam mais poder de decisão, libertando-se das construções tradicionais e procurando autonomia numa sociedade patriarcal, e o terceiro dedica-se às três principais ondas feministas, que permitiram registrar avanços nas lutas do movimento.

1.1. O Movimento Feminista

Durante as últimas décadas, desde 1950, com a apresentação do primeiro filme, Branca de Neve, as princesas da Disney têm desempenhado papéis que se tornaram icônicos na cultura e na sociedade, atraindo gerações através das suas histórias encantadas e mágicas. No entanto, à medida que a sociedade evolui e o movimento feminista ganha mais força, surgiram questões sobre como as narrativas e as personagens femininas eram representadas, influenciando a percepção não só das mulheres, mas também dos homens,

sobre os papéis femininos (Venkat, 2015). Desta maneira, torna-se necessário aprofundar o conhecimento sobre a evolução do movimento feminista dentro da sociedade e como isso levou à transformação das narrativas das princesas da Disney. Assim poderemos perceber o impacto do movimento feminista para a construção de narrativas mais igualitárias, menos sexistas, e que contribuem para o empoderamento feminino, mesmo que existam, ainda, carências no modo como as mulheres são representadas nestes filmes (Garabedian, 2014).

“O movimento feminista caracteriza-se como movimento social- aqui compreendido como ações coletivas que são fontes de inovação geradoras de saberes, dotados de caráter democrático e cidadão, que possuem um projeto de sociedade- uma vez que busca a transformação das relações sociais, a redefinição dos papéis sociais, dos discursos e das identidades.”. (Luvizotto et al., 2020, p. 154)

Ao longo dos séculos o movimento feminista foi-se formando através do diálogo entre várias mulheres de diferentes etnias, classes, gerações, nacionalidades e orientações sexuais, permitindo identificar diversos problemas presentes numa sociedade meramente guiada pelo patriarcado (Nicholson, 2010). As diversas perspectivas de inúmeras mulheres que participaram nas ondas feministas, guiaram-nas a uma sociedade com mais possibilidades e oportunidades, ajudando-as a enfrentar várias formas de opressão e marginalização, e conseguindo obter maior poder de decisão na sociedade (*idem*).

A diversidade de perspectivas, e não um único ponto de vista, foi o que sempre caracterizou as ondas feministas. Essa pluralidade, apesar das diferentes origens e experiências, foi fundamental para fortalecer o movimento, unindo as mulheres em torno de um objetivo em comum. Um exemplo disso foi a origem do movimento *Women's Suffrage* (Mulheres Sufragistas), considerada como a primeira onda do feminismo, no final do século XIX e início do século XX (Zirbel, 2021). A segunda onda ocorreu em meados da década de 1960, crescendo na década de 1970 e propagando-se devido a inúmeros contextos sociais nas décadas posteriores que trouxeram a terceira onda feminista (*idem*).

Para uma compreensão mais abrangente das lutas enfrentadas pelo movimento feminista e das adversidades suportadas pelo grupo, torna-se pertinente conhecer o conceito do trauma coletivo, pois o movimento feminista encontra-se integrado numa comunidade que vivenciou desafios profundos, deixando, portanto, um impacto traumático

entre suas comunidades. Segundo Hirschberger (2018) o trauma coletivo representa uma crise que culmina numa memória coletiva, permitindo aos grupos redefinirem a sua identidade e direção futura. Para o autor a existência do trauma coletivo histórico pode desencadear a criação de uma nova narrativa para o grupo que reconhece os crimes e utiliza-os como pano de fundo para destacar ações positivas, como é o caso do movimento feminista. O trauma coletivo refere-se às reações psicológicas, ou seja, a um evento traumático que afetam a sociedade, como por exemplo a mutilação genital, violência sexual, física e psicológica nas mulheres (*idem*). Este trauma psicológico danifica as ideias e expectativas familiares de um indivíduo ou da sociedade sobre o mundo, colocando-os num patamar confuso e incerto, e levando, conseqüentemente à destruição deliberada e sistemática de um grupo étnico, racial, religioso ou nacional, pois o mundo nunca mais é o mesmo após o evento traumático coletivo (Aydin, 2017). Para Hirschberger a constante reconstrução do trauma é uma tentativa de dar significado aos eventos passados, refletindo as mudanças na compreensão social e cultural do trauma ao longo das gerações, por isso a memória coletiva do trauma é um processo de constante reinterpretação e reconfiguração que molda a história de um evento traumático para que seja possível adequar-se às necessidades e perspectivas dos grupos em contínua evolução. Apesar do trauma desorganizar a economia psíquica de um grupo, pois as crenças, valores e expectativas que constituem a sua identidade cultural são profundamente abalados e perturbados, o coletivo feminino é um fenômeno que permeia a história e a vivência das mulheres, moldando as suas identidades e permitindo a evolução do movimento feminista (Aydin, 2017).

A construção da história foi um espaço exclusivo ao masculino por um longo período. À mulher foi negada a autonomia que permita a criação. Existindo, para si, apenas uma vida de sacrifícios e servidão ao homem, uma vida sem história pessoal, lutas, conquistas, sonhos e projetos realizados. O patriarcado favoreceu as criações e obras masculinas mantendo a mulher confinada a certos valores e comportamentos aceites como normais numa sociedade denominada pela submissão ao homem (Saraiva, 2021).

À mulher é negada a autonomia, a subjetividade necessária à criação. O que lhe cabe é a encarnação mítica dos extremos da alteridade, do misterioso e intransigente outro, confrontado com veneração e temor. O que lhe cabe é uma vida de sacrifícios e servidão, uma vida sem história própria. Demônio ou bruxa, anjo ou fada,

ela é mediadora entre o artista e o desconhecido, instruindo-o em degradação ou exalando pureza. É musa ou criatura, nunca criadora (Telles, 2004, p. 337).

As mulheres, historicamente, estiveram numa posição subordinada ao homem em todos os aspetos da sua vida, o que, por sua vez, impediu a conquista da sua própria liberdade individual, e retirou direitos que hoje são considerados inalienáveis na vida das mulheres em países desenvolvidos. Segundo Wolf (1992) a imposição de padrões de beleza irrealistas é uma estratégia utilizada para contrapor o feminismo, restringindo a liberdade e evolução da mulher na sociedade. Enquanto as mulheres libertam-se da vida doméstica, o mito da beleza ganha mais estrutura e presença na sociedade, favorecendo a sociedade patriarcal. As indústrias da cosmética e das dietas alimentares passaram a obter um lucro desfasado, devido, principalmente, às pressões culturais sobre a imagem da mulher, o que contribui para a sua insegurança. No entanto, a autora defende que o mito da beleza nada terá a ver com as mulheres, mas sim com as instituições masculinas e o poder institucional dos homens.

Ora, a mulher sempre foi, senão a escrava do homem, pelo menos a sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições; e ainda hoje, embora a sua condição esteja a evoluir, a mulher arca com um pesado *handicap*. Em quase nenhum país o estatuto legal é idêntico ao homem e muitas vezes este último prejudica-a consideravelmente. Mesmo que os direitos lhe são abstratamente reconhecidos, um longo hábito impede que encontrem nos costumes a sua expressão concreta. (Beauvoir, 2009, p. 21)

Ainda que tenham existido evoluções na sociedade e no mercado de trabalho acerca da igualdade de género, através do movimento feminista, muitas práticas ainda permanecem desiguais e discriminatórias em instituições públicas e privadas. A lógica masculina continua a desempenhar um papel dominante nas dinâmicas profissionais. (Marques, 2010)

Economicamente, homens e mulheres constituem como que duas castas; em igualdade de condições, primeiros têm condições mais vantajosas, salários mais altos, maiores possibilidades de êxito que as suas concorrentes recém-chegadas. Ocupam na indústria, na política, etc., maior número de lugares e os postos mais importantes. (...)

no momento em que as mulheres começam a tomar parte na elaboração do mundo, esse mundo é ainda um mundo que pertence aos homens. (Beauvoir, 2009, p. 21)

Num contexto histórico e social, durante o século XX, as mulheres enfrentaram uma multiplicidade de desafios que abrangiam áreas cruciais das suas vidas. As restrições na educação, na carreira, salários desiguais, controlo sobre o seu próprio corpo como o acesso às pilulas anticoncepcionais e questões de saúde reprodutiva, violência, opressão e limitações legais restringiam a mulher na decisão de poder sobre o divórcio, heranças familiares e custódia dos filhos (Beauvoir, 2009). Estas questões refletiam um ambiente limitador para a autonomia e igualdade de oportunidades para as mulheres.

Relativamente à educação, torna-se cada vez mais importante questionar a divisão sexual no trabalho, de modo a existir uma alteração entre as futuras gerações. A integração da mulher no sistema de trabalho não é integral, sendo, portanto, restringida pela manutenção do trabalho que atribui para cuidar da sua família. Para além disso, apesar das licenças de maternidade serem atribuídas, atualmente, em Portugal, também, aos homens, conferem especialmente às mulheres pressão para saírem temporariamente do mercado de trabalho (Wall et al., 2019). Desta forma, as políticas de bem-estar social e as estruturas de trabalho tradicionais mantêm a mulher em desvantagem no mercado de trabalho, limitando as oportunidades de emprego, e perpetuando a divisão desigual do trabalho doméstico e do cuidado com as crianças, reforçando assim os estereótipos associados ao sexo (Godinho, 2004).

1.2. Emancipação Feminina

Relativamente à emancipação feminina, o autor Plum (2022) afirma que as mulheres solteiras, durante os séculos XV e XVI, eram vistas, na época, como um elemento nocivo para a sociedade, principalmente aquelas que se encontravam sem “assistência masculina”, encontrando-se numa posição vulnerável onde a sua comunidade as olhava com desconfiança. Segundo o autor isso pode explicar a acusação de bruxaria ser dirigida maioritariamente às mulheres que não eram casadas ou viúvas.

Com o desenvolvimento do movimento feminista, as mulheres esperavam prosperar em áreas indicadas apenas para homens e denominadas de masculinas, principalmente em 1960 e 1970, onde as feministas trabalharam para criar cursos de história onde predominavam grandes exposições que celebravam as mulheres do passado (Bennet, 1989). Segundo Beauvoir (2009), as mulheres ao entrarem num mundo patriarcal muitas vezes afirmavam-se como homens de maneira a serem incluídas entre estes, desta forma negavam a sua fragilidade física própria do sexo feminino. Isto porque a humanidade considera-se masculina e a mulher é definida por ele como um ser não autónomo. As mulheres para se afirmarem nas suas carreiras profissionais atribuíam a si mesmas, muitas vezes, características masculinas, como o adiamento da menstruação por medicação, para serem aceites num mundo dominado por homens (*idem*).

A introdução das mulheres na vida académica, no final do século XIX e início do XX, implicou limitações na sua aprendizagem e desafios nas instituições. Áreas como medicina, literacia, arquitetura, engenharia, entre outros cursos prestigiados apenas eram acessíveis aos homens (Pedro, 2005). No entanto, o desejo das mulheres alcançarem os seus sonhos tornou-se maior, sem que tivessem restrições impostas por uma sociedade patriarcal que as impedia de realizar um percurso de vida autónomo. A autora Dyhouse (2006) demonstra dados relativos ao número de estudantes na Inglaterra, principalmente em anos onde perduravam as guerras. A partir dos dados, a autora revela que em 1901 havia 11,755 alunos do sexo masculino e 2,090 do feminino em todas as universidades inglesas. Durante 1937 e 1938 o número de estudantes aumentou para 28,409 alunos e 7,969 alunas. Segundo Dyhouse o acesso à universidade durante esta época era muito exclusivo. As mulheres que entravam na universidade no final do século XIX e início do século XX eram a minoria, e por ser tão raro apareciam em notícias de jornais nos seus países (Pedro, 2005). Foi o desejo da liberdade individual que levou ao surgimento do movimento feminista, e, portanto, a pertença feminina na vida académica fazia parte do grande projeto da sua independência. A universidade era um espaço de maior liberdade, onde existia lugar para opiniões e críticas, e apesar de existir vigilância, permitia que as mulheres abordassem temas relevantes para o seu desenvolvimento (*idem*).

Ao longo das quatro ondas, o feminismo, segundo Malinowska (2020), tem como objetivo central combater as diversas formas de opressão de gênero, transformando as estruturas sociais, económicas e políticas. Esta evolução teve início internamente,

permeando tanto as leis quanto a sociedade, permitindo moldar gradualmente as mentalidades. Na Europa e nos países norte-americanos os principais quadros discutidos eram em torno da sexualidade feminina e da livre disposição do seu corpo, assumindo uma autonomia total sobre si (Bittencourt, 2015). No entanto, existe uma notável disparidade entre as mulheres progressistas da sociedade asiática, especialmente as de religião islâmica, encontrando-se ainda nos estágios iniciais pela busca de direitos conseguidos pelas mulheres europeias:

Importante situar, ainda de que forma superficial, a diferença de reivindicações das mulheres progressistas nos países asiáticos, principalmente nos de religião islâmica, as quais se situam nos primeiros passos de liberdade de expressão, deslocamento, disposição de atos civis, como o divórcio e a guarda dos filhos, a recusa aos casamentos arranjados e as relações sexuais forçadas com maridos, a exposição mínima do corpo, a educação formal e o ingresso nas universidades, a remuneração e reconhecimento no mercado de trabalho e principalmente o fim das mutilações genitais ou sexuais das mulheres e crianças, além das penas de apedrejamento e morte ao adultério, por exemplo. (Bittencourt, 2015, p. 207)

1.3. Ondas Feministas

As ondas feministas permitem-nos perceber de que forma o movimento contribuiu para a sociedade do século XXI, identificando os seus principais objetivos ao longo dos anos e de que modo melhoraram a qualidade de vida das mulheres na sociedade. O movimento feminista abordou questões cruciais como a liberdade sexual, acesso a profissões reservadas aos homens, melhorias nas condições do trabalho assalariado, igualdade de gênero na educação, superação de estereótipos, e reforma do direito matrimonial, que colocava as mulheres numa posição subordinada (Alhumaid, 2019).

A primeira onda feminista surgiu no final do século XIX e no início do século XX, e traduziu diversas mudanças a partir de movimentos em massa de mulheres que aconteceram no espaço público, não só com a luta pela isonomia e pelo sufrágio, mas também pelas mudanças políticas, jurídicas e trabalhistas que se foram apresentando na Europa. Existia uma autoridade sobre a mulher, controlando a sua vida e servindo-se da

religião, filosofia, economia e política para justificar a submissão da mulher (Zirbel, 2021). Portanto, a primeira vaga do movimento feminista, desde a sua origem em 1880, focava nos direitos fundamentais das mulheres à educação, trabalho, voto e participação no espaço público, libertando as mulheres das restrições do patriarcado (Herouach, 2019).

A segunda onda feminista, ocorreu entre 1960 e 1990, depois da segunda guerra mundial e priorizou a luta do direito à liberdade do corpo e contra o patriarcado (Pedro, 2005). O movimento priorizou o empoderamento das mulheres relativamente aos direitos reprodutivos e à sua sexualidade, mas também ampliou as suas abordagens a diversas questões incluindo a oportunidade de igualdade de oportunidades educacionais e profissionais, a equidade salarial nos ambientes de trabalho, licença de maternidade remunerada, controlo da natalidade através da pílula e direito ao aborto (Mohajan, 2022).

A terceira onda do movimento feminista tornou-se um marco na luta pela igualdade de gênero, ganhando cada vez mais força a partir de 1990 e permanecendo até aos dias atuais. Foram reconhecidos direitos, concentrando-se também na diversidade e identificando as diferentes formas de discriminação, tais como a classe social e orientação sexual. Desta forma, foi possível diminuir as camadas de opressão existentes nas diversas áreas da vida de uma mulher. Observou-se a emergência de posicionamentos e formas de organizações distintas, devido principalmente à conjuntura dos países e pela sua localização geopolítica. Surgindo assim inúmeros desafios que são colocados como prioridade pelo movimento feminista (Bittencourt, 2015). O movimento feminista dirigiu os quadros mais importantes para o avanço da independência da mulher que visavam a sua completa autonomia no que dizia respeito à sua sexualidade e livre disposição do corpo pela mulher. Estabelecem-se, assim, debates com temas pertinentes às questões urgentes do feminismo como a sua segurança e diversas formas de violência como o abuso sexual e violência doméstica (Mohajan, 2022). A terceira onda do movimento feminista permitiu e representou a evolução e ampliação da visão das mulheres, possibilitando a diversidade de experiências do sexo feminino, e uma sociedade mais igualitária e justa para todos. Segundo Malinowska (2020), desde o início, que o cenário televisivo, predominantemente masculino, reforçou os papéis sociais de gênero, excluindo as mulheres de posições de liderança e confinando-as a funções técnicas, administrativas ou de entretenimento. A conquista do movimento libertou a mulher da submissão aos homens, possibilitando-lhes o

acesso a oportunidade de emprego equivalentes, bem como autonomia individual para tomar decisões sobre as suas vidas e escolhas.

No panorama atual, ainda que sejam necessárias transformações, a mulher tem papéis multifacetados, podendo escolher assumir qualquer um deles se assim pretender, seja ser mãe, casar, estudar e/ou prosseguir com uma carreira. Os desafios que ainda persistem requerem uma abordagem sistêmica e colaborativa entre a sociedade, as instituições e o movimento feminista. O feminismo atual simboliza e retrata a dedicação de uma luta por direitos das mulheres, mas também um anseio e desejo pela justiça coletiva, respeito e dignidade para qualquer pessoa, independentemente do seu gênero (Zirbel, 2021).

No seguinte capítulo iremos abordar a evolução e sucesso da Walt Disney como uma indústria cultural, destacando o seu crescimento exponencial, mas também o seu sucesso em cativar audiências. Desta forma poderemos compreender melhor a representação das mulheres pelas princesas da Disney.

2. O MUNDO DE WALT DISNEY

A abordagem da Disney, como uma indústria cultural, permite obter uma lente valiosa para a compreensão da reprodução de padrões de beleza e estereótipos de gênero, disseminados pelos Estados Unidos da América. O facto da Disney ser uma força cultural global, torna necessário e importante o estudo de como desempenha um papel dominante na formação cultural, podendo reforçar questões de género, etnia, religião e *status* económico. Assim, este capítulo encontra-se dividido em dois subcapítulos, o primeiro sobre o sucesso e expansão da Disney e o segundo sobre a Disney como indústria cultural.

2.1. O Sucesso na Expansão da Disney

Walt Disney, juntamente com o seu irmão *Roy*, seguiu rumo à Califórnia, onde abriram o seu primeiro estúdio da Disney e começaram por produzir curtas-metragens inovadoras, que combinavam o *live-action* e a animação (Kransniewicz, 2010). Em 1928 Walt Disney lançou desenhos animados como *Steamboat Willie*, o primeiro desenho animado sonoro, *Mickey Mouse*, que se tornou, até aos dias de hoje uma sensação cultural,

sendo um dos primeiros personagens a aparecer numa vasta gama de *merchandise*, e Branca de Neve, em 1937, que teve um sucesso colossal, um filme que resultou de um *Academy Award* para Walt Disney (*idem*). Walt foi o primeiro magnata do cinema que percebeu que a televisão seria um aliado e não um adversário ao fazer uma série para a *American Broadcasting Company* possibilitando a aproximação entre a televisão e o cinema, e sendo o primeiro a juntar programas de televisão, longas-metragens de animação, filmes em live-action, documentários, parque temáticos, música, livros, *comics*, *merchandise* de personagens e filmes educacionais sob uma única marca empresarial (Gabler, 2006). A empresa, até atualmente, permanece popular no coração e na mente das pessoas no mundo inteiro, devido, principalmente, ao facto de como a marca foi nutrida, controlada, comercializada e promovida globalmente. Assim como acontece com as personagens da Disney que foram criadas e promovidas de modo a alcançar as pessoas profundamente, refletindo, portanto, mais do que uma empresa, uma família, que está presente em diversos meios como a televisão, livros, músicas ou até mesmo na compra de bilhetes aos seus parques temáticos, aproximando o público da marca através do desenvolvimento de uma reputação de uma empresa que produz entretenimento positivo, saudável, familiar e infantil (Wasko, 2001).

O primeiro parque temático da Disney no mundo, fundado por Walt Disney, localizava-se em Anaheim, Califórnia, Estados Unidos, em 17 de junho de 1955, por meio do seu crescimento contínuo (Chen et al., 2022) expandiu-se para vários mercados, incluindo a abertura da Walt Disney World em Orlando em 1971, Tokyo Disneyland em 1983, Disneyland Paris em 1992, Hong Kong Disneyland em 2005, e Shanghai Disneyland em 2016 (Mittermeier, 2021). Durante o tempo em que Walt Disney esteve vivo, lucrou com quase 300 milhões de dólares com filmes *live-action* e pouco abaixo de 100 milhões de dólares com as animações de longa-metragem, para além disso, ainda 60 milhões de pessoas tinham visitado a Disneyland, após a sua morte, em 1966, 240 milhões de pessoas viram um filme da Disney, uma audiência semanal de 100 milhões assistiram a um programa de televisão, 50 milhões ouviram discos, 80 milhões compraram *merchandise da Disney*, 150 milhões leram histórias em quadrinhos e 80 milhões viram um filme educacional (Gabler, 2006). O relatório anual de 2020 mostrou que as principais operações da empresa incluem redes de *media*, parques temáticos e *resorts*, entretenimento cinematográfico e televisivo, bens de consumo e media interativa, no entanto os parques da

Disney e o seu canal de cinema e televisão, o *Disney Plus*, constituem as principais fontes de receita da empresa, apontando para 73,7 milhões de assinantes, em 2020, um aumento de 16 milhões relativamente ao mesmo trimestre fiscal do ano anterior, 2019 (Chen et al., 2022). No segundo trimestre fiscal de 2021, o lucro líquido da Disney cresceu 95,87% para 901 milhões de dólares (*idem*).

2.2. A Disney como uma Indústria Cultural

Compreender a Walt Disney como uma indústria cultural torna-se fundamental para desvelar a sua influência na construção de valores, normas e ideologias através das suas produções cinematográficas, televisivas e parques temáticos.

Assim é fundamental conhecer que a escola de Frankfurt cunhou o termo “indústrias culturais” para descrever o processo de industrialização da cultura, que resulta na produção em massa de elementos culturais. Esta perspetiva refletia o modo como a cultura se reproduzia nas sociedades contemporâneas, destacando o seu papel crucial como agentes da socialização e mediadores da realidade política, tendo efeitos significativos nos âmbitos económico, político, cultural e social (Kellner, 1999). A indústria cultural, de acordo com os teóricos da escola de Frankfurt, é uma produção cultural em massa que funciona como uma forma unilateral de comunicação através da qual a classe dominante, que controla os media, utiliza-os como instrumentos para proteger os seus interesses e promover ativamente os seus valores, concedendo-lhes a capacidade de disseminar e legitimar as suas ideologias. Assim a indústria cultural reflete passivamente as preferências da sociedade, mas também desempenha um papel ativo na perceção pública e na construção cultural e social (Khandizaji, 2017). Uma das primeiras formas culturais de produção em massa que surgiu no século XX foi o cinema, que era baseado em novas tecnologias que possibilitaram a reprodução de mundos fantasiosos, alterando os padrões da sociedade (Kellner, 1999). Os filmes tornaram-se uma importante força na socialização, apresentando modelos sobre como as pessoas deveriam agir na sua vida, dando instruções sobre o vestuário, moda, o amor, o casamento e a carreira. Até os filmes destinados a crianças como os desenhos animados de Walt Disney e outros filmes populares de Hollywood ofereciam perspetivas e compreensões sobre o comportamento do ser humano no mundo,

produzindo estereótipos e mitos, e narrativas que refletem padrões e valores culturais (Santos, 2007).

A Walt Disney é uma empresa que se destaca como uma indústria cultural pela sua tendência em reproduzir padrões, e uma disseminação da cultura americana, pois os temas frequentes nestas narrativas incorporam numerosos elementos da tradição ocidental (Lin & Tzou, 2015). As corporações multinacionais, na área do entretenimento, como a Walt Disney, tornaram-se uma força dominante na formação da cultura mediática, existindo um grande interesse por parte das empresas de brinquedos, que aumentou o fluxo e o uso crescente de materiais escolares, pelas crianças, de personagens de filmes em espaços escolares, influenciando a cultura e a vida diária das crianças e adultos (Giroux, 1998). A empresa Walt Disney incorporou mensagens educacionais nos seus produtos de entretenimento, como os filmes e desenhos animados, transformando o lazer numa formação cultural da sociedade, assim como Walt Disney, também outras indústrias de entretenimento, em Hollywood, incorporavam valores culturais, sociais e educacionais nas suas produções cinematográficas reforçando, muitas vezes, estereótipos e normas sociais relacionadas com o gênero, a etnia, a religião e a classe social (Giroux & Pollock, 2010).

A Walt Disney desde a sua origem até à expansão global reflete um legado duradouro na cultura e na sociedade, alcançando milhões de pessoas no mundo, principalmente, com personagens icônicas como o Mickey Mouse, que se tornou a imagem da marca. A sua expansão em diversas formas de entretenimento, como os filmes cinematográficos, programas de televisão e parques temáticos destaca o impacto global e a influência da marca como formadora de valores, na construção cultural e social.

No seguinte capítulo seguinte será abordada a representação feminina pelas princesas da Disney, de modo a compreender de que forma se encontra representada a mulher nestas narrativas cinematográficas, e se, de facto, as personagens dos filmes, contribuem para a perpetuação de padrões de beleza estereótipos de gênero.

3. A REPRESENTAÇÃO FEMININA PELAS PRINCESAS DA DISNEY

As narrativas dos filmes de princesas da Disney acompanharam a evolução do movimento feminista, e, portanto, a partir da segunda onda feminista, que incluía questões como a sexualidade, reprodução, família e trabalho doméstico, as personagens femininas tornavam-se mais focadas em procurar o seu próprio valor, salvando-se a si próprias de situações antes protagonizadas por homens, levando, desta maneira, a que estas histórias se tornassem reflexo do progresso das ideologias feministas (Huang et al., 2023). Neste contexto, torna-se essencial abordar a sua influência para a educação feminista, compreender o impacto das princesas clássicas da Disney na formação de estereótipos e padrões de beleza, perpetuados pelas produções cinematográficas da Disney. Assim, será possível, explorar o surgimento dos modelos mais recentes alinhados com o feminismo.

3.1. A Influência dos Filmes da Disney para a Educação Feminista

As mulheres têm protagonizado papéis ativos, em debates cruciais, ao denunciar desigualdades de gênero e na desconstrução de padrões e estereótipos, fomentando uma reflexão crítica sobre os papéis sociais atribuídos ao sexo feminino e masculino na sociedade. Para Luhmann (1992) a sociedade é vista como um sistema de comunicação, destacando a importância das interações comunicativas na compreensão da sociedade, sendo que esta comunicação ocorre sobre o ambiente, mas também com o ambiente. É da sociedade que provêm os padrões de beleza, pois são construídos culturalmente através daquilo que nos é transmitido desde a infância, contribuindo para o modo como vemos a sociedade e o mundo. Assim sendo, as crianças desempenham um papel ativo na construção e influência das suas próprias vidas sociais, assim como na sociedade em que estão inseridas, operando transformações na sua cultura, através do modo como a interpretam e integram, ou nos efeitos que produzem nesta (Sarmiento, 2008). A exposição à televisão e outros media têm sido responsáveis pela educação, tornando-se ativa na formação enquanto indivíduos e demonstrando como devemos agir, comportar e vestir para que sejamos aceites socialmente. As crianças são o principal alvo, pois aquilo que

visualizam, seja através de filmes, livros ou brinquedos, é aquilo que assumem como realidade e verdade nas suas vidas (Pereira, 2015).

A Walt Disney Studios tornou-se uma grande empresa importante na educação das crianças, pois os filmes que transmitem, principalmente aqueles pertencentes às princesas, contribuem para a criação de mensagens que formulam regras e modelos a serem seguidos. Desde o nosso nascimento somos ensinados a comportarmo-nos de uma determinada maneira, com base nos estereótipos de género interiorizados culturalmente. Aquilo que é demonstrado ao público através da alegria e das cores dos filmes da Disney, esconde uma ideologia problemática que promove o consumismo, racismo, sexismo e a desigualdade social (Zarranz, 2007). Existem vários locais com carácter pedagógico tais como os media, a escola, a família e outros espaços sociais, que trazem modelos de vida a serem seguidos e podem reproduzir mensagens com preconceito, estereótipos e desigualdade de género, reforçando, portanto, um sistema de opressões e impedindo o desenvolvimento de uma sociedade mais igualitária.

3.2. As Princesas Clássicas da Disney: Imaginário Coletivo e Contribuição para a Criação de Estereótipos Sociais

Uma criança aos seis meses de idade começa a reconhecer a sua própria imagem no espelho, criando uma noção sobre a sua individualização e unidade do eu (Scarano & Pertile, 2021). No entanto, a sociedade desempenha um papel significativo no processo de identificação de um indivíduo seja através da socialização, identificação com grupos, normas e papéis sociais e influência dos media. Para Schöpflin (2010), no sistema da construção da identidade é necessário que exista uma hierarquia de normas, levando a que as pessoas sejam julgadoras de certo tipo de comportamentos, para poder aprovar outros. Esta dinâmica, ao longo do tempo, poderá ter contribuído para a formação de estereótipos associados aos papéis de género, influenciando as perceções coletivas sobre as tarefas e missões de vida atribuídas, e, assim, aprovando e desaprovando certos comportamentos (*idem*). Para além disso, o imaginário está presente na vida de cada indivíduo, a partir do momento em que nasce, estabelecendo contacto com o mundo e criando a sua própria visão sobre a vida, e contribuindo para a contínua propagação dos estereótipos sociais. Estes são pré-definidos por conceções realizadas pelos indivíduos acerca do mundo,

através das quais se criam os estereótipos e preconceitos, relativamente aos papéis das pessoas na sociedade, e sobre o modo como devem comportar-se na sua vida infantil e adulta, influenciando as áreas da sua vida (Florindo, 2021).

O primeiro filme de princesas da Disney, *A Branca de Neve*, do ano de 1937, espelha o imaginário coletivo sobre a maneira como estereotipavam as tarefas e missões de vida que cabiam ao sexo feminino e masculino (Wohlwend, 2012). As representações que se encontram presentes nas narrativas infantis moldam também o imaginário coletivo e o modo como os seres humanos percebem papéis, modelos, atitudes e comportamentos vinculados a um determinado sexo (Wohlwend, 2015). Portanto uma imagem pode conter inúmeras interpretações com base na sua experiência de vida, memória e cultura onde o indivíduo se encontra inserido (Virketienė & Raišienė, 2020). Algumas figuras, segundo Rautenberg (2010), deixam uma profunda marca na nossa memória coletiva, tais como os contos de fadas, como Cinderella ou Bela Adormecida.

Incorporado no imaginário coletivo, os estereótipos de gênero permaneciam divulgados pelos media através de anúncios televisivos, onde mostravam mulheres felizes na sua casa, com os seus afazeres, e os novos eletrodomésticos. A vida de dona de casa era vislumbrada pela sociedade como algo necessário, adequado e prazeroso para uma mulher e para a sua família:

Nos comerciais de televisão, as belas donas de casa ainda sorriam ao lavar louça, e a reportagem de capa da revista *Time* intitulada “A esposa suburbana, um fenômeno estadunidense” afirmava solenemente: “Se divertindo demais... para acreditar que poderiam ser infelizes.” A tristeza real da dona de casa estadunidense, no entanto, começou a ser relatada (...) embora quase todos que falassem a respeito encontrassem alguma razão superficial para desprezar o problema. Ele era atribuído à incompetência da assistência técnica de aparelhos domésticos (*New York Times*), à distância que era preciso percorrer com as crianças de carro no subúrbio (*Time*) e ao excesso de reuniões de pais e professores (*Redbook*). (Friedan, 2020, pp. 22-23)

Para Aumont (2002), o sujeito não é de definição simples, pois muitas determinações intervêm na sua relação com a imagem, tais como a sua capacidade perceptiva, o conhecimento, os afetos e as crenças que são modeladas pela afiliação a uma região da

história, a sua cultura, a época em que vive e a sua classe social. Portanto, o espetador constrói a imagem, e este mutuamente constrói o espetador, pois ele torna-se num parceiro ativo da imagem, tanto emocionalmente como cognitivamente. Quando assistimos a produções cinematográficas estamos expostos a diversas imagens em movimento, que podem conectar-se com os estados emocionais, memórias e experiências individuais passadas (Batista, 2009; Seamon, 2015). É desta forma que absorvemos imagens visuais de modo consciente, mas também inconscientemente. É no inconsciente que podemos assimilar e estruturar simbolismos e significados de imagens, que podem moldar o modo como percebemos o mundo e a sociedade. Segundo Debray (1994), as imagens possuem capacidade de moldar a percepção sobre o ambiente, pois atuam diretamente no inconsciente, podendo influenciar as nossas emoções e comportamento. Desta forma, é possível a criação de interpretações complexas sobre a sociedade, influenciando a percepção sobre questões sociais, positiva ou negativamente.

Um dos aspectos analisados pelo autor é a relação intrínseca entre a mente humana e a câmara: os acontecimentos dramáticos são moldados pelos movimentos internos da mente, ou seja, o espectador não vê a realidade objectiva mas um produto da mente que reúne todas as imagens recebidas. (Viegas, 2008, p. 38)

Os filmes das princesas da Disney podem perpetuar a presença de estereótipos sociais que podem ser prejudiciais, pois arriscam reforçar preconceitos na sociedade, e retratar as pessoas de diferentes culturas de forma distorcida. Torna-se importante, então, perceber de que modo as narrativas da Disney influenciam a percepção sobre a sociedade e o mundo.

As princesas clássicas como a Branca de Neve e os Sete Anões, Cinderela e Bela Adormecida são as principais personagens que nos vêm à memória quando se pensa em estereótipos sociais disseminados pela Disney (Breder, 2015). Através destas princesas foram gerados significados, acerca da imagem da mulher, desde 1937, com o lançamento do primeiro filme, A Branca de Neve. A transmissão deste género de filmes ao público atribuiu características que potenciaram a criação de estereótipos associados ao sexo feminino. As imagens das princesas da Disney propagam culturalmente os ideais de beleza que conhecemos hoje. Estas personagens, como as princesas clássicas que foram

identificadas, mostram-nos a distinção entre aquilo que é belo e aquilo que é feio, o que é certo e errado, contribuindo para a construção do nosso mundo, desde a infância, principalmente para as mulheres. Pois especifica, desde o princípio, as características que mostram o mundo como ele é, contribuindo para a educação social das crianças.

O patriarcado contribuiu para a evolução das narrativas cinematográficas estereotipadas e padronizadas. O conceito de patriarcado é visto como um sistema social da sociedade e a “própria palavra “patriarcado” é um composto de “pátria” que significa linhagem, “pater” como pai, e “archy” como “eu governo”, explicando a dominação do homem sobre maior parte das instituições (Ivena, 2018, p. 150). Estas produções demonstravam princesas que obedeciam a um padrão específico, pois casavam para se libertarem das madrastas. Segundo Ivena (2018) o casamento, nas narrativas cinematográficas das princesas da Disney, é visto como uma recompensa por terem vivido vidas com tanto sofrimento. Nos filmes clássicos das princesas da Disney foram construídas imagens e estereótipos relacionados com aquilo que a sociedade pensava sobre como a mulher deveria agir na vida, sendo edificado o pensamento de que certas tarefas eram para as mulheres e outras para os homens. Acreditava-se que a mulher nascera apenas para procriar e realizar tarefas domésticas, e isso era perpetuado neste género de filmes. Na verdade, os filmes das princesas, para além de contribuírem para a produção de estereótipos sociais, também eles refletiam a realidade em que se vivia no século XX, principalmente da mulher. Mulher esta, vista como um ser inferior que não podia ou devia ter vontade própria, nem autonomia pessoal. Isto verifica-se tanto nos filmes das princesas, como nos filmes de Hollywood. Para além disso, várias representações ilusórias sobre o amor foram reproduzidas pelos filmes de princesas da Disney, como a salvação da mulher por um príncipe encantado, o amor à primeira vista, e o casamento rápido, sem que exista um conhecimento maior sobre a pessoa com quem iam casar, sugerindo, portanto, que o sucesso e a felicidade de uma mulher dependia de um homem (Paula, 2020).

A construção deste tipo de estereótipos pode ser perigosa para a verdadeira avaliação de uma realidade, podendo criar uma ilusão, principalmente em idade jovem, que poderá ser confrontada com uma existência diferente. Isto pode levar à conclusão de que a vida não é um conto de fadas, e que as pessoas não são semelhantes, trazendo consigo personalidades e características físicas diferentes.

Assim, os contos de fadas clássicos levam-nos a repensar o modo como a estrutura cinematográfica dos filmes foi baseada em estereótipos muito subjacentes à época de 1950, contribuindo para que estes perdurassem até há pouco tempo, com a transformação das narrativas da Disney. Apesar do significativo esforço nas novas histórias das princesas da Disney, é ainda possível encontrar padrões de beleza e estereótipos de gênero (Johnson, 2015).

3.3. Ideais de feminilidade adquiridos a partir dos filmes das Princesas da Disney

Durante os finais do século XIX e início do XX acreditava-se que a mulher, ao permanecer em casa, estaria confortável e protegida, sendo um privilégio comparativamente à função dos homens na sociedade, que era trabalhar e sustentar a família (Garcia, 2021). No entanto, este pensamento acabou por oprimir o poder de decisão das mulheres, limitando-as em diversas áreas da sua vida, pois estavam completamente dependentes de um homem provedor para a sua sobrevivência.

Historicamente, a submissão das mulheres, ao contrário da dos homens, não foi pensada como sendo contrária à natureza humana. (...) a submissão é prescrita como o comportamento normal, moral e natural das mulheres. (Garcia, 2021, p. 3)

As narrativas das princesas, carregam consigo imagens para o nosso quotidiano, que transmitem ideais, convenções, conceitos e signos sobre aquilo que devemos ser na sociedade e que papel devemos desempenhar. Os filmes da Disney carregam significados e mensagens sobre os ideais de feminilidade, e estes encontram-se presentes na cultura e na sociedade. Consequentemente, desde muito jovens, as crianças, do sexo feminino, são condicionadas a seguir determinados padrões de comportamento.

A representação daquilo que é considerado bom e mau aparece nas narrativas das princesas da Disney de modo preconceituoso e estereotipado, mostrando personagens com figura esbelta, narizes pequenos e traços delicados como personagens do bem; e pessoas corpulentas, com narizes grandes, e traços pouco refinados, são vistos como vilões (Garofalo, 2013). É plausível detetar nas crianças que não se revêm nas características das personagens consideradas bonitas, uma falta de pertença no mundo, pois podem não

acreditar que atendem aos padrões de serem boas o suficiente para a sociedade. Na verdade, as personagens mais atrativas são consideradas como sendo moralmente mais virtuosas e menos agressivas, podendo alcançar resultados mais positivos na vida (Bazzini et al., 2010).

As princesas seguem, na maioria das vezes, um ideal de beleza inalcançável. Personagens como Branca de Neve, Cinderela, Aurora e até Elsa e Anna seguem o padrão europeu: pele branca e com cabelos claros, não refletindo a realidade das crianças nascidas na América Latina, África ou Ásia (Draegar, 2015). Isto pode levar a que se sintam desadequadas na sociedade a que pertencem, sem se conseguirem identificar com aquilo que é representado pelos meios de comunicação, pelo cinema, ou até pelas grandes marcas, que até hoje trouxeram um padrão exclusivo de beleza a ser seguido por todas as mulheres, para que sejam qualificadas de bonitas e adequadas (Silalahi et al., 2023). Apesar das princesas da Disney terem evoluído nos últimos anos, as personagens femininas do filme Frozen apresentam ainda aspetos negativos no que diz respeito à aparência da mulher (Silalahi et al., 2023). Existem aspetos visíveis que levam a uma regressão relativamente à imagem da mulher, nos filmes de princesas da Disney:

Anna e Elsa seguem fielmente o modelo ditado pela sociedade ocidental do que seria uma aparência perfeita, assim como as outras princesas. Jasmine, Pocahontas, Mulan, Tiana e Merida fogem um pouco do padrão, cada uma de sua maneira, mas absolutamente todas obedecem ao principal ponto do Mito da Beleza: o corpo magro e cintura fina (Draegar, 2015, p. 74).

Nos cenários destes filmes predomina o elemento da magia, da felicidade e do amor romântico, influenciando o olhar das crianças sobre o mundo e impactando o modo como desenvolvem a sua identidade, subjetividade e compreensão de si mesmas dentro do seu contexto cultural. Isto envolve também a influência sobre as normas, valores e crenças. Ou seja, a cultura exerce um papel fundamental sobre como as pessoas se veem, constroem as suas identidades e interagem com o mundo que as rodeia, ancorando-as em torno de proposições morais, como a ideia daquilo que é certo ou errado, que regula os seus valores e os comportamentos (Schöpflin, 2010). Assim, as narrativas cinematográficas das princesas da Disney constroem ideais de feminilidade através de simbolismos e mensagens

captadas pelos espetadores, baseados, principalmente, na forma como as mulheres são reproduzidas nestes filmes. As princesas da Disney influenciaram os padrões de feminilidade desde cedo, contribuindo para condicionamentos, tais como, o modo como a mulher se deve comportar numa sociedade (Guattari, 1996).

Apesar da evolução do movimento feminista, a mulher continua sustida, à valorização estética, e o homem à sua posição social, ao prestígio, dinheiro e na sua notoriedade perante a sociedade. No entanto, a “mulher objeto” (Lipovetsky, 2000) conseguiu romper com certas práticas da sociedade patriarcal, e alcançar a sua autonomia e individualismo, o que permitiu obter um futuro com mais possibilidades e igualdade. Contudo, continua a existir um aprisionamento na sua aparência, ou seja, aos ideais de feminilidade criados pela sociedade. Levando a repensar a liberdade cultural da mulher no mundo patriarcal. Por exemplo, o modo como a mulher se deve comportar na sua comunidade, é uma característica apreciada pelas personagens masculinas deste género de filmes, contribuindo para a cultura da submissão e servidão ao patriarcado (Jonhson, 2015).

As narrativas das princesas da Disney perpetuam a mensagem de que, para ser admirada e bem-sucedida, a mulher deve atender a padrões específicos de beleza e comportamento. "Por exemplo, Aurora, da Bela Adormecida, recebeu três presentes das fadas. Dois dos seus dons eram a beleza e a canção, que mais tarde atrai o seu príncipe." (Johnson, 2015, p. 11). Assim, estas histórias, elevaram a beleza como algo importante na vida das mulheres, passando a ocupar demasiado tempo nas suas vidas. Um trabalho que assumiu o lugar das tarefas domésticas, ambas inesgotáveis, mas efémeras, trazendo uma nova forma de exigência para as mulheres, e permitindo o surgimento de uma nova opressão e imposição como acontecera no passado à consciência feminina, reforçado pela cultura e pelos media: os padrões de beleza (Wolf, 1992). A personagem Branca de Neve reflete o ideal feminino presente na época de 1950, já que a primeira coisa que, os sete anões, lhe perguntam é se sabe cozinhar e limpar. Para além disto, Branca de Neve é incapaz de combater a bruxa maligna sozinha, pois só a salvação de um beijo de um príncipe é o que a pode livrar da morte. Criando assim uma princesa-mulher com ideais de feminilidade que servem à sociedade patriarcal como: a ignorância, beleza, inocência, servidão, bondade e dependência de um homem para a sua sobrevivência humana e

felicidade. As primeiras princesas da Disney (Branca de Neve, Cinderela e Aurora) são igualmente educadas, delicadas e belas, sendo todas resgatadas por um príncipe e alvo de uma maldição por uma bruxa, por motivo de inveja. Para além disto, as vilãs são masculinizadas, com uma aparência pouco apreciada pelo público como Úrsula em A Pequena Sereia. Desta maneira, os vilões criam o enredo do filme, ou seja, a problematização, enquanto os príncipes e as princesas, reagem aos seus planos diabólicos, demonstrando bondade através no combate contra o mal na história (Putnam, 2013).

As histórias que consumimos, desde os contos de fadas até aos filmes de animação exercem uma influência significativa na nossa visão sobre o mundo. As princesas da Disney e os brinquedos infantis são elementos culturais que transmitem mensagens subconscientes sobre os papéis de gênero e as expectativas sociais. Desta forma, a utilização dos brinquedos, por crianças, no sexo feminino, é estimulada a debruçar-se em ações que remetem à maternidade e às tarefas domésticas, e no sexo masculino, os brinquedos são representações de heróis, guerreiros, ou carros, motivando à conquista de mais espaços públicos na sociedade. Independentemente da vontade, por parte das empresas, de colocar os brinquedos em igualdade no gênero, verifica-se ainda discrepâncias, que podem indicar que um brinquedo pode ser mais indicado para meninas do que para meninos, através de inúmeros significados, representados nas embalagens, como as cores, as mensagens, e o próprio brinquedo, que na sociedade podem ainda designar que o seu recetor é do sexo masculino ou feminino (Lopes & Covaleski, 2019).

Num estudo realizado por Barea & Marín (2020), encontraram-se diferenças significativas sobre os papéis que crianças do sexo masculino e feminino querem desempenhar enquanto brincam. Relativamente à escolha da representação de personagens, 40,5% das crianças, quase todos meninos, apenas uma menina escolheu ser cavaleiro. Das 38 crianças que escolheram representar a Branca de Neve, apenas uma é do sexo masculino. Para além disso, as preferências dos meninos dividem-se entre serem um cavaleiro (40,5%) ou mago (10,8%), enquanto as meninas entre a Branca de Neve (24,1%) e a Cinderella (13,9%). Relativamente à preferência de profissão de polícia, das 21 respostas recolhidas, apenas 4 correspondem ao sexo feminino. À profissão de futebolista, das 19 crianças que o escolheram, apenas duas são meninas, e ao interesse de ser príncipe ou princesa, apenas um menino demonstrou preferência relativamente às restantes

participantes que são 11 meninas (*idem*). A investigação permitiu perceber que as crianças do sexo feminino são mais suscetíveis, do que o sexo masculino, a brincar ou a escolher profissões, indicadas pela sociedade, de homens. Assim, reproduzem-se os papéis tradicionais inculcados pelo patriarcado que diferenciam o lugar de uma mulher e de um homem. Portanto, espera-se que a mulher esteja ligada ao cuidado do lar e da família, e que o homem assuma responsabilidades fora da esfera doméstica, procurando estar no mercado de trabalho e na esfera pública (*idem*).

De acordo com Torres (2013) os brinquedos representam imagens, personagens ou cenas do mundo real, promovendo a sua competência física e social. Através da manipulação do objeto, é possível explorar e reforçar a sua autoimagem, manifestando sentimentos e preocupações. Portanto, o brinquedo estabelece uma ligação com o mundo real, e permite às crianças a estimulação da imaginação. O modo como os brinquedos se apresentam, com cores estabelecidas de acordo com aquilo que é culturalmente associado ao sexo feminino e masculino, diferencia a quem se destina. A organização dos brinquedos nas lojas contribui para a perpetuação dos estereótipos de gênero, ao associar certos brinquedos ao sexo masculino ou feminino. Nos objetos direcionados explicitamente ao sexo masculino sobressaem aspetos como a violência e agressividade, como é o caso dos brinquedos alusivos a guerras e lutas, enquanto no sexo feminino destaca-se a amorosidade e gentileza, ao sugerir, nas embalagens de brinquedos, meninas com bebês, bonecas e paletes de maquilhagem infantis. Por conseguinte, o modo como as embalagens de brinquedos se dispõem nas prateleiras das lojas demonstram a forte resistência dos estereótipos de gênero. Isso se deve, sobretudo, ao modo como a sociedade continua a idealizar condutas, valores, crenças e hábitos que consideram adequados a cada sexo. Em suma, os brinquedos moldam os valores e as maneiras, como as mulheres e homens, visualizam o mundo. Apesar dos papéis tradicionais não serem, atualmente, tão rígidos como no passado, continua a propagar-se, em grande parte, os estereótipos de gênero nas embalagens de brinquedos, mesmo existindo um esforço, por partes destas empresas, de os neutralizar (*idem*).

Orenstein (2011), no seu livro “*Cinderella ate my daughter*”, aborda a questão do patriarcado quando se refere a Cinderella, afirmando a complexidade a que as crianças estão sujeitas com a interpretação dos produtos de princesas da Disney. A autora preocupa-

se com o modo como a filha consumia e interpretava os produtos e filmes de princesas da Disney, questionando-se como poderia ela afirmar a sua feminilidade sem ser com um perfume da Bela Adormecida:

Ao proibir a sua imersão nos produtos da Princesa, será que eu tinha involuntariamente comunicado que ser mulher (na medida em que a Daisy era capaz de o compreender) era uma coisa má? Não haveria outra coisa a que ela se pudesse agarrar, outra forma de afirmar a sua feminilidade, para além de se encharcar em perfume da Bela Adormecida?. (Orenstein, 2011, p. 66)

Assim sendo, como aponta Orenstein (2011) a representação estereotipada das princesas contribui para a conservação das edificações patriarcais, restringindo a autonomia das mulheres e moldando a percepção social sobre os seus papéis na sociedade. Com a evolução do movimento feminista e da criação das novas histórias de princesas da Disney, geraram-se narrativas com diferentes mulheres capazes de seguirem o seu caminho sozinhas, mesmo que, com dificuldade e julgamento por parte da sua comunidade.

Os ideais de beleza criados pela indústria cinematográfica trouxeram às mulheres insegurança sobre si próprias, pois não basta serem talentosas e trabalhadoras para serem “aceites” na sociedade: a beleza passou a ser um pré-requisito para ter sucesso em todas as áreas da vida (Breder, 2015). Os ideais de beleza impõem-se no mundo, limitando e fazendo com que o ser humano se deixe tyrannizar por um modelo que define aquilo que é belo ou feio. A procura por um ideal de beleza imposto pela cultura patriarcal cria subjetividades no sujeito, na medida em que os indivíduos são levados a questionar constantemente a sua imagem, gerando, assim, uma repetitiva dissonância interna, pois estes padrões estéticos são mutáveis, criando uma sensação de inadequação e alimentando a indústria da beleza (Júnior, 2016).

As mulheres são as maiores consumidoras no que diz respeito a cirurgias plásticas e compra de cosméticos. Wolf (1992) explica a existência de uma consciente manipulação do mercado, onde as indústrias das dietas geram 33 bilhões de dólares por ano, a dos cosméticos 20 bilhões de dólares, e a da cirurgia plástica estética 300 milhões de dólares. Este consumismo, por grande parte de mulheres, surgiu de “ansiedades inconscientes” criadas a partir do patriarcado e do capitalismo. Conforme as mulheres avançavam em

procura do acesso ao poder, a estrutura dominante recorreu ao ideal de beleza como um instrumento para dificultar o progresso material das mulheres (*idem*).

A respeito da evolução das narrativas das princesas da Disney, efetivamente, temos princesas mais lutadoras, independentes, e menos restringidas por uma figura masculina, no entanto, continuam aprisionadas aos padrões de beleza aliando-se, continuamente, ao ideal de beleza criado pelo patriarcado e acompanhando igualmente o físico das princesas de 1937 (Silalahi et al., 2023). Os seres humanos contêm irregularidades, saliências e assimetrias, quer seja no seu rosto ou no seu corpo. Portanto, estas demonstrações sobre pessoas nos filmes de princesas da Disney podem criar incoerências sobre o modo como o público-alvo olha para si e para o mundo (Xu, 2021).

3.4. Princesas Feministas: Um Novo Modelo das Princesas da Disney

As princesas contemporâneas da Disney, aclamadas de feministas, vieram romper com as princesas clássicas que trouxeram conceitos e estereótipos à nossa sociedade, para tentar adaptar-se ao novo mundo onde mulheres lutam pela liberdade individual. Segundo Reilly (2016), a Disney reenquadrou o arquétipo icônico da princesa através da sua evolução, que oferece padrões promissores no progresso dos filmes de contos de fadas. A Disney começou por mudar o paradigma de modo a atender às convenções sociais das mulheres do século XXI, terminando com o arquétipo da mulher submissa e fazendo crescer personagens com vontades próprias (Wilde, 2014). Para a empresa não sofrer alterações na sua liderança, trouxe diversos filmes que transformaram as mulheres delicadas e salvas por um príncipe encantado, por mulheres poderosas, corajosas e independentes. Geram-se, então, novas concepções sobre o que é ser mulher, especialmente devido às grandes transformações dos propósitos da mulher, na sociedade do século XXI. Princesas como Tiana, Moana, Mulan, Merida, Anna e Elsa demonstram essas mudanças progressivas do papel da mulher na sociedade (Lueke, 2014). As princesas modernas dos filmes da Disney mostram uma nova realidade com inúmeras possibilidades, ao invés de embelezarem a vida de uma mulher que é submissa e dependente de outra personagem para efetuar uma ação na sua vida. A partir de 2009, estas princesas apresentam, às crianças e adultos, mulheres independentes e que seguem os seus sonhos, apesar de existirem amarras sociais, tais como padrões de beleza e estereótipos de gênero impostos pela sociedade, que

podem, eventualmente, dificultar o caminho de uma mulher com ambição na vida (*idem*). Os filmes da Disney têm vindo a destacar-se pelo acréscimo progressivo da representatividade e inclusão: princesas de diferentes etnias e culturas ultrapassam as barreiras das histórias clássicas. As novas histórias, com maior diversidade e igualdade, trazem à memória coletiva narrativas diferentes, educativas e transformadoras, inebriando quem assiste, são princesas que revolucionam e quebram padrões (Putri, 2022). Branca de Neve pode ter sido vítima da sociedade patriarcal, mas as novas princesas, como Mérida, em *Brave Indomável*, são projetadas para a tela com resiliência, superando obstáculos e alcançando os seus objetivos com determinação e perseverança, traduzindo, assim, a evolução e a conquista de novas áreas na vida da mulher (Singer, 2023). Esta metamorfose é altamente significativa e importante para o público infantil, os principais espetadores destas histórias, pois ao promover a força e a determinação no modo como as princesas agem, a Disney influencia positivamente o público (*idem*). A criação de narrativas que incluem e demonstram culturas distintas permitem à sociedade estabelecer interações rápidas na descoberta de outras etnias, proporcionando uma maior visibilidade às culturas de outros países (Grosso et al., 2022).

Tabela 1 Apresentação das princesas

Branca de Neve	A princesa do primeiro filme da Disney, de 1937, é inspirada em Maria Sophia von Erthal, uma baronesa, de uma antiga cidade alemã, que cresceu no castelo de Lohr am Main (Público, 2019).
Pocahontas	É uma princesa indígena que teve um papel fundamental na história da Disney ao juntar dois povos, travando uma guerra que ocorreu da invasão dos ingleses à cidade de Virgínia. Esta princesa é a principal protagonista desta história que aborda o colonialismo inglês (Gabriel & Golberg, 1995).
Elsa e Anna (Frozen)	A narrativa reflete a cultura dos noruegueses, um país tipicamente frio, envolvendo a sua arquitetura, as roupas e os animais, como o <i>Sven</i> (Buck & Lee, 2013).
Mérida (<i>Brave</i> -	A história passa-se durante a Idade Média e Mérida é uma princesa escocesa. No filme verifica-se a representação de

Indomável)	vestimentas como o uso de <i>kilts</i> durante os jogos chamados de “ <i>Highland Games</i> ” pela comunidade escocesa. (Andrews et al., 2012)
Raya (Raya e o Último Dragão)	Tem como inspiração o sudeste asiático, possibilitando ao espectador visualizar elementos da cultura como as suas vestimentas e gastronomia (Hall et al., 2021).

A inclusão de novas princesas permite originar uma nova linhagem onde a diversidade colabora e a supremacia da etnia branca deixam de ser a única realidade. Sendo assim, é possível produzir efeitos positivos e transmitir uma educação mais amplificada a partir da cultura do entretenimento sobre diversas etnias e as respectivas culturas, permitindo desenvolver e acrescentar horizontes sobre o mundo que nos rodeia, principalmente ao público infantil (Grosso et al., 2022). A exclusão de outras etnias contribuiu para uma visão restrita e fechada da humanidade, limitando a representação de diversas culturas no mundo do entretenimento. No entanto, com a introdução da primeira princesa não europeia, Jasmine, de ascendência árabe, em 1992, marcou um passo significativo na promoção da diversidade racial entre as princesas, ampliando as perspectivas culturais e enriquecendo as narrativas (Daulay & Ulfah, 2022). Esta expansão das narrativas cinematográficas voltadas para a inclusão social mostram as problematizações que estas comunidades enfrentam, permitindo refletir sobre as imagens visualizadas que, muitas vezes, expõe os preconceitos e estereótipos sofridos pela mulher. Esta transformação direcionada aos conteúdos das princesas da Disney demonstram a preocupação e a importância que existe em introduzir, no século XXI, uma maior conscientização nestas histórias (Chechin, 2014).

Apesar de existir uma grande evolução no desempenho das personagens da Disney enquanto princesas, existe ainda um caminho a percorrer no que diz respeito à aparência das princesas e à sua representatividade em relação aos homens. Segundo Zara Brownless (2018), investigadora da Google, os homens falam muito mais nos filmes, mesmo que a mulher seja a personagem principal. Até no mais recente e aclamado filme “feminista” Frozen apenas 41% das falas são feitas por mulheres. Brownless explica ainda que o filme Brave é o filme com mais falas femininas e não Frozen, filmes este que com duas personagens femininas principais seria espantoso ter uma maior percentagem. As princesas

da Disney evoluíram com histórias que as fazem lutar por si e pelas suas famílias, pelos seus desejos e pelas suas ambições de vida, no entanto, esta representação de vozes femininas pode ser perturbadora para o público infantil e jovem. Brownless (2018), aborda como este facto deixa a impressão de que o discurso feminino não é tão valorizado, nem tão importante como o discurso masculino, num mundo onde as mulheres querem ser ouvidas e obter uma posição igualitária à dos homens no trabalho.

As princesas da Disney evoluíram positivamente, caminhando ao lado do movimento feminista, contando histórias de lutas individuais e afirmando-se perante a sua comunidade a favor dos seus sonhos. Porém existem ainda elementos que devem ser transformados para que as princesas da Disney se tornem de facto mais realistas, e próximas dos espetadores, deixando de iludir o público com expectativas inalcançáveis, principalmente no que diz respeito à estética, mas também à romantização da vida através da transmissão da mensagem “e foram felizes para sempre” (Chechin, 2014).

3.5. A Representação Masculina nos Filmes das Princesas da Disney

Nos primeiros filmes das princesas Disney a representação masculina significava a salvação da princesa para que se libertasse da maldição da “bruxa”, como aconteceu em Branca de Neve, Bela Adormecida e Cinderela. Estas três princesas, tal como as mulheres da mesma época, utilizavam o casamento como um escape para uma vida com mais liberdade, ou porque era aquilo que esperavam delas na sua comunidade.

O príncipe encantado nestes filmes é o orientador da história, mesmo que não tenha personalidade própria, nem um destaque tão grande na narrativa. Ele é o sonho da princesa. Na verdade, o príncipe é o imaginário coletivo da sociedade, pois ele representa aquilo que era ser um homem durante o século XX: forte, guerreiro e salvador (Lucas & Puhl, 2016). O homem tinha de possuir certas características que pertenciam aquilo que a sociedade pensava sobre o que era ser um homem, no entanto continuava a ter maior possibilidade de escolha na comparativamente com as mulheres. E o mesmo acontecia com as mulheres, pois acreditava-se que estava destinada a ser uma cuidadora da família e do lar, e que esse era o seu grande desígnio na vida.

A partir do século XXI as figuras masculinas nos filmes das princesas Disney começam a ser representadas de outra forma pois, com o movimento feminista, as mulheres ganharam vontades próprias, lutavam pelos seus ideais e sonhos, e triunfariam mais se estivessem ao redor de pessoas que fossem promotoras da sua independência e individualidade (Gilles Lipovestsky, 1997, como citado em Lucas & Puhl, 2016). A Disney constrói, portanto, diferentes personagens masculinas nos seus filmes de princesas. É o que se verifica com a personagem Kristoff, de Frozen, que numa conversa com a princesa Anna aborda o significado do verdadeiro amor e da importância de conhecer bem a pessoa com quem escolhe casar, a propósito do casamento com o príncipe Hans, um vilão, que finge o seu amor pela princesa. A representação masculina nos filmes das princesas da Disney está intrinsecamente entrelaçada com o contexto histórico em constante evolução, refletindo os comportamentos e arquétipos que se adaptam às mudanças sociais e culturais da sociedade. Presentemente, existe uma exaltação dos valores como a liberdade e a individualidade, por isto mesmo os novos príncipes e princesas que visualizamos nos filmes da Disney reconhecem, cada vez mais, esses valores nas mulheres e o respeito pela sua entidade pessoal. Contudo, ainda assim, existem resistências que demonstram os medos e preconceitos que a sociedade preservou consigo até atualmente. Podemos observar isso no filme Frozen quando *Elsa* deixa de conseguir controlar o seu poder e congela o reino. Nesse momento é possível verificar que uma personagem lhe chama bruxa. Assim, os seus poderes místicos, tal como a sua intuição, só são aceites no final do primeiro filme.

Desta forma, a metamorfose que a Disney desenrolou nas suas narrativas são um desdobramento da crescente conscientização da igualdade de gênero e da liberdade de escolha (Lucas & Puhl, 2016). Os filmes de princesas da Disney procuram reforçar um modelo de masculinidade pós-feminista, no entanto, existe, apesar do esforço, uma promulgação de uma visão masculina nos filmes mais recentes. Nos primeiros filmes da Disney, com Branca de Neve e os Sete Anões, Cinderela e Bela Adormecida, as personagens masculinas eram um mero meio para a obtenção da felicidade por parte das princesas. Ao longo do tempo, o papel masculino nos filmes da Disney, vai ganhando maior destaque, obtendo mais ação para combater os vilões das histórias, como em A Pequena Sereia, onde a personagem Eric ganha um papel mais ativo, no entanto, permanece ainda como um objeto afetivo. No caso dos vilões, assemelhavam-se a pessoas

fortes e narcisistas, como é o caso de Gaston no filme de A Bela e o Monstro, em que é retratado pela sua própria música “Gaston” os aspetos físicos que o tornam o mais forte e corajoso de todos (Macaluso, 2018).

No recente filme Frozen, a Disney cria no espetador a dúvida sobre quem é o vilão, se é Kristoff ou Hans. Pois Hans revela-se como o príncipe clássico da Disney com a princesa Anna, demonstrando ao público o amor clássico. Porém, o príncipe Hans não é o seu amor verdadeiro, sendo substituído rapidamente por Kristoff. Mostrando a necessidade de uma companhia masculina para concretizar o salvamento da rainha Elsa e do reino de Arendelle. Para além disso, os homens demonstram menos emoções do que as mulheres nos filmes de princesas da Disney, e o seu aspeto físico é quase sempre forte e musculoso, refletindo o estereótipo cultural que a sociedade geralmente tem sobre como deve ser a aparência de um homem (Rudloff, 2016).

Todavia, a partir de um estudo realizado por Hine et al., (2018) percebeu-se que, de facto, existe uma ascensão da princesa andrógina, pois de 2000 a 2010 os dois sexos exibiram uma quantidade de comportamentos semelhantes. No entanto, também se entendeu que as princesas se revelaram cada vez menos femininas ao longo do tempo: as personagens com comportamentos passivos (Branca de Neve e Cinderela) foram substituídas por princesas de carácter ativo, forte e independente (Merida e Raya). Para além disto, os príncipes demonstram-se, também, menos masculinos e mais femininos, por exemplo os príncipes passivos e ausentes das décadas de 1930 e 1950, bem como, os heróis musculados e corajosos de 1980 a 1990 foram transformados por uma nova linhagem de personagens sensíveis e receosos no século XXI (*idem*). Segundo os autores da pesquisa, o desenvolvimento de comportamentos femininos pela Disney não é claro, contudo, é possível que a empresa procure agir como um catalisador para dissecar e reavaliar a masculinidade e as normas de género rígidas impostas ao sexo masculino. Existe, portanto, um desequilíbrio constante entre os dois sexos que dificulta a harmonização nas suas relações e diálogos entre si. Ademais, tanto os príncipes como as princesas efetuam mutuamente salvamentos. Por exemplo, quando a personagem Flynn salva a Rapunzel de uma vida de escrava, e Rapunzel também o salva, através das suas lágrimas para curar a sua ferida que o poderia levar à morte. Contudo, existe também uma “autossalvação” das princesas dos filmes de 2000 a 2010. O estudo permitiu concluir que apesar de ainda existirem representações que não colocam os dois sexos numa posição

totalmente igualitária, a Disney apresentou narrativas positivas e personagens centrais, do sexo feminino e masculino, mais equilibradas, em consonância com os avanços culturais na flexibilidade dos papéis de gênero (*idem*).

Existe uma masculinidade hegemônica que a autora Pereira (2021) explica como sendo um conjunto de práticas sociais que refletem a idealização da aparência e comportamentos que um sexo deve ter, aumentando as assimetrias entre homens e mulheres, e desenquadrando os homens que não se revêm nesse modelo de masculinidade. Para a autora a solução para que a masculinidade se torne saudável conta com o conhecimento de que podem vivê-la de diversas maneiras, sem terem de seguir o modelo predominante que tem como principal referência o patriarcado.

Atribuir gênero às cores de roupas de crianças, dizer a rapazes que homem de verdade não chora e reforçar às raparigas que elas devem cuidar dos seus irmãos são alguns dos exemplos que a sociedade nos ensina desde a primeira infância. Todavia, esse tradicionalismo dos papéis de gênero pode gerar comportamentos mais graves, como o silenciamento e o menosprezo pelas mulheres, homofobia, violência física, psicológica, sexual, moral e patrimonial contra as mulheres (Pereira, 2021, p. 4).

Outro ângulo é referido pelo autor Macaluso (2018), pois os filmes da Disney atuais revelam uma mensagem de que para a mulher prosperar, os homens devem ser fracos ou mais submissos. Demonstrando que mulheres e homens não podem alcançar o sucesso e ser indivíduos independentes ao mesmo tempo.

Em suma, verificou-se, neste capítulo, como os filmes das princesas da Disney desempenharam um papel importante tanto no desencadeamento dos estereótipos de gênero, quanto desafiando-os com as novas narrativas de princesas feministas. Enquanto as princesas clássicas moldaram os ideais de feminilidade, também emergiram, nos novos filmes, modelos de mulheres mais empoderadas e independentes. Estas narrativas mais recentes criaram a oportunidade de debater sobre a igualdade de gênero e representação mais inclusiva. No próximo capítulo seguirá a metodologia e o percurso de investigação da pesquisa, guiada pela questão de partida e pelos objetivos, pretendendo responder e esclarecer as questões que levam à realização desta investigação.

4. METODOLOGIA

Esta secção explora os princípios metodológicos que fundamentam a estrutura deste estudo, especificamente a questão de partida e objetivos da investigação, a análise de conteúdo de cinco filmes de princesas da Disney e os procedimentos e ferramentas de recolha de dados, como a entrevista semiestruturada.

4.1. Metodologia Qualitativa

A pesquisa qualitativa permite estudar a questão de investigação a partir da compreensão das crenças, experiências, comportamentos, e atitudes dos seres humanos, gerando assim dados não numéricos e possibilitando a capacidade de acrescentar uma nova dimensão aos estudos que não podem ser obtidos através da mediação de variáveis numéricas (Pathak et al., 2013).

A investigação qualitativa integra os estudos observacionais, entrevistas, grupos de foco, e análise documental e/ou textual de vários registos escritos autênticos e credíveis. Para além disso, a característica fundamental da pesquisa qualitativa reside no facto de facilitar a compreensão, por parte do investigador, dos significados atribuídos aos fenómenos (Buston et al., 1998). Sucintamente a pesquisa qualitativa é desenvolvida para interpretar as experiências humanas, explorando a compreensão das perspetivas dos participantes e a análise das interações sociais com o objetivo de descobrir significados e padrões implícitos ao fenómeno estudado (Coutinho, 2014). A pesquisa qualitativa é focada na descrição, análise e interpretação dos dados. A objetividade do estudo depende principalmente do investigador, deste modo é essencial que a pesquisa seja realizada de forma sistemática, de modo que permita ao investigador tomar decisões de forma consciente, facilitando o entendimento de como o estudo foi realizado (Rossman & Rallis, 2011).

Ainda assim, é importante que o investigador se preocupe com a fiabilidade e a validade dos métodos que utiliza para a investigação, para que esta não perca a sua utilidade. O investigador terá de adotar uma “atitude autocorretora”, ou seja, os dados recolhidos são verificados regularmente e de maneira organizada. Para garantir que não existem inconsistências, a pesquisa deve manter-se alinhada aos objetivos iniciais,

diminuindo a possibilidade de distanciamento que comprometam os resultados assegurando, desta maneira, a sua precisão (Coutinho, 2014, p. 243).

4.2. Análise de Conteúdo

A análise de conteúdo trata-se de uma técnica de pesquisa destinada a realizar inferências replicáveis e válidas a partir de textos ou outros conteúdos que se considerem significativos para o contexto em que é utilizado (Krippendorff, 2018).

Desta maneira, a pesquisa adotará a análise de conteúdo com o objetivo de compreender como a Walt Disney tem procurado recriar a imagem e o significado de princesa enquanto mulher através de distintas narrativas cinematográficas. A análise de conteúdo será uma ferramenta fundamental para analisar os padrões de beleza e os estereótipos de gênero presentes nos filmes das princesas da Disney, identificando assim tendências e relações entre os dados recolhidos (Kleinheksel et al., 2020). A análise de conteúdo, neste gênero de filmes, possibilita investigar detalhadamente as personagens femininas, os seus papéis, e as mensagens que transmitem. Desta forma, será possível examinar como as princesas são retratadas, perceber as características físicas e psicológicas mais presentes, os principais temas representados, as motivações e interações com as restantes personagens nos filmes.

Na investigação serão analisados cinco filmes de princesas da Disney desde 1937 até 2021. Estes filmes permitem identificar mudanças ou continuidades nas abordagens das princesas da Disney relativamente aos padrões de beleza e estereótipos de gênero. A escolha destes filmes deve-se à representatividade que apresentam sobre estereótipos, ideais de beleza, atributos das princesas, influência e percepção da audiência, possibilitando estudar aprofundadamente cada personagem feminina e perceber se de facto existe uma evolução na maneira como as narrativas são apresentadas hoje, comparativamente ao primeiro filme de 1937.

Assim sendo, os filmes selecionados para a pesquisa são Branca de Neve e os Sete Anões (1937), Pocahontas (1995), Brave Indomável (2012), Frozen (2013) e Raya e o Último Dragão (2021). Branca de Neve foi o primeiro filme de princesas da Disney, sendo, assim, uma referência, e tornando-se pertinente analisar este clássico que poderá carregar estereótipos relativamente à mulher. Pocahontas é um dos primeiros filmes que aborda a

complexidade das relações entre povos de diferentes etnias, proporcionando uma reflexão sobre os conflitos culturais existentes no mundo contemporâneo. Pocahontas é uma história que celebra a preservação cultural, compreensão intercultural e o início da emancipação e do empoderamento feminino. Brave Indomável e Frozen são filmes que contêm protagonistas femininas diferentes das clássicas. Merida e Elsa são as primeiras princesas que enfrentam as consequências por se escolherem a si próprias e por elegerem um destino diferente daquele que é imposto pela sociedade em que estão inseridas, espelhando, portanto, a transformação das narrativas, e acompanhando a mulher da época (Singer, 2023). A partir destas duas narrativas é possível analisar como foram modificados os estereótipos de género e o tema do amor romântico. Raya e o Último Dragão, o mais recente filme de princesas da Disney, permite analisar como é representada a mulher na atualidade, e questionar se, de facto, persistem ainda estereótipos de género e/ou padrões de beleza. Assim, será possível, a partir deste ponto de referência, analisar a representação de Raya comparativamente com as princesas anteriores, identificando possíveis mudanças ou persistências. Além disto, sendo um filme baseado na cultura do sudeste asiático será viável perceber como é que a narrativa expõe a questão étnica, ou seja, se enriquece a diversidade e amplia o conhecimento sobre as experiências de um povo e e cultura diferente (Daulay & Ulfah, 2022).

Para identificar características de género é necessário adaptar duas tabelas para a análise conteúdo dos cinco filmes das princesas da Disney. Foi essencial recorrer a uma análise de conteúdo codificada que permitisse registar comportamentos e características de género retratadas nos filmes (England et al., 2011). A tabela 1 (p. 27) apresenta as princesas da Disney que vão ser estudadas na análise de conteúdo e nas entrevistas semiestruturadas. A tabela 2 (p. 36) enuncia a significação das princesas através das dimensões, indicadores e subcategorias, que permitem definir, posteriormente, comportamentos específicos, na tabela 3 (p. 38), sobre as personagens femininas dos filmes da Disney. Na tabela 3 são apresentadas, então, as protagonistas, escolhidas para a investigação, a partir da sua categorização, e as características regidas pelas dimensões física, psicológica e comportamental (Hine et al., 2018). Esta abordagem permite examinar e compreender o significado dos textos, discursos ou das comunicações, identificando e categorizando padrões e temas significativos a partir das tabelas realizadas. Garantindo,

assim, a confiabilidade e validade dos resultados obtidos pelo investigador (Drisko & Maschi, 2016).

Tabela 2 Significação das Princesas

Dimensões	Indicadores	Descrição	Subcategorias
Física	Fraco	Sem capacidade de realizar uma tarefa que exija esforço físico; sem força. Acompanhada pela necessidade de alguém que a auxilie ou então fracassa.	Representação feminina: fisicamente fraca.
	Atlética	Com capacidades atléticas e forte. Capaz de demonstrar sucesso em ações que requerem força.	Representação feminina: fisicamente forte e atlética.
	Fisicamente atrativa	Exerce atração sobre outras pessoas. Adapta-se a um padrão de julgamento baseado em ideias preconcebidas pela sociedade sobre o que é bonito e fisicamente atrativo numa mulher.	Representação feminina: fisicamente atraente.
	Cuida da aparência física	Demonstra cuidados com o modo como se apresenta, fisicamente, perante outras pessoas.	Representação Feminina: cuidadosa com a aparência física.
Psicológica	Submissa	Sujeita-se à obediência do que lhe é regado; têm uma predisposição fácil para a obediência.	Representação Feminina: Psicologicamente submissa.
	Independente	É livre e autónoma.	Dependência vs. Independência: Independente.
	Autoestima baixa	Sentimento de dignidade ou respeito, que sente por si própria debilitado, levando à autocrítica das suas próprias ações verbais e físicas ou à forma como as realiza.	Representação Feminina: Psicologicamente com baixa autoestima.
	Carinhosa	Trata as pessoas à sua volta	Representação

		com carinho, é meiga e afetuosa.	Feminina: Psicologicamente carinhosa.
	Corajosa	É destemida perante as adversidades e perigos que ocorrem na sua vida.	Representação Feminina: Psicologicamente corajosa.
	Medrosa	Sente uma inquietação por um perigo real ou aparente, que poderá ameaçar o futuro, um estado de alarme.	Representação Feminina: Psicologicamente medrosa.
	Curiosa	Desejosa de conhecer coisas diferentes e de as experimentar.	Representação Feminina: Psicologicamente curiosa.
	Desmaia a chorar/ desaba em lágrimas	Fica muito abatida ou magoada com uma situação, deitando-se a chorar intensamente ou, até mesmo, podendo desmaiar.	Representação Feminina: Emocionalmente vulnerável.
Comportamental	À procura do príncipe encantado/ romântica	O objetivo da sua vida é encontrar o amor verdadeiro, um príncipe encantado, ou é uma pessoa sentimental e apaixonada.	Amor romântico: Procura por um amor idealizado ou está aberta a um relacionamento.
	É salva	É frequentemente salva de uma situação perigosa por alguém que quebra um feitiço.	Dependência vs. Independência: Dependente de um salvador.
	Salvadora	Salva outras personagens, na narrativa, de uma situação que pode levar à morte.	Ativismo e Liderança: atua como salvadora.
	Rebelde	É muitas vezes desobediente, revoltando-se contra as regras que lhe são impostas.	Ativismo e Liderança: desafia as normas sociais.
	Líder	É chefe de uma nação ou rainha. Ou tem uma tendência forte para liderar e influenciar o povo.	Ativismo e Liderança: líder e influente.

Elaboração a partir de Decartes & Collier (2011) e de Hine et al., (2018).

As subcategorias apresentadas na análise de conteúdo sobre as narrativas das princesas da Disney foram geradas durante a realização da análise de conteúdo, e abordam a “Evolução, Diversidade e Inclusão”, o “Amor Romântico”, a “Representação Feminina”, “Dependência vs Independência” e o “Ativismo e Liderança”. Existiu a necessidade de criar estas subcategorias por serem temas recorrentes nas narrativas das princesas da Disney visualizadas, e porque permitem compreender melhor como se caracterizam as princesas ao longo dos anos. Assim, através destas subcategorias, é possível analisar com mais precisão as características das princesas a partir da tabela 2. A subcategoria “Evolução, Diversidade e Inclusão” explica as diferenças significativas nas narrativas relativamente ao paradigma encontrado na época de 1930, permitindo entender se existe uma evolução no modo como a história é conduzida e se existe mais diversidade e inclusão nas personagens, revelando culturas e/ou etnias diferentes; o “Amor Romântico” analisa o modo como este é representado através das personagens e do enredo, permitindo perceber se existem diferenças relativamente ao primeiro filme de princesas da Disney; a “Representação Feminina” determina se existe uma evolução nas princesas fisicamente e psicologicamente, especificando cada uma dessas características; a “Dependência vs. Independência” considera se, de facto, existe uma maior independência nas princesas relativamente às princesas clássicas; o “Ativismo e Liderança” foca-se nas princesas que lideram e promovem a mudança social, inspirando a comunidade onde vivem. É possível a partir da tabela 3 visualizar as características das princesas encontradas a partir da análise de conteúdo dos cinco filmes da Disney.

Tabela 3 Características das princesas

Filme	Princesas	Categorização	Características		
Branca de Neve (1937)	Branca de Neve	Princesa por nascimento & Princesa oficial da Disney	<table border="1"> <tr> <td> <p>Representação feminina: fisicamente fraca; psicologicamente submissa, com autoestima baixa; medrosa; carinhosa e cuidadosa com a aparência física; emocionalmente vulnerável.</p> </td> </tr> <tr> <td> <p>Amor romântico: procura por</p> </td> </tr> </table>	<p>Representação feminina: fisicamente fraca; psicologicamente submissa, com autoestima baixa; medrosa; carinhosa e cuidadosa com a aparência física; emocionalmente vulnerável.</p>	<p>Amor romântico: procura por</p>
<p>Representação feminina: fisicamente fraca; psicologicamente submissa, com autoestima baixa; medrosa; carinhosa e cuidadosa com a aparência física; emocionalmente vulnerável.</p>					
<p>Amor romântico: procura por</p>					

			um amor idealizado.
			Dependência vs. Independência: dependente de um salvador.
Pocahontas (1995)	Pocahontas	Filha do chefe da sua tribo & Princesa oficial da Disney	<p>Representação feminina: fisicamente forte e atlética, atraente; cuidadosa com a aparência física; carinhosa; psicologicamente corajosa e curiosa.</p> <p>Amor romântico: aberta a um relacionamento.</p> <p>Dependência vs. Independência: independente</p> <p>Ativismo e Liderança: atua como salvadora, desafia as normas sociais e é influente.</p>
Brave- Indomável (2012)	Merida	Princesa por nascimento & Princesa oficial da Disney	<p>Representação feminina: fisicamente atraente, forte e atlética; psicologicamente carinhosa, corajosa e curiosa.</p> <p>Amor romântico: Não procura par romântico.</p> <p>Dependência vs. Independência: independente.</p> <p>Ativismo e Liderança: atua como salvadora, desafia as normas sociais, é líder e influente.</p>
Frozen I (2013)	Elsa	Princesa por nascimento & Princesa oficial da Disney	<p>Representação feminina: fisicamente atraente; cuidadosa com a aparência física; psicologicamente com a autoestima baixa, medrosa, carinhosa, corajosa e curiosa.</p> <p>Amor romântico: Não procura par romântico.</p> <p>Dependência vs. Independência: independente.</p> <p>Ativismo e Liderança: atua como salvadora, desafia as</p>

			normas sociais, é líder e influente.
	Anna		<p>Representação feminina: fisicamente atraente; cuidadosa com a aparência física, carinhosa; psicologicamente com a autoestima baixa, é carinhosa, medrosa, corajosa e curiosa.</p> <p>Amor romântico: Procura por um amor idealizado.</p> <p>Dependência vs. Independência: independente.</p> <p>Ativismo e Liderança: atua como salvadora, é líder e influente.</p>
Raya e o Último Dragão (2021)	Raya	Filha do chefe de sua tribo & Princesa oficial da Disney	<p>Representação feminina: fisicamente forte e atlética, atraente; psicologicamente corajosa, curiosa, carinhosa.</p> <p>Amor romântico: Não procura por romântico.</p> <p>Dependência vs. Independência: independente.</p> <p>Ativismo e Liderança: atua como salvadora, desafia as normas sociais, é líder e influente.</p>

4.3. Entrevistas semiestruturadas

Para complementar e enriquecer a pesquisa serão realizadas entrevistas semiestruturadas, pois considerou-se que uma abordagem que integre a análise de conteúdo e as entrevistas pode proporcionar uma compreensão mais aprofundada e enriquecedora para este estudo.

Segundo Brinkmann (2014), os seres humanos utilizam as conversas como a principal ferramenta para obter conhecimento sobre as outras pessoas, compreender como estas experienciam o mundo, pensam, agem, sentem, e se desenvolvem como seres

individuais e em grupos, sendo, portanto, as conversas geradoras de conhecimento redefinidas como método de pesquisa qualitativa.

A entrevista permite obter informação através das questões colocadas, podendo ser estas abertas, semiestruturadas ou fechadas. As entrevistas semiestruturadas são aconselhadas aos investigadores de Ciências Sociais e Humanas (Coutinho, 2014), pois possibilitam a ocorrência de temas que possam ser pertinentes por parte dos entrevistados, permitindo que as respostas sejam mais ricas e detalhadas, e garantindo que todos os tópicos significativos sejam abordados (Qu & Dumay, 2011). As entrevistas semiestruturadas permitem aos entrevistados ter um grau de liberdade que permita explicar os seus pensamentos, realçando áreas de interesse, alcançando respostas mais profundas e resolvendo contradições aparentes (Horton, et al., 2004). Quando os entrevistados falam livremente, revelam pensamentos e memórias que não surgem em respostas a perguntas diretas, levando-os assim a explorar e a expressar as suas experiências pessoais de uma maneira que a entrevista estruturada não o permitiria (Hopf, 2004). Assim, a análise das entrevistas semiestruturadas deve apenas iniciar a partir do momento em que o material é transcrito integralmente e literalmente, com precisão, e depois de uma revisão que permita corrigir possíveis erros que advenham da transferência. A partir daí é possível começar a análise através da leitura das transcrições das entrevistas, permitindo anotar os tópicos que ocorrem e os aspetos importantes que possam estar relacionados com o contexto da questão de investigação, possibilitando assim registar semelhanças ou diferenças marcantes para facilitar as etapas posteriores da análise (Schmidt, 2004). Para além disso, os entrevistadores necessitam de interpretar as respostas dos entrevistados, pois as experiências humanas não são nem evidentes nem unívocas, podendo até serem contraditórias, devido à complexidade dos significados presentes nas entrevistas qualitativas (Brinkmann 2014). Desta maneira, o investigador deve ser transparente sobre a sua abordagem metodológica para que seja compreendida pelos leitores (*idem*).

Em suma, a entrevista semiestruturada torna possível avaliar a receção e perceção da audiência em relação aos filmes de princesas da Disney, visando compreender como essas narrativas são interpretadas. Desta forma, a entrevista visa responder ao segundo e terceiro objetivo desta dissertação, já que o primeiro será respondido através da análise de conteúdo.

Na elaboração do instrumento foi fornecida uma tabela com os eixos temáticos e as suas dimensões (Tabela 4).

Tabela 4 Eixos e Dimensões de Análise

Eixo temático	Dimensões
Caracterização sociodemográfica	a) Dados sociodemográficos b) Qualificações
Representação das princesas	c) Imagem e significado de princesa enquanto mulher d) Evolução da representação das princesas ao longo do tempo
Estereótipos	e) Presença de estereótipos nos ideais de beleza e no amor romântico f) Desafios aos estereótipos nas novas narrativas
Influência das Narrativas	g) Influência dos filmes das princesas na infância e vida adulta, através da imitação ou identificação

4.3.1. Caraterização da amostra

Para garantir uma representação abrangente de perspetivas, os participantes foram selecionados, por conveniência, com base na caracterização sociodemográfica. A amostra foi assim composta por 15 pessoas, uma adolescente, três mulheres pertencentes à faixa etária dos 20 aos 24 anos, seis mulheres dos 25 aos 34 anos, quatro mulheres dos 35 aos 49 e uma mulher dos 50 anos ou mais. Dez mulheres são provenientes da cidade de Braga e das restantes três participantes, uma é de Guimarães e duas de Viana do Castelo, no entanto, apenas uma pessoa não reside na cidade de Braga atualmente. As entrevistas foram realizadas com essas participantes do sexo feminino, pois o estudo necessita de

diversidade, até atingir o ponto de saturação. As participantes foram contactadas em instituições de Braga, onde foi agendada a entrevista.

As seguintes participantes Maria, de 28 anos, Carla, de 33 anos e Glória, de 34 anos, executam profissões da área da saúde, respetivamente as profissões de nutricionista, médica dentista e do sono, e terapeuta da fala. Rita, de 26 anos, Edna, de 30 anos, Ana, de 41 anos e Diana, de 38 anos, desempenham profissões na função pública. Rita é gerontóloga e Ana é diretora dos serviços de um lar de idosos; Edna é técnica superior, na área da comunicação interna e professora assistente na área do marketing e comunicação; e Diana é dirigente da unidade de economato e armazém. Cláudia, de 33 anos, Maria, de 42 anos e Joana, de 49 anos executam profissões na área bancária e dos seguros. Cláudia é gestora de qualidade e corretora de seguros, Maria é chefe do serviço de remessas documentárias e Joana é mediadora de seguros. Eduarda, de 17 anos é estudante no 11º ano; Madalena, de 22 anos, é estudante de mestrado no curso de gestão de operações; Daniela, de 23 anos, está atualmente desempregada para poder cuidar do seu primeiro filho; Márcia, de 24 anos está desempregada e Rosa, de 53 anos, é chefe de setor de hipermercado. Relativamente às qualificações, Eduarda é estudante; Joana contém o 12º ano; Maria, Glória, Ana, Diana, Cláudia, Madalena, Daniela, Márcia e Rosa possuem uma licenciatura; e Carla, Rita, Maria e Edna têm um mestrado.¹

Estas questões sociodemográficas permitem compreender a visão sobre o universo das princesas da Disney, desde a adolescência até à idade adulta e meia-idade. As participantes da amostra são do sexo feminino, desta maneira foi possível perceber as diferentes perspetivas, opiniões e ideias deste público específico em relação ao modo como a audiência receciona e percebe os filmes das princesas da Disney e se estes influenciam os comportamentos e crenças sociais, podendo criar potenciais estereótipos e padrões de beleza na sociedade.

¹ Os nomes utilizados para a representação da amostra são fictícios, de maneira a assegurar o direito ao anonimato.

5. ANÁLISE DAS NARRATIVAS DAS PRINCESAS DA DISNEY

As princesas são categorizadas em três grupos principais: princesas clássicas, rebeldes e contemporâneas (Cardoso & Trindade, 2019). Ao analisar as narrativas das princesas da Disney entre 1937 e 2021, podemos observar como a indústria cinematográfica modificou as características das personagens e as histórias, revelando a evolução da representação feminina ao longo do tempo.

5.1. Princesas Clássicas (Branca de Neve, 1937)

5.1.1. Evolução, Diversidade e Inclusão

Branca de Neve é o primeiro filme de princesas da Disney e como tal referencia as vivências das mulheres da época dos anos 30. Desta forma, Branca de Neve é uma princesa educada, carinhosa e prestável. Durante a narrativa a personagem principal dedica-se bastante às tarefas domésticas como limpar e cozinhar encaixando-se no estereótipo da mulher ideal. Relativamente à diversidade e inclusão, os sete anões representam as pessoas com nanismo, uma doença que afeta o crescimento de um ser humano. Na verdade, a sua diversidade através dos distintos papéis que são atribuídos a cada personagem trazem diversos *insights* sobre as personalidades das pessoas em geral. Os sete anões: Mestre, Dengoso, Atchim, Feliz, Dunga, Soneca e Zangado, demonstram que pessoas com nanismo têm exatamente as mesmas características que as pessoas sem qualquer deficiência. Assim, aparece a primeira narrativa de princesas da Disney, em 1937, que apresenta uma representação homogênea das diferentes personalidades dos seres humanos, representadas pelos sete anões. É possível perceber que, apesar da Branca de Neve cumprir com o estereótipo de mulher dona de casa, cuidadora e submissa, existem outros aspetos no filme que elevam a narrativa a um caminho de uma Disney mais inclusiva.

5.1.2. Amor Romântico

O amor romântico nasce com Branca de Neve, a primeira princesa que mostra a trajetória, à sua audiência e às próximas princesas, sobre amor na vida de uma mulher, exemplificando como deve ser sentido e experienciado, através da sua história com o seu príncipe encantado. Como primeiro filme de princesas da Disney, introduziu o conceito de amor romântico, definindo de forma explícita a visão da empresa sobre este tema. O enredo apresenta o amor à primeira vista, evidenciado pelo encontro inicial entre a princesa e o príncipe, que ocorre quando Branca de Neve expressa, através de uma canção, o desejo de encontrar o amor. Nesse momento, ambos, apaixonam-se, e o príncipe responde-lhe imediatamente dedicando-lhe uma canção de amor. Assim nascem ideais e estereótipos acerca do amor romântico, implicando que este amor só é genuíno quando existe a salvação por parte do par romântico, como acontece nesta narrativa.

Esta conexão imediata e atração mútua entre as personagens sugerem o ideal romântico que suscita questões sobre a profundidade dos sentimentos retratados. No entanto, é importante que a contextualização histórica seja explícita, pois existia uma pressão cultural para que as mulheres casassem e constituíssem uma família cedo. O relacionamento ilustrado na narrativa Branca de Neve surge da superficialidade, com pouco conhecimento das personalidades e preferências individuais de cada um, espelhando a realidade da época de 1930. Nesta época, os casamentos eram frequentemente acordos negociados entre as famílias ou uma forma de as mulheres garantirem sustento e segurança.

5.1.3. Representação feminina

Branca de Neve é retratada como uma princesa de aparência tipicamente europeia, com cabelo preto, pele branca, magra e rosto simétrico, características que se encaixam no estereótipo do ideal de beleza do sexo feminino. É precisamente essa beleza que provoca atritos com a rainha “má”, fruto da inveja da beleza da princesa.

Para além disso, relativamente à inveja e maldade, estas são, normalmente, associadas a uma personagem feminina mais velha, cuja transformação em idosa, por um feitiço, é representada de forma pejorativa, reforçando o estereótipo de que as mulheres

mais velhas possuem características como um nariz grande e pontiagudo, verrugas e risos estridentes, elementos estes tradicionalmente vinculados à imagem de bruxa velha em maior parte dos filmes de princesas da Disney. Esta construção da vilã como uma mulher tipicamente mais velha pode refletir medos sociais em torno da perda da beleza e do poder feminino associado à juventude, além de perpetuar a ideia de que o valor da mulher diminui com a idade.

Acerca do papel da mulher na sociedade, verifica-se que ao longo da narrativa, Branca de Neve assume o papel de mãe para os sete anões, chamando-os para o jantar, impondo horários para dormir e certificando-se de que realizam a higiene antes de comer. A princesa reage com humor à sujidade e desarrumação, comentando que a mãe deles deveria começar a limpar a casa, reforçando assim o estereótipo da mulher como cuidadora do lar e dos filhos. Para além da princesa cuidar de adultos do sexo feminino, ao atribuir responsabilidade pela sujidade da casa à mãe deles, a narrativa reforça o estereótipo da mulher como a única responsável pelas tarefas domésticas, perpetuando uma visão limitada e desigual do papel feminino na sociedade. Na verdade, é através do trabalho doméstico que Branca de Neve conquista a ajuda dos sete anões, permitindo-a permanecer alojada na cabana em troca de cuidar da casa e da preparação das suas refeições preferidas. Esta disposição para a obediência sublinham o papel tradicional da mulher na época.

Em relação ao crime contra a mulher, é possível verificar que após a tentativa de homicídio por parte do caçador, Branca de Neve, pergunta aos animais da floresta o que fazem quando estão tristes e, em seguida, começa a cantar, recuperando a alegria rapidamente, apesar do evento traumático. A narrativa situada na década de 1930, reflete a realidade vivida pelas mulheres nesse período, marcada pela desigualdade de género. As mulheres enfrentavam situações de maior vulnerabilidade e risco, tal como em Branca de Neve, que carece de proteção e apoio ao longo do filme. Branca de Neve encarna perfeitamente o estereótipo da mulher da época, sendo inocente, bela e gentil, mas, ao mesmo tempo, uma sobrevivente que consegue superar os desafios com a ajuda de outras personagens. O filme representa uma visão da felicidade ilusória que esconde as dificuldades da vida de uma mulher e da sociedade demarcada pelo patriarcado.

5.1.4. Dependência vs. Independência

Branca de Neve exemplifica uma figura marcada por uma forte dependência, submissão e fraqueza, características que moldam a sua trajetória ao longo da narrativa. Em nenhum momento Branca de Neve demonstra atributos de independência, visto que, ao confrontar os perigos apresentados pela rainha, apenas consegue sobreviver graças ao apoio de outras personagens. Assim, a princesa é retratada como uma personagem que necessita de intervenção de personagens terceiras, como os sete anões e o príncipe para alcançar a salvação e “ressuscitar” de um crime, como o envenenamento causado pela rainha.

5.1.5. Ativismo e Liderança

O conceito de ativismo e liderança pode manifestar-se de várias formas. No caso da primeira princesa da Disney, a sua bondade, coragem e capacidade de adaptação perante as dificuldades que enfrentou tornam-na numa fonte de inspiração acerca da resiliência. Mesmo quando confrontada com adversidades significativas, Branca de Neve mantém viva a esperança e procura alcançar a felicidade no seu coração. Desta maneira, a sua narrativa torna-se um símbolo de resistência contra a injustiça perpetuada pela sua madrasta, promovendo uma perspectiva positiva da vida e influenciando outras pessoas a cultivar o amor e a bondade como uma forma de alcançar uma vida mais feliz e equilibrada, o que pode realmente trazer benefícios para o bem-estar do ser humano. É necessário reconhecer que Branca de Neve reflete as realidades sociais e as imposições realizadas às mulheres da época a que a história pertence. Embora dependa de personagens do sexo masculino para sobreviver na sua narrativa, a personagem principal enfrenta problemas que são ainda hoje pertinentes, tais como os abusos de poder e violência contra a mulher. Desta maneira, a Branca de Neve pode ser considerada como uma representação das lutas feministas ao longo da história, realçando a necessidade de empoderamento da comunidade feminina.

5.2. Princesas Rebeldes (Pocahontas 1995)

5.2.1. Evolução, Diversidade e Inclusão

Relativamente à evolução, diversidade e inclusão, Pocahontas, é a primeira princesa Disney a retratar uma mulher negra, inaugurando uma nova era sobre a representação feminina nos filmes de animação. Ao abordar o colonialismo, promove uma reflexão sobre o desentendimento entre culturas distintas, principalmente entre a população indígena e os ingleses. A narrativa revela ao telespetador sobre como guerra destrói povos, trazendo consigo a mensagem de apelo ao fim dos preconceitos e racismo para com diferentes etnias. A personagem Pocahontas, ao desafiar os estereótipos da época, contribui para a promoção de maior diversidade e inclusão, incentivando o público a questionar-se sobre os preconceitos e a respeitar as diferentes culturas.

A representação desta princesa traz consigo características como a paz e a harmonia, refletindo-se no confronto entre os povos, apesar das diferenças culturais. Ao romper com a narrativa tradicional “e viveram felizes para sempre”, a personagem, empodera as mulheres, mostrando que é possível ser forte e carinhosa, ao mesmo tempo, seguindo o seu próprio destino. Portanto, a princesa rompe barreiras no que diz respeito ao colonialismo, unindo povos e transformando a perceção das comunidades relativamente aos preconceitos existentes sobre outras etnias. Relativamente ao encontro entre Pocahontas e John Smith reflete o confronto das culturas distintas, mas também a esperança da junção dos povos de diferentes etnias. Esta princesa indígena é a razão para John Smith sobreviver, sendo atribuída a característica de salvadora a uma personagem feminina, como aconteceu em *Bela e o Monstro*, de 1991.

Pocahontas representa uma grande evolução no modo como é retratada, comparativamente às princesas anteriores, permitindo trazer à narrativa em que se insere maior diversidade e inclusão. Ao representar a etnia indígena, contribui para a promoção e celebração da diversidade cultural entre as princesas da Disney e amplia o conhecimento das perspetivas culturais no mundo (Daulay & Ulfah, 2022). A narrativa demonstra o ódio que as nações de etnias diferentes podem sofrer, através de insultuosos nomes utilizados, tanto pelos ingleses como: “bárbaros, quase não são gente”, “pele vermelha, só servem para a grelha”. Tanto pelos índios, que apelidam também os ingleses de bárbaros: “que

quase não são gente” e de “brancos que são diabos”. O ódio e o racismo presente entre os dois povos permitem perceber que este é um problema que atualmente a sociedade, ainda, enfrenta, dificultando a união pacífica e aceitação dos povos em pleno século XXI.

5.2.2. Amor Romântico

Pocahontas está inserida nas princesas da transformação e, como tal, revela ser corajosa, almejando a liberdade e guiando-se pela natureza para encontrar o seu caminho e destino, no entanto esta princesa é também carinhosa e cuidadora da sua comunidade, mostrando-se muito gentil para com todos aqueles que a rodeiam.

A história de Pocahontas, assim como em maior parte dos contos de fadas, apresenta o romance como centro para desenrolar a trama. O amor à primeira vista entre a princesa e John Smith é construído através de “olhares paralisantes”. Uma diferença marcante em relação aos filmes clássicos da Disney é que a história de amor entre John Smith e Pocahontas desenvolve-se gradualmente, permitindo que ambos conheçam as suas histórias pessoais. Na verdade, esta gradualidade contribui para uma exploração mais profunda das diferenças culturais e dos desafios enfrentados por cada personagem. A sua história de amor promove a paz e a compreensão, revelando que é possível a coexistência entre os povos e, assim, contribui para a diminuição dos estereótipos e preconceitos da época. Invertendo os papéis tradicionais, Pocahontas surge como uma heroína, salvando John Smith da morte. Esta sua ação demonstra a sua coragem e sabedoria, levando o seu pai a reconhecer a sua maturidade e a procurar a paz, evitando uma guerra. Para além disso, a princesa é a primeira que decide, no fim da história, permanecer com a sua tribo, escolhendo o amor familiar ao contrário das princesas dos filmes clássicos.

5.2.3. Representação feminina

Relativamente à representação feminina, Pocahontas é uma princesa independente e curiosa no seu trajeto de vida. A sua representação física acaba por se tornar ligeiramente sexualizada, através das cenas dos filmes, demonstrando-se ser fisicamente atrativa e atlética. A disposição da filmagem no filme predispõe uma valorização do corpo com curvas, sensualizando muitos momentos que se encontram em câmara lenta, e contribuindo

para a perpetuação do estereótipo relacionado à imagem corporal idealizada da mulher (Johnson, 2015). A princesa mostra um padrão de beleza difícil de alcançar pelas mulheres com a sua cintura finíssima e o seu peito e ancas volumosos, contribuindo para a perpetuação do estereótipo do ideal de beleza.

5.2.4. Dependência vs. Independência

Pocahontas é uma princesa líder, rebelde e corajosa e, como tal, isso refletiu-se na força da sua independência. Apesar de ser uma princesa sensível, carinhosa e preocupada com os interesses do pai, Pocahontas assume o seu amor, à comunidade, por Jonh Smith. Ainda que o pai tenha aceitado o amor entre os dois, Pocahontas tem a liberdade de seguir o destino que deseja, decidindo ficar perto da sua tribo e não partir para a Inglaterra com o Jonh Smith. Este desfecho demonstra uma nova princesa com liberdade de pensamento e ação- a princesa é independente e decidir por si o caminho que deseja seguir (Lueke, 2014). Pocahontas desbrava um novo caminho para si e para a próxima geração de princesas da Disney.

5.2.5. Ativismo e Liderança

Pocahontas, é primeira princesa da Disney indígena, transmitindo a mensagem de que a união entre dois povos com culturas distintas é possível. As princesas rebeldes como Pocahontas, e, como tal, também Jasmine e Mulan, são diferentes pois, a submissão deu lugar à ação e à procura pela sua própria felicidade e desejos. Para além disto, esta mudança reflete a evolução social que existiu em conjunto com movimento feminista e a globalização, em que o respeito mútuo por outras culturas e a igualdade de género tornam-se temas de extrema relevância para a sociedade do século XXI (Grosso et al., 2022).

5.3. Princesas Contemporâneas

5.3.1. Brave- Indomável (2012)

5.3.1.1. Evolução, Diversidade e Inclusão

O filme *Brave Indomável*, com a personagem principal, a princesa Merida, trouxe muitas transformações no modo como as princesas são retratadas, mas também relativamente à maneira como sexo masculino se apresenta perante a mulher e sobre as relações familiares e o amor romântico, trazendo diferentes perspectivas e reflexões.

Relativamente à evolução das personagens, as masculinas, destacam-se bastante, comparativamente com as personagens dos filmes de princesas clássicas. O pai de Merida, por exemplo, rei Fergus, incentiva e partilha as paixões da sua filha, entusiasmando-se com ela pelas suas aventuras. Ele promove os sonhos da princesa Merida, em criança oferece-lhe um arco e flecha, permitindo que a personagem principal se sinta apoiada e valorizada por uma figura masculina, algo que não é costume de acontecer nos filmes das princesas da Disney. Embora, o seu pai, tenha uma aparência musculada e imponente, a sua postura com *Merida* revela ternura e carinho. Existe uma demonstração de afeto e amor entre o pai e a filha. O rei Fergus demonstra-se, em diversos momentos surpreendido e orgulhoso pela coragem de Merida ao romper as regras do reino e revelar ser uma princesa que luta pela sua independência. Apesar do seu pai ser repreendido por sua esposa, Elinor, que não concorda com as atitudes e comportamentos da filha, é uma das personagens masculinas que contribuiu para a modificação do estereótipo do pai autoritário, passando esse poder para a mulher, mãe de Merida, e revertendo, assim, os papéis que até há pouco pertenciam aos homens (Hine et al., 2018).

A narrativa apresenta a enorme vontade de Merida pela luta da sua independência, apesar de sofrer com confrontos devido à atribulada relação com a sua mãe. Após um feitiço realizado por pedido de Merida à sua mãe, os seus laços reforçam-se. A mãe vê na filha talentos, que anteriormente achava bruscos e desnecessários para uma “menina” e princesa de um reino, mas que a ajudaram a sobreviver e garantir alimento durante a sua transformação em urso. Os seus laços de afetuosidade aumentam à medida que procuram desfazer o feitiço, que continha a contra-indicação de se tornar num animal. A mãe

reconhece que a tradição pode ser rompida e todos devem ter o direito de escolher com quem querem casar, levando à harmonização do reino. O filme explora a relação que existe entre a tradição e a modernidade, mostrando os desafios que existem na mudança e a necessidade do diálogo para que esta transformação cultural seja compreendida e possível.

5.3.1.2. Amor Romântico

O amor romântico neste filme é representado de maneira particularmente diferente, fazendo-nos questionar sobre o papel do amor na nossa vida e os significados inerentes a este. A narrativa foca-se na relação familiar entre mãe e filha e na dificuldade de aceitarem as suas diferenças. A mãe Elinor tem planos diferentes para Merida, pois tem de ser prometida a um dos filhos dos aliados do rei. Isto revolta Merida leva ao rompimento da relação com a sua mãe. É neste momento que a princesa se rebela nos jogos de revelação, que ditam com quem Merida casaria. Merida ao ouvir uma conversa da mãe que dizia que um primogénito poderia casar consigo, entra nos jogos, rasgando o seu vestido apertado, para se poder mover e lançar o arco, e assim lutar pela sua própria mão. O desagrado da rainha demonstra a preocupação pela sua filha, mas também o medo por *Dunbroch*, o reino, que poderia correr riscos com a rejeição do noivado por parte de Mérida. O amor foca-se, então, no modo como as duas personagens femininas se reconciliam, aceitando-se e mudando a sua perspetiva sobre o amor, o casamento e a vida.

O filme rompe com o estereótipo da princesa perfeita, à procura de um príncipe encantado, que respeita as regras do reinado, escapando da clássica premissa dos filmes da Disney de que para se ser feliz é necessário casar (Paula, 2020).

5.3.1.3. Representação feminina

Merida é uma princesa pertencente ao filme de animação Pixar da Disney e é apresentada como uma jovem atlética, fisicamente atrativa, corajosa, curiosa, carinhosa, líder e rebelde. Os seus cabelos ruivos e encaracolados geralmente estão soltos e despenteados, predominando a sua natureza. A personagem feminina está à frente do seu tempo e, portanto, desafia as convenções da época em que vive, recusando-se seguir o caminho tradicional traçado pela mãe, e assim foge às convenções. À procura de mudar o

seu destino e a sua mãe. É o seu espírito de rebeldia e curiosidade que despoleta toda a aventura de conexão e reconciliação com a sua mãe, mas também a imposição de novos padrões na sua cultura. Ainda que seja uma princesa ligeiramente diferente na sua apresentação física, os padrões e ideais de beleza continuam presentes a partir do seu corpo esbelto e rosto simétrico, a única distinção é, de facto, o cabelo que se revela mais rebelde e despenteado e, pela primeira vez, com uma cor berrante, a cor ruiva, bastante comum entre os escoceses.

5.3.1.4. Dependência vs. Independência

No que se refere à autonomia, Merida é uma princesa independente que valoriza a família, a sua felicidade, a liberdade individual e a sua verdadeira autenticidade. Sendo uma das primeiras princesas que se revela sem a necessidade de casar ou viver um amor romântico, enfrentando um reino que se rege por tradições, que já não fazem sentido para as novas gerações. Na verdade, a história revela a vontade profunda que as novas gerações têm de elegerem com quem querem casar. Quando Merida faz um discurso, em nome da mãe, comunica o fim da tradição do casamento arranjado, e os restantes filhos prometidos manifestam o mesmo interesse:

(...) E há a questão do meu noivado e eu decidi fazer o que é certo e quebrar a tradição! A minha mãe, a rainha, sente no coração dela, que nós sejamos livre para escrever a nossa própria história. Seguindo os nossos corações. E encontrando o amor a nosso próprio tempo. Deixem os jovens decidirem por eles mesmos quem querem amar (Andrews et al., 2012).

Ao recusar o casamento, Merida rebela-se contra a tradição e o patriarcado, inspirando as mulheres a lutar pelos seus sonhos e escolher o seu próprio destino (Wilde, 2014).

5.3.1.5. Ativismo e Liderança

Brave Indomável é um dos primeiros filmes que mostra a questão do casamento, estereotipado pela sociedade, a ser desconstruído. Em filmes contemporâneos anteriores,

como *A Princesa e o Sapo* e *Entrelaçados*, embora exista uma discussão sobre o tema do casamento ou do amor romântico, as duas personagens *Tiana* e *Rapunzel* acabam por se casar. Merida é a primeira princesa da Disney que não se casa com um parceiro ou um príncipe. Efetivamente a Disney, com esta narrativa, apresenta uma nova princesa rebelde, atlética, corajosa e com um desejo forte pela independência, trazendo esperança para o futuro onde as mulheres podem ser livres para escolherem o caminho que mais desejam para as suas vidas, sem medo nem culpa por romper com tradições. Apesar de Pocahontas e Mulan já trazerem um historial no que diz respeito ao casamento arranjado e às questões de género, Merida desafia os padrões, estereótipos e tradições relativamente ao amor romântico e ao casamento imposto pelo nascimento ou pela família, sendo assim uma grande ativista pela independência e liberdade de expressão.

5.3.2. Frozen- O Reino do Gelo

5.3.2.1. Evolução, Diversidade e Inclusão

Em relação à evolução do filme Frozen esta narrativa torna-se transformadora a partir do rompimento dos padrões impostos pela sociedade, quebrando estereótipos e revelando mensagens sobre o empoderamento feminino e o amor romântico. A família das princesas é uma família atenta e preocupada com o percurso de vida das suas filhas. Tal como em *Brave Indomável*, os pais das princesas são presentes na vida de Elsa e Anna. No entanto, verifica-se uma modificação no papel masculino de pai, que se demonstra ser mais ativo, nesta narrativa, transformando-se num pilar para a vida das crianças até a sua adolescência. Contudo a sua sobre proteção sobre as crianças, acabou por restringiu ambas as crianças de crescer juntas, num ambiente saudável, resultando na isolamento de ambas.

A narrativa de frozen modifica o estereótipo de vilão e de herói através das personagens Kristoff e Hans. Hans é um príncipe das ilhas do Sul muito bem parecido, sendo amável com Anna desde o início do filme. Todavia, o seu comportamento inicial não correspondia às intenções expectadas por Anna. Hans é inescrupuloso e revela ser um traidor da confiança das princesas, sujeitando ambas as princesas do reino a perigos que as pudessem levar à morte para que triunfasse como rei de Arendelle. Kristoff, pelo contrário, tem uma aparência musculosa, roupas de trabalho e pode parecer, inicialmente, rude e

grosseiro, no modo como fala com as pessoas. Porém, ao longo da jornada em que acompanha Anna a encontrar a sua irmã, para que salve o reino, demonstra-se um bom amigo, homem carinhoso e sensível, companheiro e leal. As personagens masculinas sofrem uma mutação nas suas características que permitem identificar os estereótipos associados a herói e vilão. Desta maneira, aquelas personagens do sexo masculino que parecem ser vilões, como Kristoff, devido à sua aparência robusta, acabam por ser grandes companheiros, pessoas sensíveis e amáveis. Enquanto as personagens que se parecem com o príncipe encantado, dos clássicos da Disney demonstram, ao público, serem vilões gananciosos e egocêntricos, como foi o caso de Hans. Assim se revertem os estereótipos de gêneros e desfazem-se ideais de beleza, tornando-se possível construir um caminho com personagens que mostram o seu verdadeiro caráter pelos seus comportamentos, em vez da aparência física.

5.3.2.2. Amor Romântico

A narrativa do filme Frozen apresenta uma visão particularmente distinta, rejeitando os estereótipos e ideais relacionados ao amor romântico. Elsa não permite o casamento entre Hans e Anna por se terem conhecido no próprio dia. Elsa transmite a mensagem de que o amor se constrói ao longo do tempo, fazendo-nos refletir sobre os casamentos rápidos que aconteciam com as princesas clássicas. O príncipe “encantado”, Hans, torna-se o vilão da história, que planeou casar com a princesa Anna e matá-la para que pudesse tornar-se rei de *Arendelle*. Hans afirma que a Anna, desesperada por amor, aceitaria casar com ele no mesmo dia, demonstrando carência afetiva da princesa. Kristoff é a personagem masculina do filme que alerta Anna sobre os perigos de se casar com alguém que mal conhece. Ele é um grande aliado da mulher e promotor da igualdade de gênero, sendo a primeira personagem masculina dos filmes de princesas da Disney a abordar questões como o amor romântico, colocando o bem-estar de Anna acima dos seus, abrindo mão do seu próprio amor por Anna para garantir a sua felicidade. Apesar das personagens pensarem que o ato do amor verdadeiro seria com Hans e posteriormente com Kristoff, foi o amor fraterno que salvou ambas as princesas. O amor de Anna por Elsa foi a força que salvou ambas. É o amor fraterno, baseado no apoio, na compreensão e na aceitação que

leva à salvação de Anna e à libertação dos medos de Elsa, aprendendo a controlar os seus poderes, e salvando o reino do inverno gelado.

O filme transporta a mensagem de que o amor genuíno exige tempo, confiança e conhecimento mútuo. Apesar de Frozen se focar no amor fraterno entre Anna e Elsa, o filme também explora o amor romântico, apresentando uma diversidade de representações através do amor entre Anna e Kristoff, entre pais e filhas e amigos. Desta maneira, demonstra existirem diferentes formas de amar, promovendo a inclusão e diversidade.

5.3.2.3. Representação feminina

No que diz respeito à representação feminina das personagens, ela é multifacetada, pois distancia-se dos estereótipos criados pela sociedade e perpetuados pelas princesas clássicas da Disney. As duas princesas são fisicamente atrativas, corajosas, carinhosas, salvadoras e salvas, já que ambas as irmãs se salvam uma à outra. Porém, Anna é uma princesa que procura por um príncipe encantado, com o objetivo de casarem e serem “felizes para sempre”, apresentando-se como uma personagem bastante romântica. Elsa é independente, mas um pouco medrosa, devido ao desconhecimento do controlo dos seus poderes, mas líder, pois, apesar de ser rainha, revela-se preocupada com a segurança dos habitantes do seu reino. Elsa e Anna apesar de exibirem características distintas são mutuamente protagonistas ativas e lutam por aquilo que almejam. Demonstram assim a dualidade entre dois pontos opostos entre si.

Anna liberta Elsa, através do amor, a partir de uma jornada que a leva à procura da irmã para que voltasse a governar Arendelle. Por outro lado, o medo de Elsa sobre os seus poderes e a sua fuga para o reino do gelo, permite-lhe libertar-se, empoderando-se, e salvar Anna do congelamento eterno. Ambas as princesas, mesmo com inseguranças e medos, redescobrem-se uma à outra e a si próprias, compreendendo que a chave para a salvação é o amor, neste caso fraterno. São princesas que lutam pela sua sobrevivência, num reino onde a rainha não é aceite tal e qual como é. Assim, é aclamada de “bruxa” e de “monstro”. Elsa e Anna são protagonistas que passam por dificuldades idênticas às mulheres da vida real, pois enfrentam estereótipos e preconceitos para conseguirem ser livres e verdadeiras consigo próprias. Elsa é o maior exemplo disso, pois contém poderes que não são acolhidos pela sociedade, remetendo para as mulheres que não seguem os padrões

tradicionais, confrontando-se com a discriminação e julgamento pelas sua personalidade, ambições profissionais e opiniões diferentes.

No que concerne à aparência física, existe ainda uma idealização da beleza feminina predominante, apresentando características estéticas que são difíceis de alcançar para um ser humano. Entre estas características destaca-se os seus narizes pequenos, lábios definidos, os seus pulsos serem do tamanho dos seus olhos e uma cintura extremamente estreita. Isto impossibilita a demonstração de personagens com características diversificadas e mais realistas da mulher.

5.3.2.4. Dependência vs. Independência

O filme Frozen apresenta uma narrativa que explora a questão da dependência e independência através da história das duas irmãs. Anna é uma princesa retratada, inicialmente, pela sua dependência emocional a Elsa e ao carinho de outras pessoas. Através da sua canção verificámos como a princesa se sente insegura e perdida quando Elsa se distancia de si:

A tua companhia quero ter
Até com os quadros na parede ando a falar
Aguenta, Joana! '
Eu sinto-me sozinha

Dizem “coragem” eu bem tento ter
Eu vou-te proteger
Deixa-me entrar
Nós estamos sós no mundo
Só te tenho a ti
Não quero estar tão só.

Canção *Vem Fazer Bonecos de Neve*, do filme Frozen

Elsa, por outro lado, demonstra dependência aos poderes mágicos, que contêm em si mesma, para se sentir livre e segura. É desta forma que se isola do mundo, pelo medo e

para evitar magoar as outras pessoas. No entanto, Anna desenvolve a sua independência emocional, ao longo do filme, na sua jornada à procura da irmã Elsa. Torna-se assim mais empoderada e capaz de tomar decisões sozinha. Entretanto, Elsa aprende a ser mais independente ao descobrir como utilizar os seus poderes mágicos, revelando-se mais segura e confiante e abrindo, assim, o seu coração à sua irmã e ao povo de Arendelle.

A narrativa de Frozen ressalta a importância do equilíbrio entre a dependência e a independência, pois as personagens do filme não precisam de excluir as suas necessidades de conexão com outras pessoas para serem autossuficientes e fortes.

5.3.2.5. Ativismo e Liderança

As personagens femininas desmantelam os estereótipos tradicionais de princesas indefesas e passivas, assumindo papéis ativos na sociedade. Elsa é promotora da liberdade individual e de liderança, escolhendo libertar-se das correntes sociais, estereótipos e preconceitos. É a primeira princesa da Disney que se torna rainha de um palácio sem necessitar de se casar. Para além disto, fornece aos telespetadores um hino de libertação ao chegar à montanha do Norte, cantando a música *Let it go*. Esta música mostra o quanto Elsa negou as suas próprias vontades durante anos da sua vida, conseguindo finalmente desprender-se do medo e revelando os poderes mágicos. Anna demonstra bravura e determinação. Revela ser uma mulher poderosa e determinada ao aventurar-se pela perigosa montanha do Norte, correndo riscos para trazer de volta sua irmã para o reino. A sua liderança manifesta-se no modo como encara os desafios com otimismo e resiliência. Ambas as princesas demonstram serem ativistas do amor próprio, do empoderamento feminino e da liberdade de expressão.

5.3.3. Raya e o Último Dragão

5.3.3.1. Evolução, Diversidade e Inclusão

No que se refere à evolução das personagens nesta narrativa, as do sexo masculino, seguem o mesmo padrão de comportamento como em *Brave Indomável* e em *Frozen*, onde é possível começar a observar mudanças no que se refere aos estereótipos relacionados aos

comportamentos no género masculino. Portanto, as personagens masculinas são mais gentis e carinhosas, demonstram emoções como o medo e a tristeza, principalmente através de personagens como *Benja*, pai de Raya, e *Tong*, um gigante da terra de *Espinha*. Benja é uma personagem bastante diferente dos pais que estamos habituados a ver nos primeiros filmes da Disney, pois é muito presente na vida de Raya, tal como o pai de Merida e das irmãs Anna e Elsa, ensinando-a a lutar sozinha e proteger-se contra a praga dos *Druun*, passando valores como a confiança e a união da humanidade. Tong é uma personagem com um aspeto físico forte e musculoso, parecendo intimidador, mas revelando ser apenas uma pessoa magoada pela destruição causada pelos *Druun* que fez com que perdesse a sua família toda. Tong remete-nos imediatamente para a personagem de Kristoff que é igualmente julgado como o “mau” devido às suas características físicas. No entanto, Tong é afinal um aliado leal e amigável que ajuda Raya a unir as cinco terras de maneira a voltarem a ser Kumandra novamente.

5.3.3.2. Amor Romântico

No que diz respeito ao amor romântico, nesta narrativa, percebe-se que é direcionado à família e amigos. Nenhuma personagem feminina procura um par romântico e o casamento não é mencionado pelos pais de Raya e Namaari, que mutuamente não se encontram numa relação romântica. A narrativa apresenta diversas formas de amar, como o amor à família, à natureza e aos amigos, demonstrando assim que existem diversas maneiras de expressar e sentir amor na vida. O foco não é amor romântico, mas sim o amor pela vida, pela terra e pela humanidade, é esse amor que permite a existência de uma salvação na história.

5.3.3.3. Representação feminina

No que toca à representação feminina, o filme *Raya e o Último Dragão* desafia as expectativas tradicionais de género, apresentando três protagonistas femininas fortes e complexas que assumem papéis de guerreiras e salvadoras.

Raya é uma guerreira conscienciosa e líder corajosa. O seu senso de justiça e o desejo de salvar o pai e o seu povo impulsiona-a a embarcar numa viagem de

autodescoberta e a questionar a sua própria desconfiança nas pessoas e na vida. A sua força e resiliência física e mental tornam-na numa princesa inspiradora, demonstrando que o feminino pode coexistir mutuamente com a audácia e perseverança. Raya é, portanto, uma princesa que demonstra ter capacidades atléticas, é independente, rebelde, pois revolta-se contra as regras implementadas, e é salvadora da sua comunidade, voltando a unir Kumandra. Já a protagonista Sisu, o último dragão, assume um papel fundamental como guia e mentora de Raya. A sua sabedoria e compaixão servem como contraste à impetuosidade da personagem Raya, trazendo-lhe a aprendizagem sobre a importância da esperança e da união da humanidade para que esta seja salva. Sisu representa a força interior e a capacidade de o ser humano trazer paz ao mundo com a união e confiança do povo. Por fim, Namaari, líder do reino rival de Fang, é uma personagem complexa e multifacetada. Movida pelo desejo profundo de proteger o seu povo, carrega as mágoas do passado que moldam as suas ações presentes. Assim, a sua relação com Raya é marcada, principalmente, pelo conflito e ressentimentos. Porém, com a presença de Sisu, ambas reconhecem a necessidade de trabalhar juntas para salvar o mundo. São as três grandes protagonistas desta narrativa que trazem significados importantes sobre os desafios que a humanidade enfrenta no século XXI. Desta forma, é possível confirmar que existe nas personagens femininas e nas princesas dos filmes da Disney, uma evolução cada vez maior, já que a estas que se começam a atribuir capacidades que lhes permitem salvar o mundo e começar a tomar posições que até há pouco tempo só visualizávamos protagonistas masculinos realizar.

Em suma, na narrativa o “masculino” e “feminino” difundem-se. Vemos mulheres como Raya e Namaari a lutarem com raiva e movimentos violentos, como socos, pontapés e com espadas, existindo uma transferência de elementos tradicionalmente associados ao “masculino”, como a força e a brutalidade, para as personagens femininas. O estereótipo das características femininas é completamente desconstruído, apresentando crianças e mulheres adultas que lutam para sobreviver, utilizando a força física e a violência. Relativamente ao modo como as personagens femininas se apresentam, verifica-se uma transformação, pois vestem camisolas e calças e utilizam espadas, tal como já aconteceu no filme *Mulan*.

5.3.3.4. Dependência vs. Independência

No que diz respeito a Raya e Namaari e às restantes personagens femininas do filme verifica-se que são bastante independentes, cuidando de si próprias sozinhas e sem precisarem de ajuda. Raya e a bebé Noi são as personagens femininas que mais se destacam por conseguirem sobreviver sozinhas sem os seus pais, mesmo em condições difíceis. Raya é uma princesa da terra de Coração que ao perder o pai ficou muito solitária, tendo apenas a companhia do seu animal de estimação. Noi é uma bebé da terra de Garra que foi adotada por *ongis*, e sobrevive enganando pessoas, roubando-as e assim sustentando-se sem os seus pais. Ambas as personagens aprenderam a autossustentar-se para que não passassem fome e não fossem petrificadas pela praga dos *Druun*. Portanto, de modo geral, as personagens do sexo feminino, nesta narrativa, são independentes e resilientes face às adversidades.

5.3.3.5. Ativismo e Liderança

O filme aborda como as personagens do sexo feminino são guerreiras e aliadas à natureza, cuidadoras da mãe terra, nutrindo-se a si próprias e aos outros com as dádivas que os dragões facilitam a Kumandra. No entanto, também reflete como a violência se pode apoderar de toda a humanidade, devido à traição, perda e dor, trazendo-nos assim princesas guerreiras que trazem características estereotipadas tipicamente do sexo masculino, como a força física. Raya e o Último Dragão têm presente o eco feminismo, pois Raya, Nammari e Sisu lutam para que a sociedade seja baseada na cooperação e no equilíbrio em vez de uma sociedade hierárquica e dominadora. O eco feminismo defende os direitos humanos, os direitos das mulheres e as questões ambientais, apelando assim à conservação da natureza e de todos os seres vivos (Imroatina, Setyorini, & Ihsan, 2022). Raya, Susi e Namaari são guardiãs da natureza e contêm conexões naturais que permitem proteger o mundo e os seus recursos. Na verdade, a sua união é indispensável para a salvação de Kumandra. Assim, são uma grande fonte de inspiração para cuidarmos do planeta e da humanidade, são porta-vozes da proteção da natureza e paz na terra, um tema que ainda é muito atual com a existência de guerras que destroem a vida e o planeta terra.

6. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo é dedicado à apresentação dos resultados de natureza qualitativa obtidos por meio das entrevistas semiestruturadas realizadas para este estudo.

Para atingir uma compreensão mais profunda e responder aos objetivos da investigação, a análise será estruturada de acordo com a tabela 3 (pg. 38), detalhando a relação dos entrevistados com as questões apresentadas. A partir dessa análise, será possível aprofundar a compreensão sobre a representação das mulheres nas princesas da Disney, os estereótipos, padrões de beleza, e a influência das narrativas na recepção e percepção dos participantes.

6.1. Imagem e significado de princesa enquanto mulher

“Uma princesa deve ser forte, empática e respeitosa, servindo como exemplo. Psicologicamente, ela deve saber ouvir e ter qualidades humanas, incluindo defeitos, para ser autêntica. Fisicamente, embora a imagem tradicional de uma princesa seja de beleza, não é uma exigência absoluta.” (Ana, 41 anos)

Relativamente à imagem, os principais traços físicos que são referidos pelas mulheres são o cabelo loiro, pele clara, olhos verdes ou azuis, figura esbelta e com uma cintura fina. No que refere à parte psicológica, características como destemida, corajosa, empática, humilde, respeitadora, delicada, forte, impulsiva, sonhadora, com uma conduta positiva e bons valores são as mais proeminentes.

“A primeira imagem é de uma mulher bonita, branquinha, loirinha, simpática, frágil. Simpática já disse, frágil, corajosa e simples.” (Maria, 28 anos)

“Elas são todas fisicamente magras, atraentes, são bonitas, pronto, quando se fala em princesas, qualquer pessoa pensa nesse formato.” (Joana, 49 anos)

“Quando eu penso numa princesa da Disney... eu penso precisamente numa princesa com vestido armado, com salto, com traços muito ténues na face, com lábios

pintados, muito neste registo físico. Depois ligado à parte emocional, um ser que quer efetivamente conquistar coisas, mas também um ser frágil, portanto acho que é um bocadinho por aí que eu vejo.”. (Glória, 34 anos)

A figura da princesa, perpetuada pelas das princesas da Disney, moldou gerações com uma visão idealizada, e muitas vezes limitada, sobre o papel exercido pelo sexo feminino na sociedade.

“Isto é uma ideia padronizada, não é? Então, a primeira imagem, quando me pergunta, imagem de uma princesa... é uma mulher branca, alta, bonita, elegante, dentro dos padrões de beleza que nós ocidentais temos, e depois é aquela questão de saber estar, ser muito delicada, ser muito senhora.”. (Cláudia, 33 anos)

Assim, relativamente à imagem das princesas, as mulheres que participaram no estudo revelam ter uma visão estereotipada de como deveria ser o físico de uma princesa. A resposta dos entrevistados revela uma imagem estereotipada da princesa como um símbolo feminino idealizado, tanto fisicamente como psicologicamente. No entanto, existe uma consciência coletiva de que esta é uma construção social que foi realizada ao longo dos anos, tendo sido distorcida e influenciada pelo conteúdo transmitido pelos media. Porém, existem diferenças representativas entre as princesas clássicas e princesas contemporâneas, como referem as entrevistadas, permitindo ancorar novas imagens inclusivas e diversificadas sobre aspetos físicos e psicológicos nas personagens do sexo feminino. As princesas contemporâneas, como Merida e Raya, destacam-se pelo modo como apresentam uma imagem física e psicológica diferenciada, representando as vontades e lutas das mulheres sobre o casamento e liberdade individual, comparativamente às princesas clássicas, como Branca de Neve, onde os valores intrínsecos à sociedade do século XX incluíam ser dona de casa e uma esposa dedicada. Branca de Neve evoca, portanto, uma imagem mais tradicional de uma princesa delicada, bonita, calma e envolvida numa história de amor clássica idealizada. Relativamente ao filme Frozen, com as princesas Elsa e Anna, a narrativa apresenta os desafios que as mulheres enfrentam ao assumirem a sua personalidade. Já Pocahontas é considerada como um marco para o início da mudança de paradigma nas narrativas das princesas, assemelhando-se às histórias de Merida e Raya, principalmente pela bravura e coragem em desafiar as normas sociais.

Claúdia (33 anos) destaca a importância de *Brave* como um marco na representação feminina “A *Brave* foi a que abriu portas para quebrar muitos paradigmas porque ela não queria um príncipe.”. Esta afirmação evidencia a percepção de uma mudança significativa na construção das personagens femininas em filmes de princesas da Disney, que passaram a desafiar os estereótipos tradicionais que se encontravam presentes nas narrativas clássicas. A revelação de Carla (33 anos) sobre a personagem Pocahontas, indica uma percepção mais complexa acerca da representação da mulher nos filmes da Disney. Ao comparar Pocahontas com Branca de Neve, a entrevistada destaca as diferentes barreiras e desafios que cada personagem teve de enfrentar, evidenciando a evolução da representação das mulheres em contextos históricos e culturais diferentes. “Branca de Neve (...) teve com os sete anões a lutar contra a madrasta, mas, por exemplo, no caso da Pocahontas, ela teve de cobrar muitas mais barreiras.”. Rosa (53 anos), ao comparar Merida e Raya com Branca de Neve e Pocahontas, afirma que as primeiras “já são mais mulheres donas do seu destino”. Estas observações confirmam a tendência crescente de uma representação das personagens femininas mais proativas e independentes nos filmes das princesas da Disney.

6.1.1. Padrões de Beleza nas Princesas da Disney

Um dos aspetos relevantes na receção da informação, ao longo das entrevistas, foi o levantamento de padrões de beleza presentes em todos os filmes das princesas da Disney, mesmo naqueles mais recentes.

Ao analisar a percepção das entrevistadas, sobre a evolução das princesas da Disney, um padrão destacou-se: a maioria concordou que as princesas tradicionais, da época de 1937 a 1958, apresentam características físicas muito semelhantes, como a pele clara, corpos magros e traços delicados. Essa visão confirmada por exemplos como Branca de Neve, Cinderela e Aurora. No entanto, ao discutirem sobre as princesas de gerações mais recentes, como Ariel, Bela, Jasmine e Pocahontas, as entrevistadas destacaram uma evolução na direção das personagens com características psicológicas mais complexas, pois libertam-se do conformismo e tornam-se mais independentes. Apesar desse avanço a diversidade física foi apontada, ainda, como um desafio. Mesmo com a introdução de personagens como Tiana, Merida e Raya, que representam diferentes etnias, as

entrevistadas perceberam uma persistência de padrões de beleza ocidentais nos traços faciais dessas personagens. Essa constatação levou à conclusão de que, embora as princesas da Disney contemporâneas reflitam uma evolução, alinhando-se cada vez mais com o perfil da mulher do século XXI, e procurando um equilíbrio entre a individualidade e tradição, a empresa continua a perpetuar os padrões de beleza estabelecidos anteriormente pelas princesas clássicas.

“São predominantemente baseadas na cultura europeia e ocidental, há uma ênfase em cinturas definidas, magreza e cabelos longos como padrões de beleza.”.
(Joana, 49 anos)

“Por exemplo, a Frozen e a Brave iguais a nível de perfil da face, e mesmo a Raya, são muito parecidas.”. (Carla, 33 anos)

“A cintura delas é sempre muito fina. A cara delas, o tom da pele, às vezes, ou é demasiado pálido, ou é demasiado moreno. Acho que não me lembro de nenhuma que tivesse um tom assim mais neutro. Não sei, talvez seja por causa das etnias, mas de qualquer das maneiras, parece que fazem delas muito pálidas, mas quando tentam mudar a etnia, o tom já fica mais comum, o que mais se vê agora.”. (Eduarda, 17 anos)

As entrevistadas Rosa (53 anos) e Madalena (22 anos) convergem na crítica à falta de representatividade de princesas nos filmes da Disney. Enquanto Rosa destaca a ausência de personagens negras e com diferentes tipos de corpo, Madalena enfatiza a necessidade das princesas se tornarem mais realistas, que não correspondam a um padrão de beleza magro e perfeito. Desta maneira, Madalena, argumenta que seria interessante ver personagens que enfrentassem problemas comuns nas mulheres, como o acne, as estrias e celulite. Uma participante do estudo destacou que princesas como Merida, Moana e Raya representam uma evolução na representação da Disney, apresentando traços físicos mais diversificados e respeitando as características das suas etnias. Mariana (42 anos) exemplifica essa evolução citando a personagem Moana: “Claro que antigamente eram magras... Cabelos, claro, lindos. E agora é diferente. Agora a Vaiana, também é muito bonita. Não é gordinha, mas já é diferente por responder a um físico diferente, já é assim toda em curvas.”.

6.1.2. Percepção sobre a representação física das princesas

Durante a entrevista foi possível compreender a preocupação das participantes sobre esta influência das características físicas dos filmes das princesas da Disney, admitindo conhecerem que estas são, muitas vezes, inalcançáveis pela mulher.

As participantes da entrevista revelaram a influência dos media na construção da autoimagem das crianças e adolescentes, principalmente do sexo feminino. A ideia de que as princesas precisam de estar sempre arranjadas e elegantes pode levar a que as jovens precisem, igualmente, de ser magras e bem vestidas, podendo influenciar negativamente a autoestima das crianças e adolescentes. As mulheres mães, revelam uma maior preocupação no modo como informam os seus filhos(as) sobre os padrões de beleza. Relatam, portanto, que lhes explicam existirem diferentes tipos de corpos e que isso é normal. É igualmente referido, pelas entrevistadas, que esta mediatização dos padrões de beleza aumentou a pressão sobre as mulheres em relação à beleza comparativamente com os homens. Joana (49 anos), observa que desde muito jovens, as crianças do sexo feminino estão expostas a bonecas ou princesas magras, ou seja, um único padrão, sem diversidade, e que isto pode moldar a percepção sobre aquilo que é considerado bonito ou aceitável na aparência física de uma mulher. Para além disso pode influenciar o modo como a sociedade avalia as mulheres, criando expectativas e ideias preconcebidas sobre a aparência.

“Acho que pode contribuir com expectativas irreais, por parte da sociedade, para com as mulheres na sua aparência física, ou seja, esperarem que as mulheres sejam parecidas com as princesas da Disney. Pode acabar por os eludir.”. (Maria, 28 anos)

Glória (34 anos) destaca que a exposição constante a imagens idealizadas de beleza pode limitar a compreensão das crianças sobre o que é considerado bonito: “Eu acho que influencia principalmente nas crianças. Influencia muito a forma como elas denotam o que é a beleza, o que é esperado. Eu acho que ficam muito presas àquilo que é visível ali. Que pode ter as suas coisas boas ou menos boas.”. Carla, por sua vez, reforça como a imagem das princesas da Disney podem ganhar força para a formação dos desejos e aspiração das

meninas: “(...) nas princesas da Disney é um bocadinho a mesma coisa, porque aquilo que as miúdas veem, elas querem ficar parecidas com elas, elas põem a peruca da Frozen, põem o vestido da Frozen... se querem todas ser loiras, se calhar é melhor fazer uma Frozen morena.”. Já Daniela revela que as pessoas podem associar a beleza física à inteligência e ao sucesso, um estereótipo comum na sociedade: “As meninas bonitas, por assim dizer, as pessoas acabam sempre por achar mais inteligentes, que vão sair melhor na vida, que estudam mais, sei lá, acho que erradamente.”.

No entanto, a entrevistada Eduarda (17 anos) refere que na sua época já não visualizava tanto os filmes das princesas clássicas. Estava habituada a ver os filmes contemporâneos, com uma abordagem diferente da do século XX. Afirma, então, que crescer a observar as princesas contemporâneas permitiu distanciar-se da influência dos padrões de beleza idealizados pelas princesas clássicas. Esclarece ainda que pode existir uma expectativa da sociedade das mulheres serem parecidas com as princesas, mas refere que esse efeito sobre as mulheres pode ter um impacto diferente, pois, para si, difere da personalidade de cada pessoa. Rita (26 anos) acredita que as princesas de antigamente poderiam, de facto, ter afetado a perceção sobre a representação física das mulheres, pois viviam em um “mundo muito mais conservador onde as mulheres estavam padronizadas.”. No entanto, ressalta que a liberdade de expressão e empoderamento das mulheres trouxeram mais força para que as princesas atuais expressassem as suas individualidades, incluindo as etnias, orientações sexuais e características físicas. Para Rita esta diversidade tem promovido uma conversa mais positiva e inclusiva sobre o corpo e a beleza.

6.1.3. Modificações nas narrativas

As histórias da Disney são conhecidas, nomeadamente, pela qualidade de transportar o telespetador para a tela num mundo encantado, de sonhos e de felicidade. No entanto, apesar da sua popularidade e sucesso, estas histórias não são perfeitas para todos os públicos.

Desta maneira, procurou-se entender se as entrevistadas realizariam modificações nas narrativas dos filmes das princesas da Disney, e quais seriam essas mudanças. Assim foi possível entender a perceção da audiência em relação à imagem e ao significado de princesa enquanto mulher. Portanto, seis mulheres indicaram que fariam modificações nas

histórias das princesas da Disney ao acrescentar personagens mais realistas, que refletissem uma maior diversidade na sua morfologia, e de características psicológicas, de maneira a ajudar no combate aos estereótipos de gênero e padrões beleza, que podem ser prejudiciais, e que são frequentemente impostos pelos media e pela sociedade.

A entrevistada Joana (49 anos) comenta o papel da Disney na educação das crianças, principalmente sobre aquilo que é considerado bonito ou feio, bom e mau. Sugere, então, que a empresa tem uma grande responsabilidade na influência dessas percepções, podendo criar histórias mais positivas que eliminem os estereótipos que existem atualmente. Para a Joana é importante perceber profundamente quais são as características das pessoas que pertencem a um país, tornando as princesas da Disney mais próximas com a sua realidade cultural. A influência cultural das representações mediáticas, especialmente em filmes direcionados ao público infantil, necessita de ser mais inclusiva e representativa, de modo a ajudar a moldar uma sociedade mais igualitária.

“Imagina, a Brave sim, é válida do lado da Escócia, o cabelo já está ruivo e assim, mas por norma elas são mais altas, são mais encorpadas. Fazê-las assim nessa forma, também um bocadinho mais encorpadas. As indígenas da Pocahontas não são tão musculadas nem tão definidas como ela, são mais, até são mais pequenas e tudo, fazê-las assim de uma beleza mais real e mais natural.”. (Cláudia, 33 anos)

Relativamente ao amor romântico foi ressaltada a salvação do príncipe às princesas e *vice-versa*. A associação de uma mulher, sempre, a um homem, torna-se uma necessidade que já conseguiu ser correspondida pelas novas narrativas das princesas da Disney. No entanto, perdura a opinião de que é possível ter alguém que nos ama romanticamente, mas também é importante dar a conhecer o amor da amizade e familiar nestes filmes, tal como já começamos a ver nos filmes Frozen e Brave Indomável.

“O que eu mudava era, na Branca de Neve, Cinderella e na Bela Adormecida, essas princesas se salvarem sozinhas sem necessitarem de ajuda de um homem. Mas depois também entendo, pois acho que a branca de neve é de 1930.”. (Mariana, 42 anos)

“Eu acho que desde sempre houve uma associação. Tipo uma princesa tinha que ter um príncipe, tinha que procurar um príncipe... o propósito de uma princesa era a procura do amor.” (Daniela, 23 anos)

Outro aspeto apontado foi a mudança das vestimentas. As entrevistadas referem, assim, que as princesas como Jasmine e Raya podem ser um exemplo para as próximas princesas. Porque, na verdade, as suas roupas são muito mais parecidas com aquilo que as mulheres vestem na realidade do ocidente. Substituir, então, o vestido comprido e volumoso, por roupas mais confortáveis, permitindo, portanto, que estes géneros de filmes se aproximem da realidade das mulheres do século XXI.

“Por exemplo, aqui a Branca de Neve, de vez em quando havia de vestir calças, por exemplo. Andar com o cabelo amarrado. Usar roupas mais parecidas com aquelas que nós utilizámos nos dias de hoje. Princesas mais parecidas com as mulheres do século XXI.” (Rosa, 53 anos)

Em relação à imagem do homem comparativamente à da mulher, nos filmes das princesas da Disney, foi apontado o modo como a empresa projeta as figuras masculinas visualmente, subentendendo a mensagem de que o homem é mais forte e impactante quando aparece na tela, mesmo que seja uma personagem secundária:

“Parece estar a dar a entender como é mais poderoso que o outro, sendo que, tecnicamente, de formos bem a ver nos filmes, as princesas são um ponto importante, não as personagens masculinas. Mas mesmo que apareçam só em poucos segundos, a presença deles consegue ser muito impactante para uma personagem que não devia ser tão importante.” (Eduarda, 17 anos)

As participantes que não faziam modificações nas narrativas das princesas da Disney argumentam que as histórias tiveram um significado profundo na sua vida e para o seu crescimento pessoal. Argumentam que todas as histórias têm uma mensagem relevante para a época em que foram criadas, portanto não sentem a necessidade de alterar o rumo da história ou modificar as personagens. Consideram que as princesas da Disney se apresentam de forma adequada dentro do contexto de cada narrativa.

“Eu acho que não mudava nada, eu não diria que mudava nada nos filmes recentes. Eu acho que elas representam as mulheres mesmo. Eu acho que é uma boa representação. São representações diferentes, mas no geral são histórias diferentes também. Mas no geral está tudo bem representado. Mas nos primórdios da Disney, precisavam sempre de ter ali o homem com elas, parece que não conseguiam fazer nada sozinhas e isso irrita um bocado. Mas também pronto, lá está, também tenho que perceber que era a época.” (Márcia, 24 anos)

Outra razão pela qual duas das três participantes não realizariam mudanças, Diana e Rita, deve-se ao facto de estar cada vez mais presente o eco feminismo e a preservação da natureza, por parte das personagens do sexo feminino, nos filmes das princesas. A presença destes elementos nos filmes faz com que as filhas de Diana queiram ser mais como os animais ao invés de ser como as princesas. Os animais desempenham, continuamente, papéis significativos nos filmes, tais como a rena, em Frozen, e o urso, em Brave Indomável, passando uma mensagem positiva, através da sua presença. Relativamente às personagens masculinas, Rita verifica uma evolução na sua representação, transformando-os em personagens carinhosas e sensíveis, e quebrando o estereótipo da masculinidade tradicional. Menciona, igualmente, que esta nova representação é muito importante porque promove uma visão mais equilibrada sobre os sexos. Ademais, a componente eco feminista, que preserva a natureza e cuida dos animais, traz às mulheres o papel de conservadoras do “mundo”, carregando nas suas personagens, maior sensibilidade e carinho pelos animais, algo que Rita também sente ser idêntico na sua própria vida. No entanto, a própria reconhece que esta sensibilidade não é exclusiva às mulheres, e que a sociedade está a mudar, permitindo aos homens mostrar as suas emoções e sentimentos e, assim, revelando histórias da Disney diferentes e mais inclusivas.

“As mulheres nos filmes da Disney eram frequentemente mostradas como mais conectadas aos animais e à natureza. No entanto, em Frozen, pela primeira vez, um personagem masculino, Kristoff, comunica com uma rena, o que mostra uma tentativa da Disney de representar homens com fragilidades, e uma conexão com a natureza, tal como as mulheres.” (Rita, 26 anos)

6.2. Evolução da representação das princesas ao longo do tempo

As participantes do estudo afirmam que ocorreu uma evolução no modo como as princesas são representadas, principalmente ao comparar as personagens contemporâneas às princesas clássicas. Deste modo, as entrevistadas abordam diversos temas ao descreverem esta evolução, sendo o empoderamento feminino o mais comum. As entrevistadas referem o modo como as histórias das princesas, atualmente, são diferentes daquelas que pertenciam ao século XX, nomeadamente pela combinação de características tradicionais com as atualizações modernas, acompanhando, assim, a evolução da sociedade. Para além disso, é também referido o modo como as histórias das princesas clássicas são encaminhadas de modo a que os telespetadores visualizem um resgate por parte de um príncipe encantado, salvando a sua princesa de uma madrasta malvada, ou de outra situação infeliz. Este é um dos principais aspetos que causa mais discussão durante a conversa, pois remete as entrevistadas a pensar sobre como nestes filmes apenas existia um possível final “feliz” para a mulher.

“E há sempre um príncipe que as vem salvar, com o qual casam, e a história terminava sempre com casaram e foram felizes para sempre.”. (Joana, 49 anos).

“O objetivo era encontrar um príncipe encantado, e tem evoluído para princesas que tenham foco em quebrar barreiras.”. (Glória, 34 anos).

“Começas a ver umas princesas à procura dos seus príncipes, e aos poucos vão introduzindo personagens que não procuram o príncipe, conforme o público vai pedindo mais autonomia às princesas.”. (Cláudia, 33 anos).

A sua evolução passou, igualmente, por uma transformação física, mas também intelectual. Segundo as entrevistadas, aquilo que ganhou maior destaque nas últimas princesas foi a mudança da personalidade, e das vestimentas através de Merida e Raya, comparativamente a Branca de Neve ou Cinderella, onde os vestidos eram armados e a sua aparência era “perfeita”. Além disso, psicologicamente as personagens tornaram-se mais lutadoras e firmes aos seus objetivos, quebrando várias barreiras a diferentes níveis e áreas da sua vida, quer fosse ele familiar ou social. Porém, Pocahontas é das princesas mais

antigas que é referenciada pelas participantes como a primeira mulher corajosa, apesar da sua época, rompendo padrões, como escolher não casar.

“Ela quebrou as barreiras que tinha para quebrar, foi contra o pai, foi contra quem tinha de ir. E acho que atualmente nós, temos que quebrar muitas barreiras também, a nível familiar, porque, por exemplo, os nossos avós e na minha faixa etária, a minha mãe não foi criada com as realidades que eu sou criada hoje em dia. Eu tenho muita mais liberdade para fazer acontecer.”. (Carla, 33 anos)

Sendo assim, globalmente, as participantes acreditam que Merida e Raya representaram mudanças significativas na forma como as personagens femininas são retratadas em comparação com as princesas do passado. Tornando-se princesas contemporâneas que não estão aprisionadas a padrões de beleza tradicionais, apresentando características físicas distintas e diferenciadas e um caráter mais forte e determinado. Refletem, portanto, uma mudança na representação da mulher, através da demonstração de personagens que não dependem do sexo masculino, que possuem um propósito na sua vida, em que a sua aparência física não é o ponto fulcral. A entrevista revelou uma perceção comum: a evolução das princesas de figuras passivas e dependentes para personagens mais independentes e donas dos seus próprios destinos.

As participantes desta pesquisa concordam que as princesas mais recentes, como Merida e Raya, representam uma rutura com os estereótipos tradicionais de género. Cláudia (33 anos) destaca a mudança dos padrões e a procura pela independência nas novas princesas, comparando esta evolução com a conquista da autonomia feminina na sociedade:

“Tem aqui a Brave, por exemplo, que faz de tudo para não casar, porque ela quer ser independente e quer gerir a vida dela, ou seja, estamos a ver uma quebra tal como nós mulheres na sociedade, estamos a quebrar com esses padrões e comportamentos. Porque vemos a geração das nossas avós e até das nossas próprias mães com muita conquista da autonomia e independência através do casamento.”.

Já Edna (30 anos) enfatiza a mudança na forma como a sociedade vê o papel da mulher, através da comparação das princesas mais passivas e submissas do passado, com

as personagens mais ativas do presente. Eduarda e Rosa, por sua vez, destacam a força e autonomia destas novas personagens da Disney, que não precisam mais da figura do príncipe para alcançarem os seus sonhos e seguirem com a sua vida como desejam.

“Apresentam uma personalidade mais forte. Elas antes eram muito... eram um bocado submissas, eram muito adequadas ao que era suposto naquela altura em questão de padrões. Agora não.”. (Eduarda, 17 anos)

“Eu acho que aqui a Brave e a Raya... há aqui uma mudança, porque já temos aqui duas mulheres lutadoras, que já não estão à sombra do príncipe, totalmente. Portanto, aqui com uma imagem já de mais senhoras do seu próprio destino.”. (Rosa, 53 anos)

Para Mariana (42 anos) houve uma evolução na representação das princesas, especialmente quanto à diversidade das personagens. Ressalta que, no passado, as princesas eram predominantemente loiras e brancas, dificultando a identificação de muitas crianças. Mariana encontrou uma identificação que antes não havia experimentado com as restantes princesas da Disney, principalmente pela permanência do amor romântico como o único caminho para o final feliz na vida. No entanto, com o lançamento do filme Moana, Mariana identificou-se com a forte ligação da personagem com a sua avó, especialmente por lhe fazer lembrar da sua falecida avó: *“Eu adoro a relação que ela tem com avó, a avó que a acompanha e a avó diz-lhe sempre “tens que ouvir a tua voz interior” (...) se fosse agora, quando eu era menina, ia identificar-me mais.”* (Mariana, 42 anos). Desta maneira, conseguimos compreender que a conexão de Mariana com a personagem Moana demonstra como a representação dos laços familiares e a exposição de diversas culturas podem ressoar com públicos distintos, desafiando os estereótipos das princesas tradicionais e permitindo a evolução destas narrativas. De facto, também para a Daniela (23 anos), a diversidade neste género de filmes é fundamental, pois permite que as crianças se identifiquem com personagens que refletem as suas próprias experiências e a sua cultura. Rita (26 anos) também percebe uma evolução significativa nas personagens femininas da Disney. Segundo ela, as princesas, antes limitadas a papéis sociais, são atualmente retratadas como mulheres mais assertivas e independentes, que procuram alcançar os seus

objetivos. Essa mudança, para Rita, reflete a transformação da sociedade, onde as mulheres conquistam cada vez mais reconhecimento e espaço na esfera pública.

A evolução da representação das mulheres pelas princesas da Disney é um consenso entre a maioria das entrevistadas, contribuindo para a construção de personagens mais inspiradoras. As protagonistas antes estereotipadas, agora são retratadas como modelos de força, independência e autenticidade, ao contrário do que acontecia no passado com as princesas clássicas. Esta mudança, para as participantes, é um reflexo da necessidade que existe na audiência em visualizar representações mais inclusivas e diversificadas nas telas de cinema.

6.3. Desafios aos estereótipos nas novas narrativas

De acordo com as entrevistas realizadas, a evolução da representação feminina pelas princesas da Disney é evidente. Revelaram uma clara transição na representação das princesas, desde as mais antigas, como a Branca de Neve, até às mais recentes. As personagens iniciais como Branca de Neve, Cinderela, e Bela Adormecida, estão associadas a um ideal de beleza tradicional, à passividade e à dependência de um príncipe encantado. As protagonistas femininas são, muitas vezes, retratadas como figuras sem independência, dóceis, delicadas e bonitas. No entanto, ao longo das décadas, as personagens femininas das princesas da Disney passaram por uma significativa transformação através das novas protagonistas como Merida, Moana ou Raya, permitindo desafiar os estereótipos de gênero. A evolução das princesas Disney, de figuras passivas e submissas, a personagens independentes e fortes, reflete uma transformação cultural mais ampla. Ao existir uma quebra de estereótipos sobre o papel da mulher na sociedade, as princesas contemporâneas contribuem para uma representação mais realista e inspiradora da mulher do século XXI.

“A Branca de Neve era uma sonhadora e, basicamente, era a princesinha, não é? Ok, teve com os sete anões a lutar contra a madrasta, mas, por exemplo, no caso da Pocahontas, ela teve que quebrar muitas mais barreiras, porque era a barreira do homem branco, a questão da raça. Mas também o facto de ela ser uma índia, e ele

não, e ele ser supostamente civilizado, e ela não vir de uma população civilizada.”
(Carla, 33 anos)

Desta forma, houve uma transformação que desafia o estereótipo instalado sobre o gênero, a beleza e o amor, substituindo-o por uma imagem de mulheres corajosas, autossuficientes, que assumem o destino que desejam para a sua vida, e percebem a amplitude e a importância do amor, não só romântico, mas também na amizade e na família. As novas princesas da Disney, trazem, à luz das participantes, uma “lufada de ar fresco”, revendo novas perspectivas sobre a beleza e o amor e incluindo narrativas mais atuais.

“Acho que o filme da Brave foi um ponto de viragem significativo para a Disney na representação das mulheres. A personagem principal, Merida, tem cabelos ruivos encaracolados, o que é diferente do padrão tradicional das princesas da Disney, que geralmente têm cabelos loiros ou pretos, como Branca de Neve, Bela e Cinderela. Merida rompeu com esses padrões de beleza convencionais da Disney, o que é ótimo, porque existem meninas ruivas e com sardas, que muitas vezes são chamadas de “cenourinha.”. (Rita, 26 anos)

Além disso, em uma pergunta que solicitava a ordenação das princesas, desde aquela que mais reforça estereótipos até a aquela que mais desafia e rompe com os padrões estereotipados, cinco participantes ordenaram da seguinte forma: Branca de Neve, Anna, Elsa, Pocahontas, Merida e Raya. Outras cinco participantes ordenaram da seguinte maneira: Branca de neve, Pocahontas, Anna e Elsa, Merida, Raya. Maria mencionou uma ordem que coloca Elsa em primeiro lugar, seguida por Branca de neve, Ana, Pocahontas, Merida e Raya. Carla e Rosa ordenam começando pela Branca de Neve, Anna, Elsa, Raya, Merida e a Pocahontas. Ana coloca Branca de Neve, Pocahontas, Anna, Elsa, Merida e Raya. Por fim, Márcia começa pela Branca de Neve, Anna, Pocahontas, Elsa, Raya e Merida.

6.4. Influência dos filmes das princesas na infância e na vida adulta

A Walt Disney tem exercido influência ao longo das gerações, sobretudo através das narrativas das princesas da Disney, moldando ideais e o modo sobre como os públicos percebem o mundo ao seu redor. A partir das entrevistas foi possível compreender como é que as participantes do estudo percebiam a beleza e o amor romântico, e se os filmes das princesas exerceram alguma influência na infância e na vida adulta. Portanto, entender o alcance dessa influência é determinante para perceber como as representações das princesas contribuíram para a formação da identidade e dos valores das pessoas, e se ressoam em adulto a partir das escolhas realizadas ao longo da vida.

Todas as participantes representadas no estudo visualizaram pelo menos três filmes das princesas da Disney, e tinham recordações ou memórias de pelo menos um enredo de um filme. Para além disso, todas as mulheres tiveram uma relação com a marca através dos seus diversos produtos, no entanto, os brinquedos não foram adquiridos pelas participantes pertencentes à faixa etária dos 35 aos 49 anos. Isto deve-se nomeadamente à falta de recursos financeiros que os seus pais tinham na época, e na dificuldade que também havia em encontrar lojas acessíveis de brinquedos, tanto na cidade de Braga, como nas suas respetivas aldeias. Três participantes dessa faixa etária, Joana, Diana, Mariana, afirmam que as princesas da Disney não exerceram qualquer influência na sua infância ou na vida adulta:

“Era difícil aceder aos brinquedos, mas comigo nunca aconteceu, porque eu nunca fui aquela criança de gostar muito. Eu era um bocado maria rapaz, e então nunca tive muita influência desta parte das princesas. Eu nunca fui muito de princesas.”. (Joana, 49 anos)

“A mim, não. Mas acho que influencia bastante, sei que há meninas que adoram os vestidos de princesa, que quando casam, também imaginam um bocado esse dia, um dia de princesa, de Disney com um vestido bonito e etc. E é por isso que eu até achava pena que fosse assim, porque na realidade não é assim, para mim não, nunca foi. Na Disney muitas vezes, no fim dizem “E eles viveram felizes para sempre”. Eu gosto sempre de dizer que eles continuaram a viver como crianças e foram felizes para sempre.”. (Mariana, 42 anos)

Em contraste, as restantes mulheres relataram que as personagens das princesas tiveram uma forte influência na forma como percebiam a beleza e o amor romântico nas suas vidas. A idealização do par romântico, masculino, como semelhante a um príncipe é uma ideia influenciada pelas narrativas das princesas da Disney. Rosa (53 anos) relata que não tinha muitas oportunidades de acesso aos produtos da Disney, mas conhecia os filmes clássicos da Disney e, muitas vezes, imitava gestos e comportamentos das princesas em criança, porém desde muito cedo começou a “encarar as coisas de forma mais racional” distanciando-se rapidamente dessas ideologias sobre o amor romântico porque a vida não correspondia a essa realidade criada pelas histórias dos contos de fadas.

“Sempre fui uma pessoa bastante independente e a ideia de casar, de ser mulher e a minha vida ser pensada em casar e ter filhos nunca foi, desde muito cedo, que eu não me revia nesse papel.”. (Rosa, 53 anos)

Ana (41 anos) lembra-se de querer ser bonita como uma princesa, no entanto, atualmente, aprecia a Elsa, da Frozen, não apenas pela sua beleza, mas também pela força e a determinação que a personagem representa. Na sua vida adulta admite que gostava de ter poderes como as princesas, mesmo sabendo que não é possível. Reflete ainda que sabe que as princesas podem impactar a perceção dos adolescentes sobre o amor e a beleza, levando-os a idealizar relações românticas parecidas com os contos de fadas, salientado que a vida real é diferente e cheia de desafios. Ressalta ainda que as princesas mais recentes, como a Raya, transmitem a mensagem de que é preciso lutar pelos objetivos e superar desafios, algo que constata ser bastante positivo para os jovens entenderem como funciona a vida.

Os depoimentos evidenciam o poder que os contos de fadas de princesas da Disney têm em moldar as expectativas e aspirações das crianças. Embora essas histórias possam proporcionar momentos de encantamento, sonho e fantasia, também podem perpetuar estereótipos de gênero, padrões de beleza, limitando a linha de pensamento das mulheres sobre como é a vida. A figura da princesa, frequentemente associada à beleza, à passividade e docilidade, e à espera de um príncipe encantado, pode restringir o desenvolvimento da autonomia e da independência feminina. As entrevistadas revelam a complexidade da influência dos filmes de princesas da Disney na construção da identidade

feminina. Muitas mulheres relatam ter se identificado com as personagens, procurando imitar os seus atributos e perseguir as suas experiências. Diana (38 anos), por exemplo, recorda ter se inspirado em Pocahontas e em Branca de Neve, vivenciando a fantasia de ser uma aventureira ou uma princesa à procura do seu amor. Essa identificação com as princesas, segundo Madalena (22 anos) manifestava-se na procura de um “amor de princesa, de filme”, com as vestimentas parecidas como as que as personagens usavam, proporcionando-se momento encantados.

No entanto, a análise às entrevistas revela também uma crítica à representação feminina nos filmes das princesas da Disney. Maioria das entrevistadas afirmam ter internalizado a ideia do “príncipe encantado”, moldando as suas expectativas sobre o amor romântico na vida adulta:

“(...) quando comecei a namorar com o meu namorado tinha estas coisas das princesas, a Cinderella sempre foi “a princesa” e no segundo filme eles tocam na mão, e o príncipe pensa “esta é o amor da minha vida”, e eu fazia isso com o meu namorado através da mão. E eu dizia-lhe “Sentes alguma coisa?” e ele “Não.” e eu “Ai!”, entrava em pânico porque afinal não era nada igual.”. (Daniela, 23 anos)

Porém, à medida que as entrevistadas amadureciam, apercebiam-se da superficialidade das histórias tradicionais que visualizaram, e de que a vida real é diferente daquela que fora transmitida pelos filmes das princesas clássicas da Disney:

“Sim, os filmes da Disney influenciam nossa visão de um amor romântico perfeito, sem discussões. No início, tudo parece ser cor-de-rosa, mas depois percebemos que não é assim. Existem diferenças de opinião e precisamos respeitar isso.” (Rita, 26 anos)

7. DISCUSSÃO E SÍNTESE CRÍTICA DOS RESULTADOS

No capítulo anterior, foram apresentados os resultados da pesquisa relativamente às entrevistas. Neste capítulo serão analisados criticamente esses resultados à luz das teorias estudadas e apresentadas na Parte I da presente dissertação. A discussão dos resultados será orientada pelos objetivos da investigação e pela sua questão de partida, ou seja, de que forma a Walt Disney Studios tem procurado recriar a imagem e o significado de princesa enquanto mulher através das suas narrativas.

7.1. Recriação da imagem da princesa pela Disney

Temos assistido ao modo como a figura da princesa da Disney alcançou uma transformação significativa, passando por personagens estereotipadas, a protagonistas com personalidades mais complexas e independentes. A análise da evolução da representação da mulher pelas princesas da Disney revelou que a empresa tem criado narrativas diferentes, e com novas personagens, para conseguir acompanhar as mudanças, e as influências culturais e sociais. O movimento feminista tem sido um dos principais motores que permitiu a modificação sobre o modo como a sociedade começou a olhar para a mulher, e, conseqüentemente, as novas princesas da Disney são um reflexo deste desenvolvimento e do crescimento das ideologias feministas (Huang et al., 2023).

A partir da análise de conteúdo foi possível compreender que as princesas clássicas são as personagens que encarnam as mulheres que dedicam mais tempo à sociedade, revelando serem educadas, prestáveis, e carinhosas com as pessoas que as rodeiam. Nestas narrativas é muito comum visualizarmos as princesas serem valorizadas pela sua aparência física, tornando estas personagens como “mulher objeto”, tal como é referido pelo autor Lipovetsky (2000) e, contribuindo, assim, para a cultura da submissão e do patriarcado. Para além disto, Branca de Neve, Cinderela e Aurora, são princesas que necessitam de um príncipe que as salve, limitando-as à dependência de alguém para que sobrevivam. Estas personagens assumem, muitas vezes, um papel estereotipado, associado ao cuidado do lar, sugerindo, assim, que isto é realizado de forma muito natural e biológica, e exclusivamente apanágio do sexo feminino (Garcia, 2021). Na verdade, são estas as princesas que

obedecem a um padrão muito específico: sofrem um relacionamento abusivo com as madrastas ou acontece uma trama na narrativa, encontram um príncipe encantado e os seus problemas dissolvem-se com o casamento, vivendo felizes para sempre, tal como é percebido nos filmes Branca de Neve, Cinderela e na Bela Adormecida. No entanto, é importante considerar que as princesas clássicas refletem as criações do patriarcado, negando à mulher autonomia que permita liberdade e criação. Na época dos anos 30, as mulheres viviam um estilo de vida que refletia o olhar da sociedade, ou seja, como seres frágeis, sem interesses, ou história pessoal, e que deveriam ser dóceis para alcançar uma vida feliz com um casamento em que, se tivessem sorte, o marido cuidasse delas com respeito e amor, ao mesmo tempo que as sustentasse (Saraiva, 2021). A partir do estudo realizado é possível perceber, conforme argumenta Telles (2004), que as princesas clássicas da Disney representam o estereótipo da mulher sem autonomia, submissa e financeiramente limitada. A possibilidade de alcançar aquilo que deseja está vinculada à existência de um provedor do sexo masculino, sugerindo, assim, desde o século XX, que a felicidade das mulheres está condicionada ao casamento.

A partir da análise de conteúdo, foi possível constatar que as princesas, principalmente as clássicas, pertencentes à época dos anos 30 até aos anos 60, eram, muitas vezes vítimas de abusos que atualmente são considerados crimes. Existiam, no passado, cenas, nos filmes das princesas clássicas, que remetiam ao sequestro, invasão da privacidade, ameaças e coerção, danos à propriedade, e tentativa de homicídio. Todavia, a representação das mulheres nas princesas da Disney evoluiu significativamente ao longo dos anos. Essa mudança, como argumenta Hirschberger (2018) representa uma tentativa de ressignificar os traumas históricos, como é o caso da violência contra a mulher.

Porém, tal como foi compreendido pela análise de conteúdo, dos filmes das princesas da Disney, e através das entrevistas semiestruturadas, existem diferenças significativas no comportamento a partir das princesas rebeldes, como em Pocahontas. Em Pocahontas foi possível constatar, o retrato da segunda princesa da Disney como mulher de uma etnia diferente, de origem indígena. Tal como refere Daulay & Ulfah (2022), a narrativa permite compreender a questão étnica e a cultura de dois povos, a partir do paradigma do colonialismo inglês. No âmbito, Pocahontas reflete a forma como a sociedade visualiza a mulher no seu imaginário, como pacificadora, trazendo a harmonia e a comunhão entre dois povos, com uma bondade que eleva o “homem”. É, portanto, uma princesa que retrata

a mulher como unificadora de povos, uma mediadora, sublimando moral e espiritualmente a sociedade. Deste modo, tal como acontece com as personagens Merida e Raya, Pocahontas enriquece a narrativa a partir da mudança da mentalidade, permitindo ampliar a diversidade cultural e étnica. Estas últimas princesas, são mencionadas como as protagonistas que começam por desbravar o caminho da independência e da liberdade para as princesas que se seguem, as contemporâneas, criando um novo modelo de princesas apelidadas de “feministas”. Como aponta Reilly (2016) as lutas das princesas rebeldes permitiram que as personagens dos filmes mais recentes da Disney trouxessem consigo mensagens de empoderamento feminino e, sobretudo, se adaptassem ao mundo das mulheres do século XXI. A representação feminina nos contos de fadas das princesas evoluiu consideravelmente.

A partir da investigação realizada foi possível constatar que a Walt Disney, com a evolução do tempo, começou por incorporar princesas com maior pensamento crítico, autonomia e poder, a partir dos anos 80, com as princesas rebeldes. Possibilitando, assim, desafiar e alterar os tradicionalismos associados aos estereótipos de gênero e padrões de beleza causados, sobretudo, pelas narrativas das princesas clássicas da Disney, tal como é mencionado por Wilde (2014), pois a representação destas personagens, do sexo feminino, influencia a percepção sobre os papéis de gênero, moldando as expectativas culturais sobre a feminilidade. Apesar de, ainda, existirem resistências a certas mudanças, a empresa trouxe novas protagonistas aliadas aos ideais do movimento feminista, com valores como a inclusão, coragem, bravura, liberdade de expressão e empoderamento, através das princesas Tiana, Merida, Moana, Frozen e Raya e o Último Dragão (Lueke, 2014). A rutura do padrão da princesa à procura do príncipe para a sua felicidade, traz personagens guerreiras, mais independentes e donas do seu destino. Os principais emblemas desta mudança são encenados, principalmente, pelas personagens de Merida, Elsa e Raya como porta-vozes desta mudança de paradigma, face à mulher, no universo das princesas da Disney.

A Disney, na recriação das princesas, demonstrou uma sensibilidade no que diz respeito às transformações sociais, alterando a representação do amor romântico nas suas narrativas. A proporção e a relevância deste tema têm vindo a ser ajustado ao longo dos anos, permitindo refletir um espectro mais amplo e complexo sobre o amor, que inclui o romance, mas também pode abranger os laços familiares e a amizade. Conforme a evolução

das princesas da Disney, novos modelos de amor conquistam espaço nas narrativas dos contos da Disney, contribuindo para a representação da mulher multifacetada que, como refere Lucas e Puhl (2016), encontra-se alinhada com as expectativas de um público que, atualmente, estima os valores da independência, liberdade e individualidade na mulher. Ademais, ainda à cerca da evolução das narrativas, a relação das personagens do sexo masculino com as princesas mudou ao longo das décadas. Atualmente, os protagonistas do sexo masculino exaltam os valores conquistados pelas mulheres, e são cada vez mais feministas, permitindo que as princesas se sintam livres e independentes mesmo escolhendo ter uma relação romântica. Na verdade, no filme da Frozen é possível verificar como Kristoff personifica a mudança das narrativas das princesas da Disney, ao contrariar o padrão do amor à primeira vista que fora, outrora, implementado nos filmes das princesas clássicas. Esta transformação permitiu que as princesas transcendessem os papéis tradicionais, alinhando-se, assim, aos novos valores da sociedade. As princesas atuais demonstram que é possível ser forte e independente, sem abrir mão dos seus sonhos, desafiando os estereótipos de gênero e inspirando as novas gerações, mas também as mais velhas, como foi percebido através das entrevistas.

A representação das princesas da Disney como protetoras da natureza e dos direitos humanos retrata o crescimento do eco feminismo, que fomenta a luta pela justiça social à prevenção ambiental. Através da análise de conteúdo foi possível perceber que as personagens, dos filmes das princesas da Disney, são especialmente conectadas com a natureza, mesmo as clássicas, pois sempre se mostraram cuidadosas com a mãe terra. No entanto, é nas princesas contemporâneas que reverbera a preocupação com as questões ambientais, lutando pelo seu equilíbrio e defendendo os direitos humanos. Permitindo, portanto, incluir princesas com novos lemas e com um forte sentido de ativismo pela saúde do planeta e da humanidade e, conseqüentemente, como referido previamente pelos autores Grosso, Mendes e Putri (2022), produzindo efeitos positivos, na área da cultura e do entretenimento, através educação, alargando os horizontes do público mais jovem. Ao contrário das princesas clássicas, que eram regularmente retratadas como figuras inativas e submissas, as princesas contemporâneas assumem papéis mais enérgicos na sociedade, que inspiram a juventude a tornar-se, igualmente, agentes da mudança.

Os filmes das princesas da Disney exercem uma influência significativa na construção de identidades, na perpetuação ou transformação de estereótipos de gênero. As

narrativas dessas personagens moldaram a memória coletiva de gerações, mas, com a introdução de protagonistas mais representativas e diversificadas, transcendem as histórias clássicas. Ao apresentar personagens cada vez mais simbólicas e diversificadas agregam valor e progresso às narrativas das princesas. Como aponta Putri (2022), o aumento da visibilidade de princesas de diferentes etnias e culturas permite ultrapassar barreiras geográficas, alcançando públicos mais diversos e possibilitando a representação mais inclusiva.

Esta evolução tem um efeito positivo na construção de identidades e na transformação dos estereótipos de género. Conforme destaca Manuel Sarmiento (2008), as crianças são agentes ativos na construção cultural, moldando a sua identidade através das representações que são encontradas no mundo. Sabendo que as crianças são bastante influenciáveis, e a televisão e outros media moldam a forma como agimos e percebemos o mundo, influenciando a construção de identidades e comportamentos, estas reconstruções das narrativas com princesas inclusivas permitem que exista espaço para transmitir mensagens diferentes daquelas que perduravam com os estereótipos de género e padrões de beleza. Assim, as crianças ao serem expostas a personagens femininas, mais diversas, líderes e visionárias, nos filmes das princesas da Disney, são convidadas a questionar as normas sociais, a expandir os seus horizontes, e a desafiar os estereótipos de género na vida real.

Por conseguinte, a Disney tem revelando um compromisso sério e crescente com a multiplicidade de protagonistas do sexo feminino. Personagens como, por exemplo, Moana, da Polinésia, e Raya, do Sudeste Asiático, representam um avanço significativo na representação da diversidade étnica e cultural. Essa mudança é crucial para que as crianças se revejam nas telas de cinema e desenvolvam um senso de pertencimento. Embora haja uma evolução na representação das mulheres pelas princesas da Disney, é fundamental responder se, de facto, as narrativas, ainda impõem padrões de beleza e estereótipos de género e de que forma estes se manifestam.

7.2. Perceção da audiência sobre as narrativas das princesas da Disney

Relativamente à imagem e significado de princesa enquanto mulher, é perceptível a incorporação de estereótipos de género no imaginário coletivo das entrevistadas, moldada

em grande parte pela representação feminina que se tem vindo a apresentar nos filmes da Disney e nos media. Como aponta Friedan (2020) os estereótipos de gênero encontram-se presentes nos anúncios televisivos, transmitindo valores e papéis sociais à mulher. Assim, verificou-se que as mulheres entrevistadas, em algumas perguntas, foram influenciadas, ao longo da vida, pelas imagens fornecidas nos filmes das princesas da Disney. Isso condicionou as suas respostas e confirmou, como aponta Wohlwend (2015), a maneira como as narrativas infantis moldam o imaginário coletivo e o modo como as pessoas compreendem os papéis de gênero. Assim sendo, a imagem física frequentemente descrita é de uma princesa com cabelo, pele e olhos claros, atraente, bonita, e com um vestido armado. A imagem emocional, por sua vez, associava as princesas a características como a docilidade, fragilidade, simpatia, empatia. Conforme, Aumont (2002), a interpretação dessa imagem é manipulada por diversas causas, como a cultura, a história e a classe social de cada sujeito, tornando a figura da princesa uma construção social complexa e sujeita a numerosas leituras. No entanto, foi possível verificar que algumas participantes do estudo percebem que a princesa é vista como um ideal feminino estereotipado, resultado de uma construção social que modela as expectativas sobre o papel das mulheres na sociedade.

As transmissões destas princesas da Disney moldam a percepção do que é certo e errado, do belo e do feio, desde a infância, contribuindo para a construção de uma idealização de comportamentos e papéis que são considerados mais adequados para as mulheres. Merida e Raya foram as princesas mais destacadas, positivamente, pelas entrevistadas. Enquanto as princesas clássicas reforçavam os papéis de gênero tradicionais, associando a felicidade ao casamento e à submissão patriarcal, as princesas contemporâneas valorizam a liberdade individual, alinhando-se com o movimento feminista. Assim, com as princesas feministas, a Disney permite a criação de novos padrões que, de acordo com Reilly (2016), permitem o progresso dos filmes das princesas da Disney.

A criação de um novo modelo de princesas, como as feministas, ajudou a diminuir o arquétipo da mulher submissa e permitiu criar histórias alinhadas aos desafios e dificuldades que as mulheres enfrentam atualmente na sociedade (Wilde, 2014). O estudo revelou que a percepção das mulheres sobre as princesas está fortemente ligada à representação dessas personagens. As mulheres tendem a identificar-se mais com princesas que apresentam uma representação mais realista e inclusiva da diversidade humana. Assim sendo, é necessário criar personagens com características físicas e psicológicas mais

diversas para combater os estereótipos de gênero e padrões de beleza, promovendo uma imagem mais realista e inclusiva da mulher, enquanto princesa da Disney (Chechin, 2014).

É notável a percepção das entrevistadas acerca da evolução das princesas da Disney ao longo das gerações. Enquanto as mulheres entre os 25 e os 49 tendem a ter uma visão mais romantizada das princesas clássicas, as participantes mais jovens, dos 17 aos 24 anos, mostram uma consciência mais crítica em relação aos estereótipos de gênero e padrões de beleza que se encontram presentes em cada princesa. Esta geração mais nova, identifica-se muito mais com as princesas contemporâneas pois, reconhecem-se nos seus valores e características, tais como, o empoderamento, igualdade e a independência. Os relatos evidenciam que as princesas clássicas, ainda assim, são acarinhadas pela audiência, apesar de terem sido fruto de uma sociedade patriarcal austera. São, portanto, observadas como símbolos de mulheres fortes que lutaram para viver numa época com condições menos favoráveis à liberdade de expressão e à independência. As princesas contemporâneas, sendo uma resposta à evolução da sociedade e do movimento feminista, são um projeto que abraça a resiliência e os exemplos de coragem através de protagonistas ativistas e líderes, com narrativas comoventes que personificam desafios enfrentados pelas mulheres ao longo dos anos (Singer, 2023).

Para além disso, a influência dos filmes das princesas da Disney não se restringe apenas à infância. Segundo as entrevistas realizadas durante a investigação, constatou-se que as experiências vivenciadas em criança, podem continuar a moldar as expectativas e as escolhas das mulheres, na vida adulta. Contribuindo, principalmente, para a construção de padrões de beleza que podem ser, muitas vezes, irrealistas e penosos de obter por seres humanos, dado que as princesas, apesar de representarem mulheres, são personagens de filmes de animação. Além do mais, a idealização do amor romântico, através destas narrativas, dificultou a construção de pensamentos realistas acerca dos relacionamentos amorosos. De facto, tal como refere o autor Schöpflin (2010), desde crianças somos expostos a um conjunto de ideias pré-concebidas sobre o mundo e as pessoas, logo, as narrativas, ao serem internalizadas, na infância, tornam-se uma parte da nossa visão, moldando o modo como interagimos com a vida e os relacionamentos. Portanto, a influência das princesas da Disney não se restringe apenas à infância. Foi possível compreender que as experiências vivenciadas em criança, nas mulheres, a partir deste género de filmes, podem ressoar na vida adulta, moldando as suas escolhas e experiências

de vida, levando a uma idealização, e até mesmo, ilusão, sobre como são atribuídos os papéis sociais a cada sexo, tal como refere Wohlwend (2015).

No entanto, também foi possível perceber que muitas mulheres conseguem distanciar-se das ideias romantizadas promovidas durante a sua infância, desenvolvendo uma visão mais realista sobre aquilo que é o amor e a vida. Desta forma, é possível concluir a importância de questionar os padrões culturais, e construir uma identidade que permita a superação das influências midiáticas para uma edificação social mais positiva e ampla acerca dos sexos, de modo a desconstruir os papéis de género. Em suma, é possível comprovar que apesar dos contos de fadas, com princesas clássicas, terem sido lançados há mais de 90 anos, como refere Rautenberg (2010) as suas reproduções refletem-se até aos dias atuais, deixando marcas na nossa memória.

7.3. Influência das princesas da Disney nos estereótipos e padrões de beleza

Ao longo dos anos, as narrativas das princesas da Disney, refletiram mudanças no modo como representam as personagens do sexo feminino, desafiando, desta forma, os estereótipos de género, principalmente associados à beleza e ao amor romântico. Ao analisar as entrevistas realizadas foi possível observar a percepção das participantes sobre a evolução das princesas da Disney, indo além da sua aparência física, e destacando valores como a coragem e a independência, e o rompimento com padrões tradicionais.

Apesar da evolução da representação da mulher através de personagens com características psicológicas mais complexas e autónomas, as persistências nos padrões de beleza ocidentais continuam presentes, mesmo nas produções mais atuais. As princesas clássicas, como Branca de Neve, estabeleceram estereótipos e um padrão de beleza específico que é caracterizado, principalmente, pelo tom de pele claro, corpo magro e traços finos. Como é mencionado por Wolf (1992), assim como a sociedade patriarcal elevou o mito de beleza, oprimindo as mulheres e impondo padrões de beleza, as narrativas das princesas da Disney também o fizeram. Ainda que as mulheres começassem a ser representadas de maneira distinta, com personagens de etnias, cabelos e aspetos físicos diferentes, os padrões de beleza continuam a ser um fator crucial na representação das princesas da Disney. O mito de beleza representado pelas princesas clássicas continua a ser uma referência visual dominante nas personagens dos filmes contemporâneos. A introdução de princesas de diversas etnias, como Tiana, Moana ou Raya, foi, de facto, um

passo importante para a inclusão e representação da diversidade, no entanto, esta diversidade étnica não se traduz, igualmente, na diversidade dos padrões de beleza. Portanto, como referido pelos autores Silalahi et al., (2023), apesar da complexidade psicológica das princesas, permitindo-as obter mais independência e liberdade, a sua aparência está restringida a um ideal de beleza criado pelo patriarcado, alinhando-se às princesas clássicas, mesmo que passados mais de 85 anos. Desta forma, as princesas da Disney, frequentemente retratadas por padrões de beleza, perpetuam os estereótipos de género, influenciando a maneira como a sociedade percebe os papéis e comportamentos dos sexos (Orenstein, 2011). Assim, é possível compreender que os ideais de beleza limitam a sociedade, oprimindo-a, e ensinam, através da sua apresentação visual, aquilo que é feio e bonito, e, conseqüentemente, aceite socialmente.

Os filmes das princesas da Disney moldaram a visão do seu público, por mais de meio século, acerca do mundo e sobre os papéis de género. Deste modo, foi possível verificar que Branca de Neve é indicada no estudo como a princesa que reforça mais estereótipos. A primeira princesa da Disney, lançada em 1937, reflete os estereótipos influentes deste período, e espelha o imaginário coletivo sobre os papéis socialmente atribuídos (Wohlwend, 2012). Esta personagem representada como frágil e submissa, espera ansiosamente por um príncipe que a salve, e assim as personagens do sexo masculino personificam a força e a proteção que uma mulher necessita na vida. Assim sendo, esta representação demonstra a fragilidade das narrativas das princesas da Disney, pois influencia o modo como o seu público compreende o ambiente ao seu redor sobre as relações entre os homens e as mulheres, podendo reforçar os estereótipos de género (*idem*). Porém, com a evolução da sociedade e dos seus valores, o impulsionamento da criação de novas narrativas, com novas princesas como Merida e Raya, os estereótipos de género são desafiados. Estas personagens destacam-se como protagonistas guerreiras e heroínas que exprimem que as mulheres podem escolher o seu próprio destino. Deste modo, como menciona Lucas e Puhl (2016), esta mudança na representação da mulher, reflete as transformações sociais pelas quais o mundo passou, mas também contribui para a construção de uma identidade mais inclusiva e igualitária, incentivando outras mulheres a desafiar as expectativas da sociedade e a acreditarem nos seus sonhos. A partir das informações obtidas foi possível compreender que existe uma variação na percepção dos estereótipos, ou seja, a sua interpretação é subjetiva e depende da perspetiva individual dos

entrevistados. Branca de Neve e Raya são as que mais se destacam, cada uma em sentidos opostos, no que diz respeito à representação dos estereótipos. Merida é apontada como uma princesa que enfrenta e quebra com os estereótipos, como confirmado pelo autor Draegar (2015), tal como acontece com Raya. Estas duas princesas são percebidas como mulheres de liderança e de influência positiva, pois começam a mudar os estereótipos de gênero. Pocahontas, Anna e Elsa são princesas que ocupam posições intermediárias no estudo, sugerindo, assim, que desafiam os estereótipos em certos aspetos, mas ainda podem estar ligadas diretamente a amarras sociais como referido por Lueke (2014), no que diz respeito aos estereótipos de gênero, ideais do amor romântico, e padrões de beleza. Por exemplo, Pocahontas é vista como uma personagem de transição para uma nova era de mulheres mais independentes e corajosas, desbravando certas barreiras e trazendo mais inclusão e diversidade, no entanto, ainda apresenta elementos tradicionais e aspetos que remetem ao ideal de beleza, através da sua apresentação física. Elsa e Anna são personagens que evoluíram significativamente psicologicamente, mas tal como Pocahontas, o aspeto físico enquadra-se nos padrões de beleza das princesas clássicas. Porém, Elsa é uma rainha, que demonstra liderança e autoridade, algo que anteriormente pertencera apenas aos papéis masculinos, ou seja, houve uma evolução significativamente positiva em relação aos papéis sociais. Já a personagem Anna leva os telespetadores a cenas que remetem à realidade, como, por exemplo, o momento em que acorda despenteada e a babar-se: momentos e situações quotidianas que existem na vida de todas as pessoas, independentemente da sua posição social. Contudo, Anna é uma princesa que sonha pela salvação através do amor romântico, caindo no estereótipo do “príncipe encantado” e no ideal “e foram felizes para sempre”. Todavia, a reviravolta, acaba por se tornar uma lição para a audiência, no que diz respeito aos estereótipos relacionados com o amor, pois a princesa Anna acaba por permanecer solteira, no final do primeiro filme. A sua personagem progride para uma princesa mais autónoma, à medida que a narrativa evolui, aproximando-se de Elsa nas características psicológicas, como a coragem, bravura e a independência (Draegar, 2015).

Nesse sentido, observa-se uma ascensão notável das princesas Disney, caracterizada pela urgência de um perfil mais andrógino a partir dos anos 2000. As personagens femininas tornaram-se mais ativas e corajosas, procurando alcançar os seus sonhos e mudar o paradigma em que viviam. Apesar de haver espaço para melhorias da representação de género, a Disney conseguiu apresentar narrativas com uma imagem e

significado mais positivo da princesa enquanto mulher. Através de histórias com personagens centrais masculinas e femininas mais contrabalançadas, e em conformidade com as transformações sociais, a Disney tem contribuído para uma imagem mais independente e guerreira da mulher (Hine et al., 2018). No entanto, as imagens transmitidas pelas histórias das princesas da Disney, como mencionado por Virketienė & Raišienė (2020), podem ser entendidas, de diferentes perspectivas pelas pessoas, dependendo, principalmente, do seu ambiente cultural, ou seja, o país, as tradições e a cultura. Sendo assim, sabemos que as famílias, de continentes distintos, percebem as informações cinematográficas de maneira diferente. Desta forma, é possível compreender a complexidade dos estereótipos de gênero, pois a sua interpretação pode diferenciar de um indivíduo para outro, pois depende do ambiente em que este se encontra inserido.

Em suma, é necessário que existam medidas a ser elaboradas, na sequência de novos filmes de princesas da Disney, que tenham em conta as irregularidades, saliências e assimetrias naturais do ser humano, para que as manifestações realizadas pelas princesas, sobre mulheres, possibilitem a criação de uma maior inclusão (Xu, 2021). É importante que o público-alvo se sinta incluído pelas narrativas das princesas da Disney, ao invés de tentar assemelhar-se a padrões de beleza visualizados nestas personagens. Portanto, a modificação dos padrões de beleza, nas personagens femininas destes filmes, seria um marco importante na história da Disney, contribuindo positivamente para o público mais jovem. Ao reproduzir protagonistas fortes e determinadas, a empresa traz novas imagens e significados às gerações mais novas. Para além disto, a inclusão de diversas etnias nas narrativas fomenta, nas palavras de Grosso et al., (2022), a diversidade e a interculturalidade, ou seja, permite a compreensão, estima e respeito das outras culturas e grupos étnicos.

8. CONCLUSÃO

A presente investigação teve como principal ponto de partida explorar de que forma a Walt Disney Studios tem procurado recriar a imagem e o significado de princesa enquanto mulher através de histórias diversas.

Partimos da análise da representação da mulher enquanto princesa da Disney, ao longo das décadas, revelando uma tendência factual para uma clara evolução dos papéis no sexo feminino, ou seja, narrativas mais igualitárias e menos sexistas, contribuindo para a emancipação feminina (Garabedian, 2014). A evolução da sociedade juntamente com o movimento feminista, permitiu o surgimento de discussões sobre o modo como as narrativas das princesas da Disney e as suas personagens eram representadas, tornando-se, assim, um ponto de viragem para a evolução das imagens sobre reproduções de género nos seus filmes (Venkat, 2015). A partir dos anos 2000, e com o crescimento do movimento feminista, as narrativas das princesas da Disney foram-se alinhando com os objetivos feministas, guiando as novas protagonistas, deste género de filmes, como menciona Nicholson (2010) para uma vida com mais possibilidades e oportunidades, e enfrentando a complexidade do patriarcado. Esta mudança, foi, portanto, um reflexo da emergência em recriar as narrativas das princesas da Disney, alinhando-se com o progresso das ideologias feministas, e das transformações sociais e culturais, acerca das questões de género ocorridas nas últimas décadas (Huang et al., 2023).

Os resultados deste estudo revelam uma reconfiguração da imagem e do significado da princesa, apresentando-a como uma mulher mais forte e independente, que procura alcançar os seus objetivos e sonhos, em contraste com aquilo que acontecia com as princesas clássicas, oferecendo, assim, novos modelos femininos promissores para o progresso dos filmes de contos de fadas (Reilly, 2016). A investigação demonstra que, mesmo existindo uma evolução na representação das princesas da Disney, persistem, ainda, padrões de beleza eurocêntricos e estereotipados acerca da mulher. Personagens como Jasmine, Pocahontas, Mulan, Tiana, Merida e Raya, embora se apresentem com características culturais, personalidades e etnias distintas, cumprem um ideal de beleza que valoriza a magreza e a simetria facial (Draegar, 2015). Essa manifestação reforça a complexidade das representações das mulheres em filmes de princesas, bem como a forma

como elas podem tanto desafiar, quanto fortalecer os padrões de beleza e os estereótipos de gênero.

Em suma, é crucial que a Walt Disney Studios procure criar representações imagéticas mais inclusivas e realistas nas personagens do sexo feminino, mas igualmente do sexo masculino, pois a empresa tem um papel importante na construção de identidades e modelos a serem seguidos, principalmente nas idades mais jovens (Jonhson, 2015). As personagens das princesas da Disney são representações de discursos dominantes na nossa sociedade, sejam eles visuais ou orais, e, portanto, com capacidade de moldar os padrões e estereótipos sociais. Neste sentido, torna-se importante que a Disney continue a evoluir com narrativas e personagens que contribuam para a promoção da igualdade de gênero e para a edificação de uma comunidade mais justa e equitativa, de modo que as pessoas de diversas etnias se sintam integradas (Silalahi et al., 2023). O estudo dos efeitos dos filmes das princesas da Disney na criação de estereótipos de gênero e padrões de beleza é crucial para fomentar a reflexão e o diálogo, viabilizando a conscientização das consequências das representações destas personagens, que nos acompanharam ao longo do tempo, permitindo, assim, a construção de uma cultura mais igualitária e positiva.

Referências Bibliográficas

- A Branca de Neve existiu mesmo? Já é possível ver a lápide da verdadeira “princesa” num museu alemão. (2019, 7 de agosto). *Público*.
<https://www.publico.pt/2019/08/07/impar/noticia/branca-neve-existiu-ja-possivel-lapide-verdadeira-princesa-museu-alemao-1882734>
- Alhumaid, K. (2019). Feminist perspectives on education and pedagogy: A metasynthetic insight into the thought of four American philosophers. *Academic Journal of Interdisciplinary Studies*, 8(3), 32-37. Retirado de:
<https://zuscholars.zu.ac.ae/works/1667/>
- Aumont, J. (2002). A Imagem. Em J. Aumont (Ed.), *A Parte do Espetador* (pp. 77-134). Papyrus Editora.
- Aydin, C. (2017). How to forget the unforgettable? On collective trauma, cultural identity, and mnemotechnologies. *Identity*, 17(3), 125-137. Retirado de:
<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15283488.2017.1340160>
- Batista, R. V. (2009). Literacia dos Media como Resultado de Multi-Aprendizagens Multiculturais e Multimediáticas. Em L. G. Miranda (Org.), *Ensino Online e Aprendizagem Multimédia* (pp. 1-16). Relógio D'Água. Retirado de:
<https://bocc.ubi.pt/pag/reia-baptista-literacia-dos-media-como-resultado-de-multi-aprendizagens.pdf>
- Bazzini, D., Curtin, L., & Joslin, S. (2010). Do Animated Disney Characters Portray and Promote the Beauty–Goodness Stereotype?. *Journal of Applied Social Psychology*, 40(10), 2687-2709. Retirado de:
https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1559-1816.2010.00676.x?casa_token=ZzAu6kIRsP0AAAAA%3AXzmWem4Q7eC_e4LMmUQ8qV8MrORKTOYY0WIKeMHcTL7GCOmwGdwDIWjUpyCKgSOIFLr4EsmQBmGOjmgmb

- Beauvoir, S. (2009). *O segundo sexo- Vol. I*. Quetzal Editores.
- Bennet, J.M. (1989). Feminism and history. *Gender & History*, 1(3), 251-272.
- Bittencourt, N. A. (2015). Movimentos Feministas. *Revista Insurgência*, 1(1), 198-210. Retirado de:
<https://periodicos.unb.br/index.php/insurgencia/article/view/18804>
- Breder, F. C. (2015). Feminismo e Príncipes Encantados: A representação feminina nos filmes de Princesa da Disney. Em F. C. Breder (Ed.), *Feminismo e príncipes encantados: A representação feminina nos filmes de princesa da Disney*, (pp. 13-26). E-galáxia.
- Brinkmann, S. (2014). Unstructured and semi-structured interviewing. Em P. Leavy (Ed.), *The Oxford handbook of qualitative research*. (pp. 277-299). Oxford University Press.
- Brownless, Z. (2018, February). *The power and problem of princesses [Video]*. *TED Conferences*. Retirado de:
https://www.ted.com/talks/zara_brownless_the_power_and_problem_of_princesses
- Buston, K., Parry-Jones, W., Livingston, M., Bogan, A., & Wood, S. (1998). Qualitative Research. *British Journal of Psychiatry*, 172, 197-199. Retirado de:
https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/331D9A9697932648C9538702AD616C8C/S0007125000260297a.pdf/qualitative_research.pdf

- Chan, K. (2022). Children and consumer culture. Em D. Lemish (Ed.) *The Routledge Handbook of Children, Adolescents and Media Studies*, (pp. 141-147). Routledge. Retirado de:
<https://www.routledge.com/The-Routledge-International-Handbook-of-Children-Adolescents-and-Media/Lemish/p/book/9780367633356>
- Chechin, M. B. C. (2014). O que se aprende com as princesas da Disney?. *Revista Zero-a-seis*, 1(29), 131-147. Retirado de:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2014n29p131>
- Coutinho, C. P. (2014). Paradigmas, Metodologias e Métodos de Investigação. Em C. P. Coutinho (Ed.) *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. (pp. 9-46). Almedina.
- Chen, H., Li, Y., Ling, X., & Yan, M. (2022). Corporate Strategy Analysis Based on Current Environment: Taking Disney's Expansion in China as an Example. *Journal of Economics, Business and Management*, 10(2), 140-144. Retirado de:
<https://joebm.com/vol10/688-EM4035.pdf>
- Daulay, R., & Ulfah, H. F. (2022). Female Representation in Selected Disney Renaissance Stories. *Journal Basis*, 9(1), 197-208. Retirado de:
<https://doi.org/10.33884/basisupb.v9i1.5489>
- Debray, R. (1994), *Vida e Morte da Imagem: Uma história do olhar no ocidente*. Em R. Debray (Ed.), *Por um Materialismo Religioso* (pp. 101-141). Vozes.

Drisko, J. W., & Maschi, T. (2016). Content analysis. Oxford University Press.

Retirado de:

<https://books.google.pt/books?id=07GYCgAAQBAJ&lpg=PP1&ots=nqQIRcX0hy&dq=content%20analysis&lr&hl=pt-PT&pg=PA82#v=onepage&q=content%20analysis&f=false>

Draeger, L. J. (2015). Do Fogo do Inferno ao Frio Congelante: Frozen e as Representações das Mulheres. (Monografia, Universidade de Brasília).

Dyhouse, C. (2006). Students: A Gendered History. Em C. Dyhouse (Ed.), *Access and Ambitions: Going to University in England between the wars: access, funding and social class* (pp. 3-33). Routledge. Retirado de:

<https://books.google.com.br/books?id=nIgqBgAAQBAJ&lpg=PP1&ots=zfvOygVT0w&dq=entrance%20of%20women%20in%20universities%201970&lr&hl=pt-PT&pg=PR3#v=onepage&q=entrance%20of%20women%20in%20universities%201970&f=false>

England, D. E., Descartes, L., & Collier-Meek, M. A. (2011). Gender role portrayal and the Disney princesses. *Sex roles*, 64, 555-567. Retirado de:

<https://link.springer.com/article/10.1007/s11199-011-9930-7>

Florindo, C. A. (2021). Imaginário Coletivo: O Feminino e o Masculino na Narrativa de Peter Pan. (Monografia, Centro Universitário Sagrado Coração).

Friedan, B. (2020). A Mística Feminina. Em B. Friedan (Ed.), *O Problema sem Nome* (pp. 12-38). Rosa dos Tempos.

Gabler, N. (2006). *Walt Disney: The Biography*. Aurum Press.

Gabriel, M., & Golberg, E. (Directors). (1995). *Pocahontas*. The Walt Disney Company; Walt Disney Animation Studios; Walt Disney Pictures.

- Garabedian, J. (2014). Animating Gender Roles: How Disney is Redefining the Modern Princess. *James Madison Undergraduate Research Journal*, 2(1), pp. 22-25. Retirado de:
<https://commons.lib.jmu.edu/jmurj/vol2/iss1/4/>
- Garcia, M. (2021), We are not born submissive: how patriarchy shapes women's lives. Em M. Garcia (Ed.), *Submission: A Philosophical Taboo* (pp. 1-21). Princeton University Press. Retirado de:
<https://books.google.com.br/books?id=KOH9DwAAQBAJ&lpg=PR13&ots=7MSM5KRf1C&dq=%20submission%20in%20patriarchy&lr&hl=pt-PT&pg=PR4#v=onepage&q&f=false>
- Garofalo, M. (2013). The good, the bad, and the ugly: Teaching critical media literacy with Disney. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 106, 2822-2831. Retirado de:
<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042813049483>
- Giroux, H. A., & Pollock, G. (2010). Disney and the Politics of Public Culture. Em A. H. Giroux., & G. Pollock (Eds.), *The mouse that roared: Disney and the end of innocence*. (pp. 17-55). Rowman & Littlefield Publishers.
- Giroux, H. A. (1998). Public pedagogy and rodent politics: Cultural studies and the challenge of Disney. *Arizona Journal of Hispanic Cultural Studies*, 2(1), 253-266. Retirado de:
<https://www.jstor.org/stable/20641425>
- Glitz, B., Hamasu, C., & Sandstrom, H. (2001). The focus group: a tool for programme planning, assessment, and decision-making- an American view. *Health Information and Libraries Journal*, 18(1), pp. 30-37. Retirado de:
<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1046/j.1365-2532.2001.00310.x>

- Godinho, T., Silveira, L. M. (2004). Políticas públicas e igualdade de gênero. Em T. Godinho (Ed.), *Construir a igualdade combatendo a discriminação* (pp. 55-64). Coordenadoria Especial da Mulher.
- González, E., & Rodríguez, Y. (2020). Estereotipos de género en la infancia. *Pedagogía Social*, 36(9), 125-138. Retirado de:
<https://gredos.usal.es/handle/10366/143993>
- Guattari, F., & Rolnik, S. (1996). Micropolítica: Cartografias do Desejo. Em F. Guattari & S. Rolnik (Eds.), *Subjetividade e História: Minorias: os devires da sociedade* (pp. 73-126). Vozes.
- Grosso, P. M., Mendes, C. M. S., & Primon, G. G. (2022). As princesas da Disney e os possíveis processos de inclusão. Em Bernotto, R. M., & Several, S. R. (Eds.), *Discussões Contemporâneas: Inclusão, Contextos e Aprendizagem*. (pp. 19-32). Vecher.
- Hine, B., England, D., Lopreore, K., Skora Horgan, E., & Hartwell, L. (2018). The rise of the androgynous princess: Examining representations of gender in prince and princess characters of Disney movies released 2009–2016. *Social Sciences*, 7(12), 245. Retirado de:
<https://www.mdpi.com/2076-0760/7/12/245>
- Herouach, S. (2019). Liberal Feminism Impact on Moroccan Educated Women: Faculty of Letters and Human Sciences, FLDM, as a Field Study. *Open Political Science*, 2 (1), 128-152. Retirado de:
<https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/openps-2019-0014/html>
- Hirschberger, G. (2018). Collective Trauma and the Social Construction of Meaning. *Frontiers in Psychology*, 9 (1441), p. 1-14. Retirado de:
<https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2018.01441/full#h11>

- Hopf, C. (2004). Qualitative Interviews: An Overview. Em U. Flick., E.V. Kardoff & I. Steinke (Eds.), *A Companion to Qualitative Research* (pp. 203-208). Sage Publications.
- Horton, J., Macve, R., & Struyven, G. (2004). Qualitative Research: Experiences in Using Semi-Structured Interviews. Em C. Humphrey & B. Lee (Eds.), *The real life guide to accounting research* (pp. 339-357). Elsevier. Retirado de: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/B9780080439723500220>
- Huang, P., Huang, W., Long, X., & Xu, J. (2023). The Influence of Patriarchal Consciousness on Disney Princess Movies. *Journal of Education, Humanities and Social Sciences*, 24, 765-771. Retirado de: <https://drpress.org/ojs/index.php/EHSS/article/view/17147>
- Hutton, P. F. (1990). Survey Research for Managers: How to use Surveys in Management Decision Making. Em P. F. Hutton (Ed.), *Qualitative Research* (pp. 219-220). Palgrave. Retirado de: https://doi.org/10.1007/978-1-349-20698-8_1
- Imroatina, I., Setyorini, A., & Ihsan, P. (2022). Ecowarriors Bring Back Kumandra: An Ecofeminism Study Depicted in *Raya and the Last Dragon*. *English Teaching Journal: A Journal of English Literature, Language and Education*, 10(1), 54-59. Retirado de: <https://e-journal.unipma.ac.id/index.php/ETJ/article/view/12659>
- Ivena, I. (2018). Marriage as A Reward for Disney Princesses. *Kata Kita: Journal of Language, Literature, and Teaching*, 6(2), 149-157. Retirado de: <https://publication.petra.ac.id/index.php/sastra-inggris/article/view/7967>

- Johnson, C. (2013). Diversity in Disney Films: Critical Essays on Race, Ethnicity, Gender, Sexuality and Disability. Em A. Putnam (Ed.), *Mean Ladies Transgered Villains in Disney Films* (pp. 147-162). Mcfarland & Company, Inc., Publishers. Retirado de:
https://books.google.com.br/books?id=7R_mJnUxI1MC&lpg=PA147&ots=Qyt8ESEBDN&lr&hl=pt-PT&pg=PA147#v=onepage&q&f=false
- Johnson, R. M. (2015). The evolution of Disney princesses and their effect on body image, gender roles, and the portrayal of love. *Education Specialist*, 6(10). Retirado de:
<https://commons.lib.jmu.edu/edspec201019/6>
- Kellner, D. (1999). Culture Industries. Em Miller, T., & Stam, R. (Eds.), (2004), *A companion to film theory*. (pp. 202-220). John Wiley & Sons.
- Khandizaji, A. (2017). *Baudrillard and the Culture Industry: Returning to the First Generation of the Frankfurt School*. Em A. Khandizaji (Ed.), *Theoretical Discussions and Arguments: Baudrillard and the Semiotic Aspects of the Culture Industry*. (pp. 69-77). Springer.
- Kleinheksel, A. J., Rockich-Winston, N., Tawfik, H., & Wyatt, T. R. (2020). Demystifying content analysis. *American journal of pharmaceutical education*, 84(1), 7113. Retirado de:
https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0002945923016054?casa_token=AxeB-zX9fjkAAAAA:hqQQAQjG1Qg9pXrSQOg8EW-8owOnfmQXUocD2DYOf0gDb3qik1VtRy5NA4cBdwWTeKhYCpRkJw
- Kransniewicz, L. (2010). *Walt Disney: A Biography*. Em L. Krasniewicz (Ed.), *Man, Myth, and Mouse* (xvii-xxii). Greenwood.

- Krippendorff, K. (2018). Content analysis: An introduction to its methodology. Em K. Krippendorff (Ed.), *Conceptual Definition: Definition*. (pp. 24- 27). Sage publications. Retirado de:
[https://books.google.pt/books?id=nEl1aDwAAQBAJ&lpg=PP1&ots=y_8gVqkT8x&dq=Krippendorff%2C%20K.%20\(2004\).%20Content%20analysis%3A%20An%20introduction%20to%20its%20methodology%20\(2nd%20ed.\).%20Thousand%20Oaks%2C%20CA%3A%20Sage.&lr&hl=pt-PT&pg=PA27#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?id=nEl1aDwAAQBAJ&lpg=PP1&ots=y_8gVqkT8x&dq=Krippendorff%2C%20K.%20(2004).%20Content%20analysis%3A%20An%20introduction%20to%20its%20methodology%20(2nd%20ed.).%20Thousand%20Oaks%2C%20CA%3A%20Sage.&lr&hl=pt-PT&pg=PA27#v=onepage&q&f=false)
- Lin, N. H., & Tzou, S. H. (2015). Traditional Western Art Elements in Disney Animations, Elite Influence in Mass Culture Through the Prism of the Frankfurt School. Em P. L. Patrick Rau. (Ed.), *Cross-Cultural Design Applications in Mobile Interaction, Education, Health, Transport and Cultural Heritage*. (pp. 252-262). Springer International Publishing. Retirado de:
https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-20934-0_24
- Lipovetsky, G. (2000). Sedução, publicidade e pós-modernidade. *Revista Famecos*, 12, 7-13. Retirado de:
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3062>
- Lopes, R. P. R., & Covalleski, R. L. (2019). Infância e Gênero na Comunicação de Marcas: Representação Feminina nas Embalagens de Brinquedos. *Intercom*, 42, 1-15. Retirado de:
<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0439-1.pdf>
- Lueke, A. I. (2014). The Disney Evolution: Princesses as Positive Role Models. *Honors Theses*, 37. Retirado de:
https://ecommons.udayton.edu/uhp_theses/37

- Lucas, A. R., & Puhl, P. R. (2016). A Representação Masculina nos Filmes de Princesas das Disney. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, XXXIX. Retirado de:
<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1626-1.pdf>
- Luhmann, N. (1992). The concept of society. *Thesis eleven*, 31(1), 67-73. Retirado de:
https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/072551369203100106?casa_token=zjcQDwlq164AAAAA:oRYzH8cFdEMcTyJ7zN1oa7fL8A0kIP_2stzNiZAcXUQKeIMzOGfaniX_SDjgRanUvaxtZC-DndH3wA
- Luvizotto, C. K., Trindade, A. C., Firmino, C. B., & Santos, H. S. (2020). Ciberfeminismo em hollywood: a repercussão dos movimentos #MeToo e Time'sUp. *Revista relicário*, 7 (13), 154-159. Retirado de:
<https://museudeartesaerauberlandia.com.br/index.php/relicario/article/view/158>
- Macaluso, M. (2018). Postfeminist Masculinity: The New Disney Norm?. *Social Sciences*, 7(11), 221. Retirado de:
<https://doi.org/10.3390/socsci7110221> <https://doi.org/10.3390/socsci7110221>
- Maity, N. (2014). Damsels in distress: A textual analysis of gender roles in Disney princess films. *IOSR Journal of Humanities and Social Science*, 19(10), 28-31.
- Malinowska, A. (2020). Waves of Feminism. Em K. Ross (Ed.), *The International Encyclopedia of Gender, Media, and Communication*. (pp. 1-7). John Wiley & Sons, Inc.
- Marques, A. N. (2010). Desigualdades de género no mercado de trabalho: Retratos contemporâneos de persistência de dominação masculina. Em R. Philipp (Ed.), *Investigaciones actuales de las mujeres y del género*. (pp. 112-116). Servizo de Publicacións e Intercambio Científico.

- Mittermeier, S. (2020). *A cultural history of the Disneyland theme parks: Middle class kingdoms*. Em S. Mittermeier (Ed.), *The Culture Relevance of Disneyland*. (pp.1-12). Intellect. Retirado de:
https://library.oapen.org/viewer/web/viewer.html?file=/bitstream/handle/20.500.12657/47348/external_content.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- Mohajan, H. K. (2022). Four Waves of Feminism: A Blessing for Global Humanity. *Studies in Social Science & Humanities*, 1(2), 1-8. Retirado de:
<https://doi.org/10.56397/SSSH.2022.09.01>
- Nicholson, L. (2010). Feminism in “Waves”: Useful Metaphor or Not?. *New Politics*, 12(4), 34-39. Retirado de:
<https://core.ac.uk/download/pdf/233196314.pdf>
- Novaes, V. J., & Vilhena, J. (2016). Que corpo é este que anda sempre comigo? Corpo, imagem e sofrimento psíquico. Em M. A. Júnior (Ed.), *A Potência do Belo*. (pp. 42-60). Appris Editora.
- Orenstein, P. (2011). What makes girls girls?. Em P. Orenstein (Ed.), *Cinderella Ate My Daughter*. (pp. 59-77). Harper Collins.
- Pathak, V., Jena, B., & Kalra, S. (2013). Qualitative Research. *Perspectives in Clinical Research*, 4 (3), 192. Retirado de:
<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3757586/>
- Paula, S. I. L. (2020). The Evolving Representation of Women in Disney Princesses. *Ellit*, 2, 130-134. Retirado de:
<https://proceeding.unnes.ac.id/index.php/ELLit/article/view/536>

- Peláez, D. A., & García, P. M. (2015). ¿ Se ha vuelto Disney Feminista? Un nuevo modelo de princesas empoderadas/Has Disney become feminist? A new model of empowered princesses. *Área abierta*, 15(2), 49-61. Retirado de: <https://www.inmujeres.gob.es/publicacioneselectronicas/documentacion/Revistas/ANALITICAS/DEA0247.pdf>
- Pedro, J. M. (2005). Feminismo e gênero na universidade: trajetórias e tensões da militância. *História Unisinos*, 9 (3), 171-172. Retirado de: <https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/6426>
- Pereira, S. (2015). The Internet in Young People's Everyday Life: Listening to Portuguese Teens' Voices. Em I. Eleá (Ed.), *Agents and voices: A panorama of Media Education in Brazil, Portugal and Spain* (p. 137). Nordicom. Retirado de: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/41553>
- Pereira, Y. N. (2021) Masculinidade Tóxica? Vamos falar sobre isto!. Plataforma Geni, 1, 1-8. Retirado de: <https://pt.scribd.com/document/615381676/Masculinidade-toxica>
- Putri, N. A. (2022). Disney Frozen: Challenging the Traditional Gender Roles of Disney Princesses. *LITERA KULTURA: Journal of Literary and Cultural Studies*, 10(2), 59-67. Retirado de: <https://ejournal.unesa.ac.id/index.php/litera-kultura/article/view/55373>
- Rahiman, S. K. (2016). The Politics Behind the Transition of Disney Princesses from Snow White to Frozen. Em P. K. Babu., (Ed.), *Singularities: a transdisciplinary biannual research journal* (pp. 118-123). Singularities. Retirado de: <https://www.singularitiesjournal.com/wp-content/uploads/2019/04/Singularities-Vol-3-Issue-2.pdf#page=118>

- Rautenberg, M. (2010). Stereotypes and Emblems in the Construction of Social Imagination. *Outlines. Critical Practice Studies*, 12(2), 126-137. Retirado de: <https://tidsskrift.dk/outlines/article/view/2687>
- Reilly, C. (2016). Chapter Four: An Encouraging Evolution Among the Disney Princesses? A Critical Feminist Analysis. *Counterpoints*, 477, 51–63. Retirado de: <http://www.jstor.org/stable/45157186>
- Renaut, C., (2011). Disneyland Paris: A Clash of Cultures. Em Jackson, K. M., & West, M. I. (Eds.), *Disneyland and Culture: Essays on the Parks and Their Influence*. (pp. 125-137). Mcfarland & Company, Inc., Publishers. Retirado de: https://books.google.com.br/books?id=64zxQwEg_IAC&lpg=PA125&ots=KzDUrGoF54&dq=opening%20of%20disneyland%20paris&lr&hl=pt-PT&pg=PR4#v=onepage&q=opening%20of%20disneyland%20paris&f=false
- Rossmann, G. B., & Rallis, S. F. (2011). Learning in the field: An introduction to qualitative research. Em G. B. Rossmann., & S. F. Rallis (Eds.), *Qualitative Research as Learning*. (pp. 1-28). Sage. Retirado de: <https://books.google.com.br/books?id=JgTLGHLhwFAC&lpg=PR1&ots=IVfy1vOHPk&lr&hl=pt-PT&pg=PA26#v=onepage&q&f=false>
- Rudloff, M. (2016). (Post)feminist paradoxes: The sensibilities of gender representation in Disney's Frozen. *Outskirts (Online)*, 35, 1-20. Retirado de: http://www.outskirts.arts.uwa.edu.au/__data/assets/pdf_file/0009/2950902/Outskirts-Rudloff.pdf
- Qu, S. Q., & Dumay, J. (2011). The qualitative research interview. *Qualitative research in accounting & management*, 8(3), 238-264. Retirado de: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/11766091111162070/full/html>

Santos, R. (2007). *Indústrias Culturais. Imagens, valores e consumos*. Edições 70.

Saraiva, J. (2021). A escrita de mulheres como espaço de elaboração de traumas coletivos: uma análise das obras *Baratas*, de Scholastique Mukasonga, e *Meio Sol Amarelo*, de Chimamanda Ngozi Adichie. *Revista de Ciências Sociais*, 52 (1), 179-201.

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8112744>

Sarmiento. M. (Ed.). *Sociologia da Infância: Correntes e Confluências*. Em M. Sarmiento & M. C. S. Gouvea (Org.), *Estudos da Infância: Educação e Práticas Sociais*. (pp. 17-39). Vozes.

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/66608>

Scarano, R. C. V., & Pertile, G. H. (2021). A questão da identificação em O estúdio do espelho e sua relação com a alteridade em Jacques Lacan. *Analytica*, 10 (19), 1-21.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972021000200008

Schmidt, C. (2004). *The Analysis of Semi-structured Interviews*. Em U. Flick., E.V. Kardoff & I. Steinke (Eds.), *A Companion to Qualitative Research* (pp. 253-258). Sage Publications.

Schöpflin, G. (2010). *The dilemmas of identity*. Em G. Schöpflin (Ed.), *Part I Culture: The Construction of Identity; Identities; Collective Norms*. (pp. 49-62) Tallinn University Press. Retirado de:

<https://books.google.pt/books?id=JDxbGnSGDAMC&lpg=PA13&ots=U5i7b9cQfb&dq=Sch%C3%B6pflin%2C%20G.%20&lr&hl=pt-PT&pg=PA9#v=onepage&q=Sch%C3%B6pflin,%20G.&f=false>

Seamon, J. (2015). *Memory and movies: What films can teach us about memory*. MIT Press.

Silalahi, R., Wibowo, K. A., & Fuady, I. (2023). Comparison of Beauty Standards and Body Images on Disney Princesses and Female Villains. *The Journal of Society and Media*, 7(1), 174–192. Retirado de:
<https://doi.org/10.26740/jsm.v7n1.p174-192>

Singer, N. (2023). The Power of Princesses: How Disney's Female Characters Shape Girl's Identities. Research Square, 1-23. Retirado de:
<https://www.researchsquare.com/article/rs-3054699/v1>

Soares, C. S., Gatt, P., & Chagas, T. S. (Org.). (2022). Representações do Feminino na Antiguidade e no Medievo. Em Plum, T. C. (Ed.), *Entre o medo e a repressão: o arquétipo feminino quinhentista e sua relação com a caça às bruxas*. (pp. 139-153). Milfontes.

Strasburger, V. C., & Donnerstein, E. (1999). Children, Adolescents, and the Media: Issues and Solutions. *American Academy of Pediatrics*, 103(1), 129-139. Retirado de:
https://www.researchgate.net/profile/Victor-Strasburger/publication/13372597_Children_Adolescents_and_the_Media_Issues_and_Solutions/links/0fcfd510687c615693000000/Children-Adolescents-and-the-Media-Issues-and-Solutions.pdf

Teixeira da Silva, F. C., & Schurster, K. (2016). A historiografia dos traumas coletivos e o Holocausto: desafios para o ensino da história do tempo presente. *Estudos Ibero-Americanos*, 42(2), 744-772. Retirado de:
<https://www.redalyc.org/pdf/1346/134646844018.pdf>

Telles, N. (2004). Escritoras, Escritas e Escrituras. Em M. Del Priore (Org.) *Histórias das Mulheres no Brasil*. (pp. 336-337). Editora Contexto.

- Torres, H. A. L. (2013). El Diseño de Empaque del Juguete y Su Relación Con Los Estereotipos de Género. *Revistas UNAM*, 14 (7), 1-12. Retirado de:
<http://www.revista.unam.mx/vol.14/num7/art17/index.html>
- Venkat, V. (2015). A feminist inception in Disney movies: A move away from hegemonic masculinity. *Singularities*, 2(2), 34-40. Retirado de:
<https://www.singularitiesjournal.com/wp-content/uploads/2019/04/Journal-Vol-2-Issue-2-1.pdf#page=34>
- Viegas, S. I. R. (2008). Olhar e memória na percepção cinematográfica. *Princípios*, 15 (24), 31-44.
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2978458>
- Virketienė, A., & Raišienė, A. G. (2020). Beyond the Subjective Experience of Visual Information in the Modern Media. *Journal of Intercultural Management*, 12(3), 99-116. Retirado de:
<https://www.ceeol.com/search/article-detail?id=924350>
- Wall, K., Correia, R. B., & Gouveia, R. (2019). Atitudes face às licenças parentais em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, (90), 55-76. Retirado de:
<https://journals.openedition.org/spp/6018>
- Wasko, J. (2001). Challenging Disney Myths. *Journal of Communication Inquiry*, 25(3), 237-257. Retirado de:
https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0196859901025003004?casa_token=mwqQTaQARncAAAAA:g3_OBMPtiLlbtE3nWUV9Br0aukV55RElPiI3GDs7xIVmoSP9R74WEEwd4y4ZLzhTgX7TXr0np3O7tw

- Wilde, S. (2014). Repackaging the Disney princess: A post-feminist reading of modern day fairy tales. *Journal of Promotional Communications*, 2(1), 132-153. Retirado de:
<https://www.promotionalcommunications.org/index.php/pc/article/view/42>
- Wolf, N. (1992). O Mito da Beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Em N. Wolf (Ed.), *O Mito da Beleza*. (pp.11-24). Rocco.
- Wohlwend, K. E. (2012). Are you guys girls?: Boys, identity texts, and Disney princess play. *Journal of Early Childhood Literacy*, 12(1), 3-23. Retirado de:
https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1468798411416787?casa_token=mrnf4Hg0DkUAAAAA%3AgwLxnSi8UBYxZNSd5z_6R5VVKfybgkMnKYzqmEI9069ySZ9sYHHNDTd2DLm3HT4uonhU8IOWkY4n
- Wohlwend, K. E. (2015). Playing to belong: Sharing princesses and mediating preschool cultures. Em R. Hains & M. Forman-Brunell (Eds.), *Princess cultures: Mediating girls imaginations and identities* (pp. 91-112). Peter Lang. Retirado de:
<https://scholarworks.iu.edu/dspace/items/7ddf8774-2ccc-4ee6-93b2-6dbe21abe653>
- Xu, M. (2021, August). Analysis on the Influence of Female Characters in Disney Films. Em *5th International Seminar on Education, Management and Social Sciences* (pp. 327-331). Atlantis Press. Retirado de:
[10.2991/assehr.k.210806.061](https://www.atlantis-press.com/journal/10.2991/assehr.k.210806.061)
- Zarranz, L. G. (2007). Diswomen strike back? The evolution of Disney's femmes in the 1990s. *Atenea*, XXVII (2), 55-65. Retirado de:
<https://ece.uprm.edu/artssciences/atenea/Atenea-XXVII-2.pdf#page=56>

Zirbel, I. (2021). Ondas do Feminismo. *Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia*, 7 (2), 10-31. Retirado de:
<https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/ondas-do-feminismo/>

Referências Cinematográficas

Cottrell, W., Hand, D., & Jackson, W. (Directors). (1937). Branca de Neve e os sete anões. Walt Disney's.

Andrews, M., Chapman, B., & Purcell, S. (Directors). (2012). Brave- Indomável (Filme). Disney Pixar.

Buck, C., & Lee, J. (Directors). (2013). Frozen. Disney.

Hall, D., Estrada, C. L., & Briggs, P. (Directors). (2021). Raya e o Último Dragão (Filme). Disney.

Anexos

Guião da entrevista

1. Já viu algum filme de princesas da Disney? (Se disse sim, quais?)
2. Tem recordações ou memórias de algum enredo de um filme?
3. Como descreveria a evolução da representação das princesas ao longo do tempo?
4. Quais seriam para si as características físicas e psicológicas de uma “princesa” da Disney?
5. Na sua opinião existem diferenças entre as princesas da Disney representadas na imagem?
6. Dos filmes demonstrados nas imagens já visualizou algum?
7. Recorda-se de alguma mensagem transmitida pelas histórias das princesas da Disney demonstradas na imagem?
8. Acha que consegue identificar padrões de beleza nas princesas da Disney?
9. (Se disse que sim à pergunta anterior) Pode descrever quais os padrões que identifica?
10. (Se disse que sim à pergunta oito) Acha que os padrões que identificou podem afetar a perceção da representação físicas das mulheres?
11. (Dependendo da conversa anterior, nas perguntas 8, 9 e 10) - Se pudesse realizar uma modificação na narrativa (identificada na conversa) dos filmes das princesas da Disney qual seria?
12. Entre os seguintes filmes: Branca de Neve, Pocahontas, Brave Indomável, Frozen e Raya e o Último Dragão, considera que algum produz alterações na representação das mulheres?
13. Como ordenava estas imagens das princesas, começando pela que reforça mais estereótipos até aquela que mais desafia e rompe com os padrões estereotipados, impostos pela sociedade?
14. Como descreveria a marca Disney?
15. Qual a sua relação com os seus produtos?
16. Já adquiriu ou pediu expressamente brinquedos da Disney?
17. Em algum momento as princesas da Disney tiveram alguma influência na sua vida?